

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

TIC NA ESCOLA: ENTRE O CURSO E O DISCURSO

**UM ESTUDO DE CASO DE PERCURSOS ESCOLARES DE ALUNOS
EM AGRUPAMENTO DE ESCOLAS**

**Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre em Educação
Variante Administração Escolar**

Autor: Cláudia Patrícia Silva Carvalho

Orientador: Prof. Doutor José Luís Pires Ramos

“Esta Dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo Júri.”

ÉVORA

MAIO DE 2007

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

TIC NA ESCOLA: ENTRE O CURSO E O DISCURSO

UM ESTUDO DE CASO DE PERCURSOS ESCOLARES DE ALUNOS
EM AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre em Educação
Variante Administração Escolar

Autor: Cláudia Patrícia Silva Carvalho

Orientador: Prof. Doutor José Luís Pires Ramos

“Esta Dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo Júri.”

ÉVORA

MAIO DE 2007



185776

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

A consecução de um trabalho desta natureza é sempre uma partilha de experiências, entre várias pessoas. Ao longo da elaboração deste trabalho, muitos foram aqueles que contribuíram directa ou indirectamente para a formação do autor e para a materialização de um conjunto de ideias. Para todos eles explicitamos, aqui, o mais profundo agradecimento. Ainda assim, sem incorrer na injustiça de esquecer alguém, gostaríamos de agradecer especialmente:

- Ao Prof. Doutor José Luís Pires Ramos pela sua competência e disponibilidade com que orientou este trabalho, e pelo interesse demonstrado e estímulo constante ao longo da orientação desta dissertação.
- Ao Agrupamento Vertical de Ourique, em especial aos membros do Conselho Executivo (Dr. Fernando Santos, Dr. Manuel Raposo, Dra. Ana, Cesaltina e Orlanda), pela abertura, amizade e constante colaboração desde o primeiro momento.
- Aos Alunos e Directores de Turma do Agrupamento Vertical de Ourique, que se mostraram empenhados em participar no estudo, concedendo entrevistas que sem as quais a realização da dissertação se tinha revelado inviável.
- Ao Administrador de TIC do Agrupamento Vertical de Ourique (Élio Neves), por toda a documentação cedida e inestimável colaboração prestada no desenvolvimento deste trabalho.
- À Sra. Vereadora da Câmara Municipal de Ourique (Florabela Martins) pela ajuda prestada, sem a qual não teria sido possível realizar uma parte das entrevistas.
- Aos docentes Prof. Doutor José Verdasca, Professor Doutor Vítor Trindade, Prof. Doutor José Bravo Nico e Prof. Doutor Luís Sebastião, pelo seu estímulo e por terem acreditado em mim.
- Aos docentes do curso de Mestrado pelos conhecimentos que nos transmitiram, e pelo contributo para a minha formação académica.

- Aos colegas do VI Curso de Mestrado em Educação – Administração Escolar, pela partilha de conhecimentos, apoio e amizade indispensáveis à conclusão desta etapa.
- Aos meus amigos e à minha família pela ajuda, compreensão e apoio incondicional que sempre me fizeram sentir, e em especial aos meus pais, e à irmã pelo simples facto de existirem.
- Ao João pelo apoio e paciência ao longo desta etapa da minha vida.
- A tantos outros que ao longo deste percurso passaram pelo meu caminho fornecendo-me elementos preciosos e dando-me força neste projecto.

“O Homem descobre-se quando se mede com um obstáculo.”

A. Saint-Exupéry (1900-1944)

RESUMO

TIC na escola: entre o Curso e o Discurso

Um estudo de caso de percursos escolares de alunos em agrupamento de Escolas

Num contexto de uma sociedade em constante mudança, onde é cada vez maior o recorrer das novas tecnologias, surge um imperativo: o conhecimento e constante actualização das novas tecnologias de comunicação e informação. Neste sentido, e no que concerne à educação em particular, é pertinente que esta área de trabalho seja alvo do estudo feito por Professores, e que este tenha aplicação aquando a prática profissional assim o exigir.

A presente investigação propõe-se a compreender de um modo geral as percepções dos alunos acerca das suas experiências vividas no A. V. O., em matéria de utilização das TIC.

A investigação decorreu no A.V.O., com uma postura metodológica essencialmente qualitativa. Foi adoptado um tipo de pesquisa, com base no estudo de caso, à qual se associou a técnica de entrevista como instrumento de recolha de dados. A análise dos dados consistiu na transcrição das entrevistas e análise de conteúdo das mesmas.

A dissertação está fragmentada em duas vertentes principais: uma de cariz teórico, na qual se pretendeu reunir informação sobre a investigação empírica; e uma de teor prático, onde se apresenta a descrição metodológica do trabalho, bem como a apresentação, análise e interpretação dos dados obtidos.

As conclusões do estudo apontam, genericamente, para o facto de a formação e a sensibilidade dos professores, bem como a falta de equipamento nalguns dos estabelecimentos estar ligada directamente com a quantidade de experiências que são proporcionadas aos alunos ao longo do seu percurso escolar. A assimetria da distribuição do equipamento nas várias escolas, bem como o recente apetrechamento informático da Escola sede denuncia que uso que se faz do equipamento, continua a ficar aquém das suas potencialidades. Na voz dos alunos, as actividades mais usadas são: a pesquisa na internet e elaboração de trabalhos em formato *Word*. As TIC parecem ter-se afirmado na vida dos alunos e da restante comunidade, tendo sido apontado por estes a necessidade de se utilizar mais e se proceder à construção de projectos que envolvam a abertura do Agrupamento para o mundo, nomeadamente a criação do *site* do Agrupamento, bem como a comunicação intra escolas e inter escolas.

Apesar de todas as limitações, inerentes a este tipo de trabalho, é nosso objectivo que este trabalho seja um contributo para a mudança de atitude, necessária e incontornável, dos actores das nossas escolas.

Palavras-Chave: *Percursos escolares, experiências com uso das TIC, tecnologias nas escolas, recursos tecnológicos.*

ABSTRACT

TIC in school: between the speech and the course A student school route case study in a School Grouping

In a context of a constant change society, where is bigger the new technologies appealing, an imperative appears: the new technologies of communication and information knowledge's and constant update. In this direction, and in particular concern to education, is pertinent that in this work area, studies by professors appear, and the application of that studies appears, when the practical professional demanding.

The present investigation intends the general understanding of the student perceptions, that to concerning a experiences with TIC, lived in the Vertical Grouping of Ourique.

The investigation occurred in the Vertical Grouping of Ourique, with a qualitative approach position. A research type was adoptee, case study, associated by an interview technique as instrument of retraction of data. The data analysed consisted in a transcription of the interviews and analysis of content of the same ones.

The investigation is broken up in two aspects: one of theoretical research, in which if it intended to congregate information on the empirical inquiry; and empirical study, where if it presents the methodological description of field work, as well as the presentation, analysis and interpretation of the gotten data.

The conclusions of study, generically, point to the fact that teacher's sensitivity and formations, as well as the lack of equipment in some schools, are connected with the amount of experiences that are proportionate to the pupils throughout its pertaining to school passage. The asymmetry of the equipment distribution in the some schools, as well as the recent equipment of the headquarters school denounces that equipment use, continues to be on this side of its potentialities. In student voices, the activities most used are: the research in the Internet and elaboration of works in Word format. The TIC was affirm in the life of the pupils and the remaining community, having been affirmed for the necessity of using more and proceeding to the construction of projects that involve the opening of the Grouping for the world, like a creation of the school site's, as well as the communication intra schools and Inter schools.

Although all the limitations, inherent to this type of work, are our objective that this work contributes for the attitude change, necessary to the actors of our schools.

Key Words: *School, experiences with TIC, technologies in the schools, technological resources.*

ÍNDICE GERAL

	Pág.
Índice de Quadros.....	xi
Índice de Figuras.....	xiii

INTRODUÇÃO.....	1
------------------------	----------

I – REVISÃO DA LITERATURA

Capítulo 1 – AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NA ESCOLA

1. A INTRODUÇÃO DAS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NAS ESCOLAS.....	8
2. FACTORES QUE CONDICIONAM A INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NAS ESCOLAS.....	10
2.1 O equipamento.....	15
2.2. O investimento.....	17
2.3. Os recursos humanos.....	18
2.4 Os currículos.....	20
3. OS NOVOS PAPÉIS EXIGIDOS PELAS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS.....	23

Capítulo 2 – CONTRADIÇÕES NOS DISCURSOS E NAS PRÁTICAS

1. NARRATIVAS SOBRE AS TIC.....	26
2. EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM TIC.....	32

II – ASPECTOS METODOLÓGICOS E ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo 3 – METODOLOGIA

1. NOTA INTRODUTÓRIA.....	35
2. A INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO.....	36
2.1. Características da investigação qualitativa.....	36
2.2. Análise dos dados qualitativos.....	39
2.3. Estudo de caso.....	40
3. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO	
3.1 Amostra produtora de dados.....	44
4. OPÇÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
4.1. Instrumentos de recolha dos dados	
4.1.1. A entrevista.....	47
4.2. Procedimento geral para a análise dos dados.....	48

Capítulo 4 – CONHECER E INTEGRAR O AGRUPAMENTO

1. NO CONCELHO.....	50
2. NO PROJECTO EDUCATIVO.....	54
3. NO PAPEL DAS TIC.....	58
4. NO PLANO TIC.....	65

Capítulo 5 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

1. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	69
2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	71
3. CONCLUSÕES.....	104

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	112
2. CONTRIBUTOS PARA ESTUDOS FUTUROS.....	113
BIBLIOGRAFIA.....	114
ANEXOS.....	128

ÍNDICE DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1 - Amostra dos alunos alvo a entrevistar.....	45
Quadro 2 - Distribuição da população por idade.....	51
Quadro 3 - Distribuição da população por sector de actividade.....	52
Quadro 4 - População residente, segundo o nível de ensino atingido (em n.º de indivíduos) e taxa de analfabetismo (em percentagem).....	53
Quadro 5 - Número de alunos matriculados durante os anos lectivos 2005/2006 e 2006/2007.....	56
Quadro 6 - Campos de intervenção, objectivos e acções a desenvolver durante o triénio 2007/2009.....	59
Quadro 7 – Parque informático das escolas do ensino Pré - escolar do Agrupamento Vertical de Ourique em 2006/2007.....	60
Quadro 8 – Parque informático das escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Agrupamento Vertical de Ourique em 2006/2007.....	61
Quadro 9 -. Parque informático da Escola E. B. 2,3/S do Agrupamento Vertical de Ourique em 2006/2007.....	62
Quadro 10 -. Distribuição dos elementos entrevistados.....	69
Quadro 11-. . Categorias e sub-categorias identificadas nas entrevistas aos alunos.....	73
Quadro 12 -. Equipamento existente em casa.....	75
Quadro 13 -. Equipamento na escola.....	76

Quadro 14 - . <i>Locais/distribuição do equipamento</i>	77
Quadro 15 - . <i>Condições de conectividade</i>	79
Quadro 16 - . <i>Outras tecnologias</i>	81
Quadro 17 - . <i>Software existente</i>	82
Quadro 18 - . <i>Disciplinas onde trabalha com TIC</i>	83
Quadro 19 - . <i>Actividades na escola com TIC</i>	84
Quadro 20 - . <i>Necessidade de acompanhamento nas actividades</i>	85
Quadro 21 - . <i>Tipo de utilizadores</i>	86
Quadro 22 - . <i>Equidade no acesso</i>	87
Quadro 23 - . <i>Motivação para a utilização</i>	88
Quadro 24 - . <i>Comunicação</i>	89
Quadro 25 - . <i>Divulgação de trabalhos, projectos, etc</i>	90
Quadro 26 - . <i>Mudanças Intrínsecas/Extrínsecas</i>	92
Quadro 27 - . <i>Decisões/Medidas</i>	93
Quadro 28 - . <i>Vantagens</i>	94
Quadro 29 - . <i>Expectativas/Desejos</i>	95
Quadro 30 - . <i>Avaliação</i>	97

ÍNDICE DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1 - <i>Níveis e categorias de obstáculos à integração das TIC no processo de ensino e aprendizagem.....</i>	11
Figura 2 - <i>Mapa das freguesias do concelho de Ourique.....</i>	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação, variante de administração escolar, subordinado ao tema *“TIC na escola: entre o curso e o discurso. Um estudo de caso de percursos escolares em agrupamento de Escolas”*.

Numa sociedade onde as novas tecnologias de informação e comunicação imperam, e onde cada vez mais se faz sentir o estado de globalização, impõe-se uma nova concepção de Escola, e como tal, a formação exigida aos professores e as experiências adquiridas pelos alunos tornam-se também diferentes.

Sabemos que as novas tecnologias modificaram e influenciaram decisivamente a nossa forma de viver, de pensar e de trabalhar (quantos de nós se imaginam a viver sem telemóvel por perto? Ou sem ter acesso diário ao seu e-mail?). Inevitavelmente as novas tecnologias vão influenciar também a nossa forma de aprender (Franco, 2001).

Nos últimos anos tem-se intensificado a análise científica sobre a utilização das TIC e a integração destas nos processos educativos. Os elementos das comunidades escolares não têm ficado alheios aos acérrimos debates, pelo que têm surgido vários estudos neste âmbito. Ao falarmos em estudos, seríamos omissos, se não elevássemos o papel que os vários estudos efectuados na Europa, pelas mais diversas entidades, têm tido no caso português. Estudar a realidade portuguesa, estimulados pelos índices revelados pelos restantes países da Europa faz-nos tomar uma consciência de que muito há a fazer no nosso território.

Segundo Cruz (s.d.) Podemos constatar que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) integradas na escola, fornecem meios para se alcançarem objectivos educativos, transformam e alargam a dimensão da escola, ao promoverem oportunidades de realização de novas aprendizagens e permitirem um intercâmbio sócio-cultural.

A Escola não pode pois, ignorar o mundo que a rodeia tornando-se autista e redutora do desenvolvimento cultural, social e económico de uma comunidade.

De acordo com Viseu (2003) no domínio educativo e escolar, é possível identificar quatro áreas de investigação em torno das TIC: o currículo e o desenvolvimento curricular, as tecnologias educativas, as políticas educativas e a organização e administração educacional.

Centraremos o nosso estudo entre as tecnologias educativas e a organização e administração educacional.

Graf, K. (cit. por Ramos, 1999c:101) argumenta: a minha posição fundamental é que a principal tarefa não é a integração extensiva da informática e tecnologias de informação em geral, mas a melhoria da educação, tal como esperado e exigido pela sociedade confrontada que está com um sem número crescente de problemas com uma enorme complexidade.

É neste contexto que partimos para este estudo lembrando Ramos (2005) que refere que “ajudar as pessoas a fazer um melhor uso das TIC pode também significar ajudá-las a compreender o potencial, os riscos e as limitações das tecnologias.”

Ramos (2001) refere ainda que a gestão da escola e as estratégias implementadas tem uma extrema importância no modo como as TIC são integradas no currículo dos alunos. A sensibilidade e atitude dos responsáveis pela gestão da escola podem ser determinantes para a quantidade e qualidade das experiências proporcionadas (ou não) aos alunos e professores.

A questão da quantidade e das qualidades das experiências educativas parece ficar para segundo plano quando falamos de integração das TIC nas escolas. No entanto a primeira surge como veículo operacionalizador da segunda.

O agrupamento de escolas será neste estudo considerado um sistema macro organizacional, integrando vários micro sistemas, que por sua vez, juntamente com os actores educativos são passíveis de gerar tomadas de decisões que directa ou indirectamente fomentam mudanças organizacionais. O interesse do presente estudo reside em conhecer as experiências obtidas pelos alunos e as oportunidades que são proporcionadas aos alunos, em matéria de utilização das TIC no A.V.O., e consequentemente perceber a forma como as práticas de organização e administração influenciam a quantidade e qualidade das experiências.

O entusiasmo, a sensibilidade e a importância que depositamos nestas questões educativas, motivam-nos a conhecer, compreender e avaliar esta problemática no contexto organizativo-administrativo escolar.

A principal razão deste tema é portanto a sua actualidade. Apesar de muito se falar em novas tecnologias, este estudo visa uma abordagem onde as organizações escolares possam vir a beneficiar com a experiência e o conhecimento validado e confiável que se tentará construir. E que poderá ser utilizado de forma a evitar-se erros e aproveitados os aspectos positivos da experiência.

Sendo uma realidade no nosso sistema, e à qual é reconhecida grande importância, potencialidades pedagógicas e organizacionais, não abundam contudo, estudos sobre o seu processo de desenvolvimento. Abundam sim estudos que visam descortinar a percepção dos docentes face ao uso e motivação para as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). Um trabalho sobre este tema parece, portanto responder à necessidade de construção de um conhecimento mais amplo sobre o mesmo. Poderá este ser definido como um critério de relevância.

Um segundo critério, de viabilidade parece-nos apropriado uma vez que a problemática das experiências vividas pelos alunos com as NTIC é cada vez mais relevante, acessível e actual, quer ao nível de abordagens qualitativas como quantitativas, quer no acesso às fontes de dados, assim como na aplicação de uma metodologia de investigação.

A última motivação para a escolha do tema é de natureza pessoal e diz respeito ao facto de a investigadora ter exercido funções de docente no Agrupamento vertical de Ourique (A.V.O.) durante o ano lectivo 2005/2006, assim como ao meu interesse na dinâmica do Agrupamento, que resultou na decisão de investigarmos um pouco mais desta realidade.

Pretende fazer-se uma investigação descritiva e exploratória sobre as experiências com TIC que são proporcionadas aos alunos do A.V.O. Para a definição da questão a que este estudo visa dar resposta, entendemos ser necessário afirmar que esta se centra em três aspectos fundamentais: as experiências adquiridas pelos alunos em final de ciclo, o apetrechamento de material informático e audiovisual do Agrupamento e a motivação dos docentes para a utilização das NTIC. Tendo por base alguns indicadores de partida, a investigação pretende avaliar até que ponto a disponibilidade de equipamento e a motivação dos professores para a utilização das NTIC, influencia a quantidade e qualidade de experiências com recurso às TIC que os alunos vivenciam na realidade escola.

Coloca-se assim a problemática central da investigação: *Apesar de todo o equipamento que o Agrupamento possa ter, e a motivação demonstrada pelos professores para o uso das TIC, quais são na realidade as experiências vividas pelos alunos do Agrupamento Vertical de Ourique, nos vários finais de ciclo (1.º, 2.º e 3.º ciclo e Secundário)?*

Tendo em conta a questão de partida do presente estudo, e uma vez que se trata de uma questão complexa, definiram-se alguns objectivos para a investigação:

- Identificar o tipo de Meios Tecnológicos existentes no A.V.O.
- Conhecer as experiências com recurso às TIC, que os alunos adquirem ao longo de cada ciclo de ensino.
- Verificar se as experiências com recurso às TIC influenciam os alunos na aquisição de competências necessárias para o seu desempenho no mundo actual.
- Descrever e analisar as perspectivas que alunos têm sobre a utilização das TIC.
- Identificar expectativas, constrangimentos demonstradas pelos professores e alunos aquando necessário o uso das NTIC.
- Identificar os esforços desenvolvidos pelo Agrupamento na área das TIC no sentido de inovação e melhoramento.

A referida investigação serve de base à efectiva dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Educação variante Administração Escolar, da Universidade de Évora. Elaborada no sentido de justificar e apresentar os resultados do estudo, foi estruturada em duas partes: primeira parte – revisão da literatura e a segunda parte – aspectos metodológicos e estudo empírico.

A primeira procura enquadrar o estudo dividindo-se em dois capítulos. No primeiro capítulo procura-se, caracterizar a entrada das tecnologias educativas nas escolas, o papel das tecnologias na escola, e nos percursos escolares dos alunos, bem como retratar os factores que muito contribuem para a integração das tecnologias educativas na escola, no último ponto serão abordados os novos papéis exigidos pelas tecnologias educativas aos principais intervenientes no processo educativo. No

segundo capítulo confrontamos os discursos e as práticas em matéria de TIC, disponíveis na literatura por nós consultada.

Na segunda parte concretizamos a nossa análise a partir de um estudo empírico que compreende três capítulos. O primeiro dedica-se à justificação do desenho de investigação; o segundo caracteriza o A.V.O. e os seus projectos mais relevantes para as TIC e o terceiro que se ocupa da análise dos dados recolhidos, e onde se tecem algumas interpretações aos dados obtidos.

A abordagem metodológica geral do estudo é de carácter qualitativo devido à natureza das questões de pesquisa. O estudo de caso foi a estratégia por nós eleita, justificando-se por dois motivos. Em primeiro, o cariz exploratório do estudo, pela falta de estudos sobre as percepções dos alunos em matéria de TIC. Em segundo, a dinâmica descritiva, que permite dar a conhecer o objecto de estudo e alguns factores que lhe são inerentes.

Para obtermos resposta à questão central do estudo, tivemos a necessidade de criar e desenvolver um instrumento de recolha de dados: a entrevista. Através das entrevistas foram obtidos dados dos vários actores previamente seleccionados, que posteriormente foram submetidos a análise de conteúdo e triangulados entre si. A análise das entrevistas girou em torno de três objectivos: a caracterização do equipamento existente, conhecer as perspectivas dos alunos sobre a utilização das TIC no A.V.O. e conhecer a expectativas dos alunos sobre o futuro da utilização das TIC no A.V.O.

No que se refere à caracterização do A.V.O., no primeiro ponto, serão apresentadas algumas características do concelho do A.V.O., nomeadamente população escolar, taxa de alfabetização, entre outros factores. No segundo ponto, serão evidenciados os aspectos fundamentais do projecto educativo do agrupamento, nomeadamente e o rumo que se pretende tomar. No terceiro ponto, será focado o papel desempenhado pelas TIC no agrupamento, e a sua importância para o mesmo. No quarto ponto, de forma a completar o terceiro ponto será dissecado o plano TIC em vigor no A.V.O., de forma a ressaltar aspectos que nos permitam fazer uma interpretação dos dados com o rigor que lhe é exigido.

Quanto à análise e interpretação dos dados recolhidos, num primeiro momento é feita uma breve caracterização dos entrevistados. Num segundo momento serão feitas as análises das entrevistas, enfatizando as categorias de análise das entrevistas, que por sua vez coincidiram com os objectivos das entrevistas. E num

terceiro momento serão tecidas algumas conclusões, resultantes da triangulação de dados obtidos nas entrevistas dos alunos, presidente do conselho executivo e administrador das TIC do A.V.O.

Finalmente, o estudo é completado com algumas considerações finais acerca dos resultados, em virtude dos objectivos enunciados e pelas limitações do estudo.

I – Parte

REVISÃO DA LITERATURA

AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NA ESCOLA

1. A introdução das tecnologias educativas nas escolas

A era dos serviços de informação teve como sinal de expansão por volta de 1930 com a descoberta do telefone, ao nível das telecomunicações e da rádio ao nível do meio audiovisual. Hoje chegados aos anos 2000 as telecomunicações tendem a ser efectuadas através de mecanismos de voz, as tecnologias de informação assumem-se através da Internet e todos os demais serviços de informação tendem a convergir para um tipo único de serviços, os serviços de Multimédia.

Esta convergência de serviços traduz-se em oportunidades de aprendizagem que podem ser efectuadas na escola, local de trabalho e em casa.

Silva (2001c) caracteriza os momentos determinantes da entrada das TIC na escola bem como as suas relações com os modelos e directrizes referentes à organização escolar e curricular da seguinte forma: o primeiro abrange toda segunda metade do século XIX e início do século XX, é marcado pela penúria de meios em correspondência à adopção do método de ensino tradicional; o segundo, iniciado com o Estado Novo, é marcado essencialmente pela descoberta do cinema educativo; o terceiro iniciado na década de 60, mas apenas com afirmação na década de 80, é marcado pela introdução dos meios audiovisuais no ensino; o quarto, iniciado em finais da década de 80 e que percorre a primeira parte da década de 90, é marcado pela entrada da informática; e o quinto, em curso, está marcado pelo multimédia e pelas redes telemáticas de comunicação.

Delors (1996) avisa que a Escola não pode pois, ignorar o mundo que a rodeia tornando-se fechada e redutora do desenvolvimento cultural, social e económico de uma comunidade. Referindo Ponte (2002) “as novas tecnologias aí estão e tudo indica que estejam para ficar.” Espera-se que os professores se consciencializem das novas possibilidades ou impacto que o computador pode ter na renovação do ensino.

No entanto, é necessário que os professores dominem estas tecnologias para poderem tirar melhor partido delas, quer nos aspectos técnicos, quer pedagógicos.

Segundo CRSE (1988) a respectiva introdução pode visar alguns, ou uma combinação, dos objectivos seguintes:

- Introduzir uma nova “linguagem” mediática, complementando as já utilizadas no diálogo pedagógico;
- Familiarizar a população das escolas com um instrumento que se prevê que seja extremamente ubíquo na sociedade futura, em muitas das suas actividades;
- Formar ou iniciar as mesmas populações escolares nos métodos e técnicas da informática;
- Criar rotinas de acesso e selecção de informação memorizada;
- Introduzir na aula um novo processo para elaboração e tratamento de textos escritos;
- Introduzir o ensino programado, assistido por computador, nas várias disciplinas;
- Informatizar a organização da escola e das suas actividades;
- Abrir a escola a uma maior participação na vida da comunidade exterior, utilizando o computador como instrumento para a resolução de problemas dessa comunidade;
- Criar, no processo de formação da personalidade dos estudantes, hábitos de rigor e disciplina de pensamento, de expressão e de actuação;
- Introduzir uma componente de alto valor de motivação no ambiente da classe, através do atractivo das novas tecnologias;
- Introduzir um elemento lúdico com características não disruptivas (CRSE, 1988).

Vários autores apontam para o facto de formação geral em tecnologia educativa dever constituir matéria curricular permanente nos cursos de formação inicial de professores, bem como na profissionalização de diplomados com outras formações superiores não especificamente dirigidas para o ensino; deve, ainda, constituir tema relevante na actualização e formação recorrente da camada docente em geral.

2. Factores que condicionam a integração das tecnologias educativas nas escolas

As novas tecnologias de informação e comunicação tomaram um lugar de destaque no nosso quotidiano, afectaram as nossas vidas: na maneira de trabalhar, comprar e consumir, na gestão dos nossos tempos livres e principalmente na maneira como comunicamos. De acordo com isto tornou-se imperativo “integrar e dominar as novas tecnologias de informação que exigem uma relação mais interactiva entre professores e alunos para poder trocar e partilhar de maneira mais fluida e permanente o acesso, a selecção e a crítica do conhecimento” (Sebarroja, 2001).

No período da década de 80-90, balizado temporalmente pela Reforma Educativa (1986-1993) e pelo Projecto Minerva (1985-1994), valorizou-se mais do que qualquer outro período da história educacional portuguesa, a questão da integração das TIC na Educação e na Escola. No entanto, a escassez dos recursos, a falta da criação de infra-estruturas e de sistemas de actualização e manutenção de equipamentos, bem como a falta de uma política adequada na formação contínua de professores, invalidaram os propósitos que a integração das TIC poderiam favorecer nas mudanças das práticas curriculares. (Bento, 2001)

Hoje o ensino que se procura desenvolver, e que está desenhado nos diplomas homologados pelo Ministério da Educação, é um ensino virado para o aluno, acima de tudo. É dever do professor proporcionar ao aluno o incentivo para que ele possa ser “criativo, participativo, motivado a ir além do que já conhece, a interagir no mundo que o cerca e, nada mais adequado para isso, do que a integração das tecnologias educativas no ensino-aprendizagem. Saber utilizar as diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos é crucial para adquirir e construir conhecimento” (Schenkel, 2001).

O Programa Operacional para a Sociedade da Informação enquadrou-se na política que vinha sendo concretizada pelo governo português para a dinamização da sociedade da informação e do conhecimento em Portugal. Uma vez que Portugal entrou tardiamente num processo essencial para vencer o atraso histórico no âmbito

da Sociedade da Informação, no âmbito do Quadro Comunitário de Apoio (2000-2006), o referido programa teve como estratégias delineadas, na área da educação: acções de formação contínua especializada dirigida a pessoal docente e não docente da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, visando a efectiva integração das TIC no processo ensino-aprendizagem; e o apetrechamento informático e ligação à Internet e a redes intranet e por outro lado o estímulo à procura e à aquisição de conteúdos multimédia apoiados num sistema, a criar, de certificação da qualidade destes produtos (ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000).

Actualmente como o próprio Ministério da Educação estabeleceu, no programa de equipamento das escolas a levar a efeito até 2006, um ratio da ordem de 10 alunos por computador, podemos imaginar o esforço, a vários níveis (financeiro, de infra-estruturas, organizacional, etc.), que é preciso desenvolver.

São vários os factores que podemos enunciar, com acção condicionante ao uso das tecnologias educativas. De acordo com Moreira et al. (2005) os obstáculos à integração das TIC em ambiente escolar podem ser categorizados em três níveis: Macro (Sistema educativo); Meso (Institucional); Pessoal (Professores e Alunos).

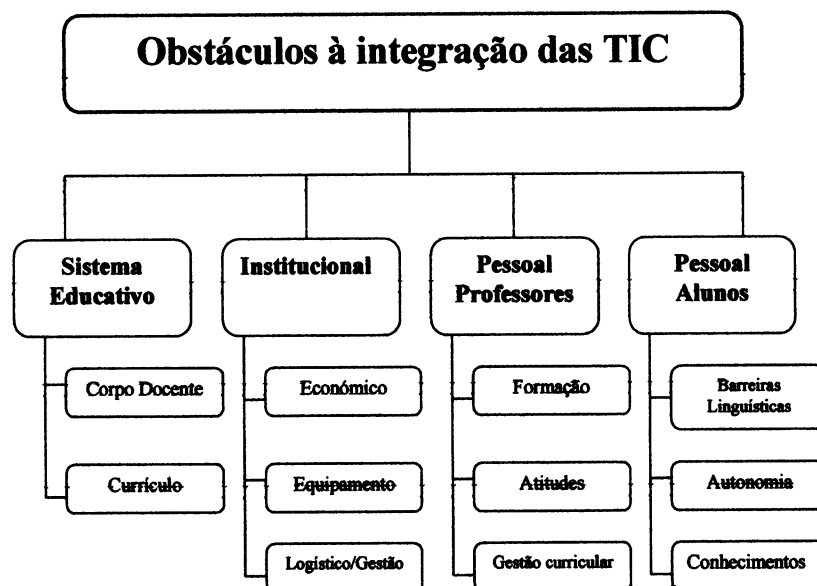


Figura 1. Níveis e categorias de obstáculos à integração das TIC no processo de ensino e aprendizagem

(Fonte: Moreira et al., 2005)

De acordo com os mesmos autores ao nível do Sistema Educativo, são consideradas duas categorias de obstáculos: Corpo Docente (por exemplo, falta de estabilidade do corpo docente), e Currículo (extensão e conteúdos inadequados ou dificuldades sentidas na integração curricular das TIC).

Ao nível Institucional foram definidas três categorias de obstáculos: Económicos (gastos com aquisição e manutenção de equipamento, custos de energia e comunicações), Equipamento (insuficiência e falta de infra-estruturas), e Logística-Gestão (organização dos espaços, das turmas e dos horários, facilidade de acesso aos equipamentos, organização de grupos dinamizadores e de apoio às actividades relacionadas com as TIC, assim como de suporte aos professores).

Ao nível Pessoal, vertente Professores, foram consideradas três grandes categorias: Formação, Atitudes e Gestão do Currículo. A categoria Formação, integra factores relacionados com a falta de conhecimentos e competências dos professores para integrar as TIC no currículo, por exemplo, a nível de conhecimentos sobre como seleccionar e explorar as TIC em contexto educativo, nomeadamente disciplinar, ou fracas possibilidades de formação e actualização em acções de formação de real interesse prático. A categoria Atitudes engloba factores que traduzem o sentimento dos professores relativamente à necessidade de inovação das práticas pedagógicas, ou à falta de evidência suficiente do valor educacional da utilização das TIC na aprendizagem dos alunos. Na categoria Gestão do Currículo, consideraram-se os factores relacionados com as dificuldades de integração curricular e a falta de fontes de informação.

Ainda ao nível Pessoal, mas na vertente Alunos, foram definidas três categorias de obstáculos: Barreiras Linguísticas, Autonomia e Conhecimentos (competências em TIC e cultura de exploração) (Moreira et al., 2005)

Brilha & Legoinha (1999) referiram algumas explicações para a baixa utilização das TIC, por parte dos professores:

1. Na maioria das licenciaturas em Ensino, os futuros professores não recebem qualquer formação informática de base. Esta deficiência contribui, decisivamente, para o desinteresse na utilização das TIC (e de meios informáticos em geral) no ensino/aprendizagem.
2. Os professores já em actividade não possuem muitas hipóteses de actualização nestas temáticas, sendo pontuais as acções de formação neste

- domínio. A acrescentar este facto, existe uma natural desconfiança da utilização de tecnologia por pessoas que têm actualmente mais de 50 anos. Para esta geração de professores, as TIC suscitam um sentimento misto: ao mesmo tempo que são objecto de alguma estupefacção pelas suas potencialidades, são também foco de desconfiança e desconforto, inibindo qualquer tentativa de aproximação.
3. As condições nas escolas são, na maioria dos casos, desencorajadoras da utilização maciça das TIC. São poucas as salas de aula preparadas para o efeito mantendo-se, em muitas delas, apenas um computador ligado a Internet destinado ao conjunto dos alunos e professores.
 4. Os professores que decidam aprender alguma coisa sobre as TIC deparam-se com algumas dificuldades que, em abono da verdade, complicam ainda mais este cenário: há que compreender o que são as TIC, como funciona um computador, o que é a *WWW*, o correio electrónico, o FTP, o *HTML*, como digitalizar imagens e prepará-las para publicação em páginas *web*, como ligar um modem, etc. Este panorama afasta aqueles que gostariam de saber como usar as TIC no ensino mas que não possuem suficiente força de vontade para ultrapassar as dificuldades iniciais.
 5. A escassez de conteúdos científico-pedagógicos em língua portuguesa é motivo de rejeição por parte de grande parte dos alunos, em particular os de idades mais baixas.

Apesar de passos importantes terem sido dados neste campo, os últimos estudos continuam a demonstrar que a maior parte dos obstáculos à integração das TIC continuam a persistir nas escolas e que estes se têm clarificado ao longo dos tempos. A falta de formação técnica dos actores educativos; o acesso condicionado aos pcs, especialmente aos alunos; aulas com carga horária reduzida; as dimensões elevadas das turmas; a falta de exploração de autonomia das escolas; a escassa oferta curricular da disciplina TIC pelas escolas; planos de formação na área, inadequados ou inexistentes, associados à inexistência de diagnóstico do nível de formação dos docentes; a sensibilidade dos docentes para estas questões; a omissão de critérios de avaliação das competências em TIC nas diversas disciplinas, são factores que fomentam estudos de natureza semelhante ao que aqui apresentamos.

A questão da falta de equipamento parece, hoje ser motivo secundário, uma vez que as escolas têm tentado recentemente colmatar essa lacuna. Contudo, apesar dos esforços para equipar as escolas, os indicadores obtidos mostram que estas continuam a apresentar grandes défices de equipamento disponível para uso de alunos e professores das várias áreas.

Em geral, os factos denunciam que o apetrechamento das escolas e a preparação dos professores está longe de corresponder aos desafios exigidos pela proposta de reorganização curricular, o que pode levar a que a integração e a utilização das TIC não passe de uma miragem (Bento, 2001).

Consideremos agora quatro áreas de investigação apontadas nos vários estudos sobre a integração das TIC, que merecerão especial interesse no desenvolvimento da presente investigação.

2.1 O equipamento

A utilização das TIC na escola implica, naturalmente, como condição necessária e básica, o apetrechamento das escolas com os devidos equipamentos.

O Projecto Minerva (Meios Informáticos No Ensino: Racionalização, Valorização, Actualização) foi lançado em finais de 1985 com a finalidade de conduzir à “introdução, de forma racionalizada, dos meios informáticos no ensino não superior, num esforço que permita valorizar activamente o sistema educativo em todas as suas componentes e que suporte uma dinâmica permanente de avaliação e actualização de soluções” (despacho n.º 206/ME/85 de 15/11).

Segundo Ponte (1994:10-14) a execução do Projecto conheceu três grandes períodos: no primeiro (1985-1988), designado por “fase-piloto”, pretendeu-se formar as equipas dinamizadoras, lançar as necessárias infra-estruturas, identificar os pontos estratégicos e operacionais do sistema de ensino, afinar conceitos e critérios e analisar soluções; o segundo (finais de 1988-1992) marcou o início da fase “operacional do projecto” correspondendo a um crescimento mais acelerado do número de escolas envolvidas; o terceiro (1992-1994) marca o encerramento do projecto. Como se observa por esta calendarização, há uma coincidência temporal (1985-1994) entre a fase operacional do Projecto Minerva e a fase de lançamento progressivo da Reforma.

O apetrechamento das escolas em recursos beneficiou também, no início da década de 90, da execução de outros projectos apoiados pelo programa PRODEP (Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal, co-financiado pela Comunidade Europeia)...

De acordo com Silva (2001b), o desfasamento entre a criação de infra-estruturas para a implementação das TIC, e o apetrechamento informático, tem sido um dos grandes obstáculos ao sucesso de implementação das novas tecnologias de informação e comunicação:

“Ao longo dos tempos, se o discurso teórico apontava para a necessidade de se equiparem as escolas com meios, na prática o que se verifica é atrasos, problemas

na criação de infra-estruturas adequadas e que o apetrechamento é manifestamente insuficiente face às necessidades e aos potenciais utilizadores”.

De facto, outros autores que realizaram estudos recentes, tal como Paiva (2002) que refere: “muito já se fez em termos de apetrechamento das escolas em hardware e em termos de formação de docentes em TIC (tecnologias de informação e comunicação), mas há ainda muito por fazer para que a integração das TIC seja verdadeiramente transversal nos currículos e feita de forma sistemática e planeada, consideram que a implementação das TIC quer ao nível de formação de professores, quer ao nível de prática educativa, está ainda longe daquilo que se pretende”.

Moreira (2000) descreve particularmente bem a realidade vivida ainda actualmente, pelo menos em algumas organizações:

“Há necessidade de sensibilizar os professores para o aproveitamento dos novos recursos tecnológicos, apesar de a sua existência, em muitas escolas, ser quase nula ou insuficiente. Os alunos, embora não tenham as novas tecnologias, deixam-se fascinar pelos jogos e outras experiências interactivas, cujos efeitos educativos são, muitas vezes, algo duvidosos”.

Quando falamos em equipamento a questão não poderá apenas ser vista no domínio do apetrechamento das escolas com o hardware necessário. O software educativo aparece intimamente ligado a este apetrechamento e constitui um veículo de integração das TIC no dia a dia escolar de todos os actores educativos.

Chagas (1998) no livro do Conselho Nacional de Educação, *A sociedade de informação na escola*, a propósito do software educativo, apresenta um artigo onde demonstra as percepções que os professores têm do software educativo existente no mercado, sendo considerado pelos docentes, na generalidade com “pouca qualidade”. Com base nas percepções dos professores Chagas (2005) sugere o software educativo deve reunir quatro características: flexível, atraente, surpreendente e estimulante, para que estes se tornem recursos mais dinâmicos e efectivos nas actividades escolares. Só assim poderão funcionar como veículos para a mudança.

Apesar do artigo acima relatado nos remeter para quase uma década atrás, e de constarmos que houve melhorias significativas na construção de software educativo, muitas das escolas parecem ainda não beneficiar destas ferramentas de ensino. Estarão sem dúvida, práticas de gestão insensíveis à aquisição desse material, que contribuirão para o saldo positivo dos obstáculos à integração das TIC.

De uma forma genérica são talvez factores condicionantes à integração das TIC, no domínio do equipamento, a escassez de software educativo actualizado, a

escassez de computadores, as dificuldades de manutenção do equipamento, a falta de ligação à rede e insuficientes espaços físicos (Ramos, 2001).

2.2. O investimento

Num estudo levado a cabo pela APDSI em Novembro de 2005, a entidades responsáveis por instituições directamente ligadas ou interessadas no desenvolvimento da sociedade de informação, obteve-se a resposta de que o nível de investimento em TIC teria aumentado marginalmente nos últimos seis meses.

Ao nível das escolas e segundo Bento (2001) no que respeita ao apetrechamento das escolas, diversos estudos efectuados por Silva (1998), Bento (1992) e Moderno (1993), mostram que os resultados da época ficaram muito longe dos objectivos traçados: houve uma evolução quantitativa, mas o panorama generalizado é ainda de insuficiência para as exigências das escolas face ao número de alunos e de professores, particularmente nos recursos de natureza áudio (gravador de som), de projecção de imagem fixa (retroprojector), vídeo (gravador e câmara) e informática (computador).

Esta imagem de carência apareceu reafirmada pelos conselhos executivos e pelos professores que, nos relatórios de avaliação dos programas curriculares do ensino secundário – coordenados por Serafini (1991) e Castro (1993), manifestam a opinião, comumente referida, que a falta de material de apoio e as carências de diversos tipos de materiais constituíram um dos obstáculos à implementação da Reforma.

Apesar todo o investimento que tem sido feito ao nível do apetrechamento informático, em especial nos últimos anos, continuamos a depararmo-nos com bibliografia a mencionar o material informático continuar insuficiente nas escolas, e como tal, daí advir a classificação de pouco significativas para as experiências resultantes do uso das TIC.

2.3. Os recursos humanos

Como refere Silva (1998), citado por Silva (2001) “o sucesso de integração/utilização das TIC na escola e nas práticas educativas para além do apetrechamento, passa por uma estratégia de amplo alcance, cujas linhas de orientação assentam em três vectores: a integração no contexto do projecto educativo e curricular; a formação dos professores; a criação de dispositivos eficientes de manutenção e de animação dos sistemas tecnológicos”.

Os recursos humanos merecem especial atenção, numa óptica de actores educativos promotores da mudança organizacional. Não menos importante que o equipamento existente na escola e o investimento efectuado pelas diversas entidades, o papel dos intervenientes no processo educativo tem especial importância, na operacionalização das políticas educativas e na integração das TIC no meio escolar.

Um estudo efectuado por Viseu (2003) denominado “Os alunos, a Internet e a Escola” demonstra que ao nível das TIC, e nomeadamente ao nível do uso da Internet se verifica que:

“ De facto, quer ao nível da oferta, quer ao nível da procura, a utilização da Internet está vocacionada para mera consulta de conteúdos e não para a produção de informação original.”

A utilização que se faz das TIC, apontada por Viseu e referida por outros autores, como Paiva (2002) demonstram que essa fica aquém das suas potencialidades gerando desmotivações por parte dos utilizadores que por sua vez estagnam a integração e o desenvolvimento das TIC na educação.

Viseu (2003) acrescenta ainda que este subaproveitamento das Novas Tecnologias de informação e Comunicação poderá estar relacionado com “a falta de formação nesta área ou o reconhecimento efectivo de que esses serviços não são compatíveis ou não têm manifesta utilidade para a escola”.

A UNESCO, através da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, procurou identificar as tendências da educação nas próximas décadas e em 1996 divulgou seu relatório conclusivo, onde se sustenta que serão pilares do

trabalho de educação nos próximos anos: “*aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*” (Brutten, E. & Cruz, V., 2000, In *Tecnologias em Educação: estudos e investigações*).

O impacto provocado na sociedade, e em particular na educação, pelas novas tecnologias de informação exige mudanças consideráveis na formação dos professores, especialmente no que respeita ao desenvolvimento das actividades e das competências necessárias à manipulação dos instrumentos técnicos e tecnológicos que conduzem a vida de hoje, para que os nossos profissionais *saibam fazer*.

Muitos têm sido os estudos e temas alvo de discussão no que respeita à tecnologia educativa, a problemática da integração das TIC, a utilização das TIC por parte dos professores, o uso educativo da Internet pelos alunos são alguns dos temas. É com base nestes estudos que pretendemos orientar o nosso trabalho, tentando captar a realidade das experiências vividas pelos alunos com auxílio das TIC em contexto educativo, e conseqüentemente descortinar ainda se existentes, as barreiras inerentes ao uso das mesmas.

Os docentes têm um papel preponderante nesta temática, a motivação, a actualização e a realização de actividades são uma mais valia quer para a evolução profissional e pessoal do docente, quer para o desenvolvimento dos alunos, enquanto cidadãos do novo milénio. Ponte (2000) sugere a seguinte premissa: o Professor vê-se agora na contingência de ter não só de aprender a usar constantemente novos equipamentos, mas também de estar a par do que surge de novo, pois, “as TIC proporcionam uma nova relação dos actores educativos, com o saber, um novo tipo de interacção do professor com os alunos, uma nova forma de integração do professor na organização escolar e na comunidade profissional”.

De acordo com Ramos (2001) são factores relacionados com os professores, que condicionam a integração das TIC, a falta de tempo, a execução dos projectos curriculares, o número elevado de projectos em que participa e um factor intrínsecos que se revela através da resistência à mudança. No que respeita aos alunos, os factores que constituem obstáculo à integração das TIC são a barreira linguística, no caso de esta existir.

Tal como é defendido por Underwood & Underwood (1990), citado por Gil & Menezes (2001), “as TIC deverão actuar como catalistas, como um meio onde professores e alunos podem comunicar, desenvolver interacção e participação e, ainda, que se estabeleça uma extensão para além da sala de aula”.

O grande desafio da sociedade actual exige pessoas detentoras de diferentes tipos de saber, com talentos vários e mutáveis. E obviamente que esse desafio se traduz “em compreender a chegada do tempo em que as TIC dão à escola a oportunidade em passar do modelo de reprodução da informação para um modelo de funcionamento baseado na construção partilhada do conhecimento, aberto aos contextos sociais e culturais, à diversidade dos alunos, aos seus conhecimentos, experimentações e interesses, enfim, em constituir-se como uma verdadeira comunidade de aprendizagem” (Silva, 2001).

2.4 Os currículos

Já durante o seu mandato o ministro da Educação Marçal Grilo, lançou a proposta de um Pacto educativo para o Futuro (ME, 1996), reconhecendo implicitamente muitas das críticas que recaíram sobre a implementação da Reforma em curso (centralismo, normatividade excessiva, etc.), abrindo o processo da reorganização de vários sectores educativos, que culminou na publicação, em 18 de Janeiro de 2001, dos Decretos Lei n.º 6 e 7 de 2001 que estabelecem os princípios orientadores da organização e gestão curricular do Ensino Básico e Secundário.

Em Portugal, à semelhança do que acontece um pouco pela generalidade dos países europeus, existem programas que visam instaurar a S.I. e dinamizar a integração das TIC no Sistema Educativo. Em finais de 1996 e em 1997 foram lançados dois programas (ainda em curso) em especial incidência no domínio das tecnologias multimédia e das redes de comunicação: o “Programa Nónio – Século XXI” e o “Programa Internet na Escola”. Em 1997, por iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia/Grupo de Missão para a sociedade da Informação em Portugal”, cujo capítulo 4, intitulado “A Escola Informada: Aprender na Sociedade da Informação” é dedicado ao sistema Educativo. Neste momento, no contexto da iniciativa eEurope, o Governo Português estabeleceu um conjunto de objectivos e metas até 2004 para os vários sectores da sociedade. No sector da Educação no âmbito das TIC para dar continuidade ao Programa Nónio (despacho n.º 16126 de 8/8/2000) (Silva, 2001b).

Durante a reorganização curricular do ensino básico e do ensino secundário, a ser concretizado a partir de 2001 para o 1.º e 2.º ciclo e a partir de 2002 para o 3.º ciclo e enquadrado pelo Decreto-Lei 6/2001, as TIC passariam a ter presença inequívoca na acção pedagógica em todas as áreas disciplinares e não disciplinares e seriam aplicadas as orientações traçadas pelo referido decreto, no sentido de se criarem condições para que os alunos do ensino básico realizem as suas aprendizagens com as TIC e sobre as TIC.

Ao nível do secundário procurou-se definir estratégias que integrassem saberes e competências a adquirir pelos alunos, no domínio das TIC, para que esses obtenham a formação necessária a uma sociedade de informação e conhecimento. A transversalidade dos conteúdos de TIC, e o seu desenvolvimento nas diversas disciplinas, bem como a existência de uma disciplina de TIC ao nível do 12.º ano com carga horária de 4,5 horas semanais, foram as estratégias delineadas.

As Tecnologias de Informação e Comunicação são contempladas nas propostas de reorganização como formações transdisciplinares de carácter instrumental em todos os ciclos de aprendizagem no Ensino Básico e no Ensino secundário, aspecto inovador e que é reconhecido como positivo nos Pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE, 2000).

Surge então, na voz de Silva (2001b) que na relação entre a tecnologia e as estruturas educativas, consideramos que as actuais TIC contêm potencial estratégico para renovar a estrutura escolar e curricular ao nível das repercussões organizativas, da relação com os conteúdos e da metodologia.

Apesar de algumas escolas terem adoptado o mecanismo de gestão flexível do currículo, que de uma forma generalista e de acordo com o Despacho nº 9590/99 de 14 de Maio, do Departamento da Educação Básica, do Ministério da Educação, entende-se por Gestão Flexível do Currículo a possibilidade de cada escola, dentro dos limites do currículo nacional, organizar e gerir autonomamente todo o processo de ensino/aprendizagem, ainda existem escolas que continuam a ignorar o poder e as ferramentas que detêm para as ambições partilhadas por todo o sistema educativo.

A contribuição para a gestão/flexibilização do tempo e do espaço escolares e para a adaptação curricular passa pela possibilidade de se estabelecer uma comunicação permanente entre os conteúdos a aprender e os alunos, a qualquer hora e desde qualquer ponto da rede, permitindo também que o professor faça as alterações necessárias ao seu programa, ajuste os conteúdos e o seu modo de

apresentação às características e necessidades dos alunos. As particularidades comunicativas das actuais TIC possibilitam a adopção de uma nova definição do tempo e do espaço escolar. (Bento, 2001b).

A intenção das propostas de reorganização curricular passa pela certificação dos alunos da aquisição das competências básicas no domínio das TIC no fim da escolaridade obrigatória, que deverá levar a que os alunos no Ensino Secundário concebam e realizam produtos em diversos suportes tecnológicos. Contudo a realidade das escolas portuguesas parece estar longe do que se pretende. Deste modo, torna-se fundamental que no projecto curricular da turma haja uma efectiva articulação entre as áreas transversais com as áreas disciplinares, que apesar da sua frequência no registo em papel, continua a não surtir o efeito desejado na prática. O design desta articulação é crucial na abordagem das TIC.

3. Os novos papéis exigidos pelas Tecnologias Educativas

As Tecnologias de Informação e Comunicação pelo facto de multiplicarem as possibilidades de pesquisa de informação, e os equipamentos pelo facto de terem programas interactivos e multimédia colocam à disposição dos alunos e professores uma fonte inesgotável de informação.

Os papéis exigidos pelas novas tecnologias abrangem tudo e todos. Ramos (2005) refere mesmo que “esta atracção e fascínio pelas novas tecnologias há muito que atinge todos os estratos sociais e constitui uma enorme força de mudança social e cultural.

Na escola a mudança deve ser sentida por todos os actores educativos.

Os alunos devem estar preparados para receber a carga informativa, que é transmitida pelas TIC e ter condições para seleccioná-la, entendê-la e criticá-la.

Os professores de forma a facultar as ferramentas pedagógicas aos seus alunos, para que estes possam trabalhar com as TIC em qualquer altura e em qualquer lugar devem então, questionar as suas práticas pedagógicas e devem se mostrar sensíveis às modificações que as novas tecnologias provocam nos processos cognitivos.

Segundo Ponte (1998) “as novas tecnologias, mais do que constituir uma nova área curricular, elas assumem uma relevância transversal no processo de ensino-aprendizagem, o que pressupõe um bom domínio por parte da generalidade dos docentes”. Por isso, o sucesso da integração das novas tecnologias na escola depende em larga medida do que for feito no campo da formação de professores.

Esta formação não deve ser só o somatório de conhecimentos e competências dispersas, mas antes proporcionar uma visão ampla do que irão ser as futuras funções docentes bem como uma preparação para os modos de pensar e trabalhar próprios desta actividade.

Moreira (2000) diz também que “o processo ensino aprendizagem exige uma nova pedagogia, novos conhecimentos e um novo desempenho do professor. Eficiência, rapidez e exactidão na interacção homem-máquina apresentam-se como

premissas fundamentais que devem ser tidas em conta no desenvolvimento do aluno, em ordem à promoção da sua autonomia.”

Em jeito de síntese, são hoje exigidas ao Professor, enquanto mediador da relação de aprendizagem que se estabelece entre o computador e o aluno, as seguintes competências: conhecimentos acerca do computador; conhecimentos acerca das aplicações das TIC no ensino; implementação das TIC no ensino da disciplina; identificação, avaliação e adopção de software; utilização dos recursos disponíveis; atitudes acerca das TIC; Trabalhar em colaboração com recurso às redes telemáticas. (Chagas, 2003/2004).

“As Tecnologias de Informação e Comunicação oferecem potencialidades imprescindíveis à educação e formação, permitindo um enriquecimento contínuo dos saberes, o que leva a que o sistema educativo e a formação ao longo da vida sejam reequacionados à luz do desenvolvimento destas tecnologias” in (Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal, pág. 34).

À escola cabe um papel de grande responsabilidade, no que concerne à integração das TIC. A escola ainda está muito distante desta realidade que é manifestada pelos alunos, mantendo-se a parte dos acontecimentos da sociedade onde está inserida.

É de fundamental importância que a escola medeie a construção de um ensino que seja reflexo da vida quotidiana dos alunos, inerente ao seu tempo, incorporando no processo de ensino-aprendizagem a tecnologia educativa. Estamos perante um novo modelo de educação que precisa ser reflectido por toda escola, e onde o aluno seja objecto de estudo, isto é, atendendo à sua vida dentro e fora da escola, e assim poder sentir-se não só integrado na sala de aula, mas incluído em todo o processo escolar. A escola precisa ser um espaço de renovação, para que os alunos terminem os ciclos de preparados para compreender a realidade que os rodeia.

De acordo com Chaves (2005), “as técnicas de aprendizagem assentes nas TIC oferecem amplas oportunidades e potencialidades de inovação dos métodos de ensino e de aprendizagem. Apesar desta evidência, grande parte do que os nossos sistemas de educação e formação oferecem é ainda organizado como se as tradicionais formas de planear e organizar a vida das pessoas não se tivessem alterado na última metade do século passado”.

Chaves (2005), menciona no seu trabalho que “um estudo efectuado pelo Departamento de Educação Norte-Americano, revela que a quase totalidade das

escolas públicas Norte Americanas tem acesso à Internet, mas poucas tiram vantagem efectiva da tecnologia para ensinar os alunos que as frequentam, que acabam por desmotivar devido à pouca efectividade desta ferramenta no seu dia-a-dia escolar”.

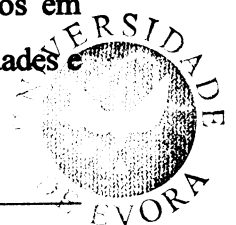
Chaves (2005) fala ainda que um outro estudo feito nos Estados Unidos da América, denominado “*Toward a New Golden Age in American Education: How the Internet, the law and today’s students are revolutionizing expectations*”, que procurou verificar o efeito que tinha causado a ligação à Internet, e a instalação de um computador por cada cinco alunos em 99 por cento das instituições de ensino básico e secundário, na última década, demonstrou que as escolas ainda não aproveitam os recursos informáticos para enriquecer a experiência de ensino.

Concretamente em Portugal no Livro do Conselho Nacional da Educação “*A Sociedade de Informação na Escola*” vários autores reflectiram sobre o papel das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na Escola e de acordo com Fazendeiro (1998) “o desenvolvimento destas novas competências deste novo tipo de capital humano é algo que tem que partir da escola e é essencial, depende de um conjunto de condições de ambiente que potenciem o desenvolvimento dessas competências”.

Obviamente que estas condições de ambiente passam pela autonomia das escolas e pela organização da própria escola.

Actualmente parece-nos que, apesar de terem sido estabelecidos contratos de autonomia e de muito se escrever sobre as políticas organizacionais de escola, as escolas ainda estão muito aquém do que é desejado. E os desejos de toda a comunidade educativa, no nosso ponto de vista passam por uma mudança organizacional da escola, que permita para além de muitas outras coisas, um bom apetrechamento de equipamento informático e que a sua exploração seja feita cuidadosamente, tendo sempre em vista os objectivos educacionais do projecto educativo de escola.

Como reforça o estudo desenvolvido por Moreira (2000), que revelou que os professores, quando questionados sobre o papel da escola e os desafios da sociedade, elegem como questões mais importantes: qualificar os professores e alunos para o acesso e uso das novas tecnologias educativas, e possuir meios tecnológicos em número suficiente para professores e alunos poderem usufruir das suas capacidades e vantagens.



CONTRADIÇÕES NOS DISCURSOS E NAS PRÁTICAS

1. Narrativas sobre as TIC

Quando se trata de renovar a discussão sobre a difusão generalizada das tecnologias de informação e de comunicação (TIC) e, assim, de analisar o que está contido no conceito de sociedade da informação, parece que a relação entre os conceitos teóricos e aquilo que está instalado na prática abre interessantes pistas de reflexão.

Sebarroja, 2001 considera que na função docente, a mera transmissão torna-se cada vez mais caduca e requer-se mais orientação e acompanhamento do que nunca para otimizar as possibilidades que oferecem de motivação, descobrimento, investigação e criatividade, entre outras.

A UNESCO, através da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, procurou identificar as tendências da educação nas próximas décadas e em 1996 divulgou seu relatório conclusivo, onde se sustenta que serão pilares do trabalho de educação nos próximos anos: “*aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*”. (Brutten, E. & Cruz, V., 2000, In *Tecnologias em Educação: estudos e investigações*).

Caracterizada como a sociedade centrada na informação e no conhecimento, a era em que vivemos é uma economia alicerçada e dependente da comunicação, em toda a extensão da palavra. As tecnologias da informação, e as redes de comunicação criaram um sector de uma economia que está a transformar todos os outros sectores, nomeadamente o sector da educação. Uma infinita variedade de novos formatos e tamanhos de organizações sociais são possíveis e nesta sociedade os professores têm procurado desenvolver-se.

O mundo parece estar a migrar no sentido de formar uma rede que todos os circuitos, toda a inteligência, toda a interdependência, todas as comunicações, toda a democracia, todas as famílias, todos os grandes sistemas, se juntam com o objectivo

de ligar tudo a todos. O princípio defendido é que a rede, a informação e o conhecimento devem ser acessíveis a todos, independentemente da nacionalidade, género, local, profissão ou *status* social. As tecnologias de informação e comunicação, devem estar voltadas para este fim e constituírem-se instrumentos para se alcançar um desenvolvimento verdadeiramente centrado no ser humano (UNESCO, 1996, p.9).

Como tal é preciso levar a informação à sociedade, e ensiná-la a usar a informação, tanto no que diz respeito ao seu desenvolvimento económico como para o seu desenvolvimento social e humano propriamente dito.

Primeiro teremos de nos adaptar às novas tecnologias para garantir um crescimento económico e social. Apesar de existir uma forte presença física de hardware existe simultaneamente uma lacuna cada vez maior entre informação rica e informação pobre que pode resultar em desorientação da mesma sociedade.

São vários os contributos das TIC e os papéis atribuídos à escola no que diz respeito à integração das TIC no ensino e na aprendizagem.

A inovação é talvez o primeiro contributo que as TIC trouxeram à sociedade e à escola, Sebarroja entende-a como uma série de intervenções, decisões e processos, com algum grau de intencionalidade e sistematização que tentam modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas e, por sua vez, introduzir, seguindo um alinhamento inovador, novos projectos e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e aprendizagem, modelos didácticos e uma outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da aula.

O autor refere ainda a necessidade imperativa de a inovação ser entendida nas escolas numa verticalidade, mas de baixo para cima, ou seja, privilegiando o papel fundamental dos professores que são a sua principal força impulsionadora. Até porque segundo o autor no que toca às TIC o papel do professor é fundamental, porque os alunos aprendem mais através do seu comportamento do que dos seus conhecimentos.

A mudança é talvez aquilo que mais se fez sentir com a introdução das TIC na escola. No que diz respeito à mudança, esta só poderá ser efectivamente sentida como mudança quando os professores tiverem a sensação de dominar as novas tecnologias como instrumento pedagógico. De acordo com o novo perfil que, se exige à escola básica, o professor tem de aceitar refazer o seu estatuto de detentor de poder, de depositário do saber e núcleo do acto educativo, e de se converter em

facilitador, orientador, coordenador, promotor e animador de actividades de ensino-aprendizagem diversificadas. Consideramos que uma boa gestão produzirá melhores escolas.

As TIC sentem-se e fazem-se se notar. Apesar de existir uma forte presença física de hardware existe simultaneamente uma lacuna cada vez maior entre informação rica e informação pobre que pode resultar em desorientação da mesma sociedade. E essa desorientação obviamente não nos levará a um ensino de qualidade. A propósito, D' Orey da Cunha, (1997) no seu livro cita Ethier (1989), que, depois de uma revisão da literatura sobre a excelência em educação, afirma que, muito embora seja difícil definir a natureza da excelência educativa, ela, no entanto, se refere a três parâmetros:

- 1. à qualidade dos recursos humanos, materiais e financeiros de que deve dispor um serviço de educação;*
- 2. à qualidade do processo educativo em que os programas e os métodos exprimem todo o seu potencial, porque utilizados por todas as competências profissionais de alto nível;*
- 3. à qualidade dos resultados, em primeiro lugar, académicos, mas também aos de tipo mais relacionado com o desenvolvimento pessoal e social dos estudantes.*

Do ponto de vista de um ensino em TIC, o que acabou de ser referido espelha completamente aquilo que se pode fazer para que este resulte como um marcador de ensino de qualidade.

Diz-nos a Lei de Bases do sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, com alterações introduzidas pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro) no seu Artigo 7.º - Objectivos do Ensino Básico, alínea o) que se deve criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos. Este objectivo só será cumprido quando foram “criados” ou melhor, disponibilizados os vários recursos que hoje existem mas que se encontram mal distribuídos, e para isso é necessário a sabedoria de docentes competentes.

A sociedade espera dos seus professores, que estes tenham as competências necessárias, de modo a assegurarem aprendizagens de qualidade aos seus alunos. Inerente as estas expectativas está também a formação de professores, pois esta é

posta em causa sempre que os cidadãos comuns atentam para a qualidade dos resultados dos seus alunos, ou seja, esta é a sua grande referência na apreciação do desempenho dos professores, independentemente das competências que deles são esperadas.

Como referiu Fazendeiro, uma educação de qualidade terá de reunir os atributos desejáveis e observáveis nas três dimensões: *Equidade nas condições de igualdade de oportunidades no acesso e sucesso educativos por parte de todos e de cada um. Igualdade na diversidade e na coesão social.*

Qualidade nos resultados, socialmente relevantes, face às necessidades e às expectativas dos indivíduos e da sociedade em todas as suas dimensões, económica, social ou cultural. Relevância no presente, mas cada vez mais, também relevância, por antecipação, num futuro desejado. Qualidade dos recursos, dos processos e das aprendizagens.

Eficiência e eficácia na gestão dos recursos, o que implica excelência da governação.

É óbvio que com tudo isto durante este século as escolas funcionarão e terão de funcionar num ambiente diferente quer pelos novos meios que se apresentam, quer pelos avanços das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), exigindo-se assim, novas respostas às exigências das informações, do mercado de trabalho e da educação. Como tal os alunos devem conseguir um bom índice de qualificação, de modo a reforçar a competitividade das economias e conservar e ampliar a riqueza cultural do país. Até porque a escola, na óptica de organização correctora de assimetrias sociais, em que as TIC surgem com um carácter igualitário de acesso por parte de todos não funciona, a escola enquanto organização não actua como organismo neutro, tem uma dinâmica própria onde se inserem diversos actores sociais em que as suas motivações são muitas vezes diferentes. Assim a escola, ao contrário do que foi afirmado não só mantém as desigualdades, como até as promove.

De tal forma que o principal papel das escolas seja o de preparar os alunos para o mercado de trabalho competitivo, ajudando-os a desenvolver competências para o desempenho pessoal e social na sociedade. De acordo com esta perspectiva empresarial as escolas deverão definir e aplicar competências básicas (conhecimentos, compreensão actualizada), competências práticas (resolução de problemas, manejo das TIC, ética profissional), competências sociais (comunicação

interpessoal, relações laborais e sociais, conhecimento de línguas, valores cívicos essenciais, solidariedade, participação, etc.) e competências e valores pessoais (autonomia, responsabilidade, inteligência emocional, atitude empresarial, capacidade de aprender e de aplicar o que aprendeu, etc.)

Neste sentido, evoluiremos para escolas como lugares promotores de aprendizagem activa e personalizada, garantindo um cruzamento perfeito entre teoria e “praxis”, e obviamente explorando de forma inteligente as tecnologias de informação e comunicação.

No relatório europeu sobre a qualidade do ensino básico e secundário (Relatório de Maio de 2000) foram sinalizados 16 indicadores de qualidade, destinados a avaliar os sistemas educativos escolares na Europa, entre os quais se encontram as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), através desse estudo conclui-se que nalguns países, as TIC são consideradas como instrumentos e noutros como disciplinas de pleno direito, a maior parte dos países tem como intenção reforçar a utilização das TIC.

A internet como cartão de visita das NTIC presta vários contributos ao processo educativo.

De acordo com Simões & Carvalho (2005) o maior contributo da internet tem sido, antes de mais, servir de meio de comunicação entre as pessoas: encurta o tempo, o espaço e o custo do diálogo; possibilita a livre troca de informações; proporciona o conhecimento individual e colectivo; suporta as colaborações entre elementos de um grupo de trabalho, muitas vezes distantes e estranhos. Deste modo, a internet tem sido uma janela atraente para a acção humana.

Todos estes atributos da internet, bem como os restantes atributos das TIC farão todo o sentido numa escola, se for ministrada uma formação aos alunos no sentido de utilizar as TIC como ferramenta de trabalho e como recurso a desenvolver, para que lhes seja permitido submergir num mundo em constante mudança e em que a selecção da informação é palavra de ordem.

Carneiro (2006) numa entrevista ao educare revela numa perspectiva céptica em relação à visão que as TIC proporcionaram nas escolas, responde que “as TIC não se entrelaçaram com visões transformadoras do todo escolar, e muito menos, com estratégias de renovação pela base das pirâmides educacionais. O facto desolador é que as TIC têm sido encaradas essencialmente como segmentos isolados da vida curricular e, no demais, como ferramentas muito úteis para descarregar

informação e “objectos do conhecimento codificado” na direcção professor-aluno.

Estamos ainda distantes que as TIC sejam o propulsor de comunidades de aprendizagem efectiva e de uma nova ética do esforço e da disciplina de escola susceptível de ultrapassar o laxismo de uma educação sem chama nem dedicação.”

Acima de tudo, as políticas educativas devem apresentar uma visão a longo termo, mas devem ser suficientemente flexíveis para reflectir as necessidades a nível local e as principais iniciativas em todos os sectores da educação. As políticas devem ser pro-activas na remoção das barreiras ao desenvolvimento e também, devem trabalhar activamente para as condições que apoiam as iniciativas.

2. Experiências educativas com TIC

O termo experiência em filosofia significa todo o conhecimento espontâneo ou vivido, adquirido pelo indivíduo ao longo da sua vida.

As experiências de vida a que os indivíduos são sujeitos são colecionadas durante as várias fases da sua vida. No entanto, para que algo se constitua verdadeiramente como uma experiência é necessário que aquilo que o sujeito viva tenha significado, isto é, que possa mais tarde ser recordado e referido como tal, permitindo aos indivíduos relacionar essa experiência com outras.

Para que haja uma efectiva experiência é pois necessário que esta seja objecto de uma reflexão, de uma assimilação dando assim origem a um conjunto de saberes baseados em experiências significativas.

A actividade docente está cada vez mais dificultada no que toca à motivação dos alunos pelo gosto de aprender, a disputa que se instala entre o ambiente de sala de aula e os espaços extra-escolares, onde também as NTIC oferecem uma miscelânea de sentimentos, de lazer, prazer com uma espécie de conhecimento.

De acordo com Wild (1996), citado por Chaves (2005), existem algumas dificuldades que podem levar ao não uso das TIC em contexto educativo e daí resultar o défice em experiências com as TIC:

- Falta de oportunidades para usar computadores regularmente, criando uma continuidade pedagogicamente benéfica;
- O facto de muitos alunos de extractos sócio-económicos baixos não possuírem computador. Este dado é relevante em Portugal. Em 2001, a percentagem de computadores na população portuguesa era de 39% (Mata, 2002).
- Recursos informáticos escassos na escola. Na realidade portuguesa verifica-se mais na rede pré-escolar;
- Stress do professor;
- Falta de confiança e segurança para usar as TIC;

- Falta de conhecimento sobre o verdadeiro impacto do uso das TIC em contexto educativo;
- Poucas experiências com TIC na formação de professores quer inicial quer durante a actividade.

As experiências obtidas em contexto escolar variam de escola para escola e dentro da própria escola. São talvez as diferentes experiências realizadas dentro de uma mesma escola, ou agrupamento de escolas que geram conclusões a que chegou Ramos (2005), durante um estudo efectuado por si e por um conjunto de educadores, em que afirma que as “manifestações de experiências educativas enriquecedoras são muito provavelmente *ilhas*, uma vez que não envolvem toda a Escola, nem todos os professores e alunos, mas são certamente *ilhas* de inovação com potencial alargamento a toda a Escola”.

Ramos (2005) contribui com algumas explicações para o facto de que não se verifica esta perspectiva de inovação em todas as Escolas:

“É evidente que não podemos observar esta perspectiva de inovação em todas as Escolas nem tão pouco em toda a Escola, mas o que temos observado em algumas escolas neste domínio pode ser visto como um sinal desta mudança de perspectiva e que pode dar lugar a uma mudança de práticas curriculares. É o que consideramos *ilhas de mudança*, muitas vezes assoladas por verdadeiras correntes de criatividade e imaginação. São estas ilhas e estas correntes de inovação que existem em algumas Escolas em torno do uso de TIC (em formas e modalidades diversas) e que começam a constituir um padrão. E este padrão parece configurar-se a partir desta ideia simples: as TIC constituem um real valor acrescentado (...)”.

As ilhas de inovação, de mudança referidas por Ramos são a expressão daqueles que se destacam nas escolas por fazer algo novo, que utilizam com mais frequência as TIC, que propõem e desenvolvem projectos nessa área e que geram conhecimento na escola. Num mar onde todos parecem ocultar a mudança que impera na sociedade, Robison Crusué e Sexta-feira parecem encarnar naqueles que criam ilhas potenciadoras de desenvolvimento, e que nós esperamos que o seu efeito se torne contagiante.

II – Parte

ASPECTOS METODOLÓGICOS E ESTUDO EMPÍRICO

METODOLOGIA

1. Nota Introdutória

O capítulo apresentado destina-se a dar a conhecer a metodologia seguida neste estudo, bem como dar informação sobre os instrumentos utilizados na recolha de dados.

Como referimos, de forma breve, na introdução deste trabalho, adoptámos em termos de metodologia de investigação, métodos e instrumentos que se enquadram no paradigma de investigação tradicionalmente considerada – qualitativa. As informações recolhidas junto dos principais intervenientes no processo foram cruzadas entre si e com a nossa própria leitura e análise do estudo em causa. Como tal, apesar de o rigor ser palavra-chave na nossa conduta, será de admitir que as interpretações apresentadas são inteiramente assumidas pelos investigadores, correndo o risco de serem parciais.

Optámos então, pelo estudo de caso, adoptando como instrumento de recolha de informação e procedimento metodológico a entrevista semi-estruturada, com posterior análise de conteúdo.

2. A Investigação Qualitativa em Educação

A investigação educativa é um direito e uma obrigação e por isso a considero como instrumento e processo com componentes teóricos e práticos optimizadores da dinâmica educativa (Gonçalves, 1992).

Aos professores, enquanto educadores, cidadãos e Homem cabe-lhe o papel de problematizar as dinâmicas educacionais e sociais que os rodeiam, tendo em conta todos os factores que aí intervêm. Na voz de Gonçalves (1992) o desenvolvimento do professor, da escola e das regiões estão inevitavelmente conectados e (...) a potência desta rede oscilará com a maior ou menor incrementação da identificação das regiões consigo próprias e por consequência com os actores e estruturas do seu universo educativo.

A investigação resume-se de uma forma simples a um conjunto de processos:

- Definição de um problema;
- Envolve análise de teorias e literatura já desenvolvida;
- Escolha de metodologia apropriada;
- Recolha de dados no terreno;
- Análise e Interpretação dos dados recolhidos.

2.1. Características da Investigação qualitativa

Tendo como principal objectivo deste estudo, perceber a quantidade e qualidade de experiências resultantes do uso das TIC em final de ciclo no A.V.O., recorreu-se à perspectiva qualitativa, no sentido em que o estudo “(...) se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível” (Lüdke & André, 1986, p.18).

Lessard-Herbert et al. (1994) consideram que nos estudos de natureza qualitativa “o que interessa fundamentalmente é interpretar e compreender as

relações entre as formas de comportamento e os significados que os actores lhe atribuem através das suas interações sociais”(p.39).

A abordagem qualitativa enquanto metodologia adoptada de um estudo de natureza educacional, permite ao investigador compreender e definir a situação, munido de um “*plano flexível*”, plano esse que integra os conhecimentos e a experiência do investigador, bem como as hipóteses formuladas por este e que têm a particular característica de serem modificadas e reformuladas à medida que se avança na investigação.

Segundo Bogdan & Biklen (1994) à investigação qualitativa é-lhe inerente as seguintes características:

1. *Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.* Os investigadores dispõem grande quantidade de tempo com o trabalho de campo. Os dados recolhidos são imagem das situações vividas e complementados pela informação recolhida através do contacto directo.
2. *A investigação qualitativa é descritiva.* Os dados recolhidos são traduzidos em forma de palavras ou imagens. Neles incluem-se transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos e documentos pessoais ou oficiais. Os dados são analisados em toda a sua riqueza, respeitando sempre que possível, a forma como foram registados ou transcritos.
3. *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produto.* São as questões que permitem saber como determinado assunto se definiu, que são importantes e não os resultados desse processo. É importante a formação das várias definições.
4. *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma intuitiva.* Os dados não são recolhidos de forma a confirmar ou infirmar hipóteses previamente construídas, pelo contrário as abstrações vão ganhando forma à medida que os dados forem recolhidos, agrupados e examinados.
5. *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.* É a simbologia que os vários intervenientes no processo transportam que é importante para o investigador. Aos investigadores qualitativos interessa-lhes saber as experiências dos sujeitos, a interpretação que lhe são dadas e o modo como eles estruturam o mundo social em que vivem. (pp. 47-51).

A abordagem qualitativa centra-se na descrição e análise de elementos específicos de informação, considerados individualmente para compreender o seu significado e produzir uma visão da situação ou contexto em que foram gerados. Esta abordagem em comparação com a abordagem quantitativa (este tipo de abordagem é objectiva, uma vez que a sua concepção utiliza critérios objectivos bem definidos relativos à amostragem e aos processos de análise de dados, baseados nas linguagens de matemática analítica, da estatística e da categorização lógica), é mais subjectiva, uma vez que se centra em contextos individuais e nas perspectivas dos actores individuais e preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática acerca de alguma faceta da realidade social, usando procedimentos empíricos com intuito de gerar e interrelacionar conceitos, que permitam interpretar essa realidade.

Relativamente às vantagens e limitações inerentes à metodologia adoptada, podemos enunciar os seguintes factores:

Algumas vantagens:

- Apreensão dos fenómenos sociais sem transformação ou selecção em função de ideias pré-concebidas;
- Observação directa dos actores sociais no seu meio;
- Preservação da integridade do campo de investigação;
- Instrumentos de observação de carácter simples;
- Possibilidade de inúmeras observações ao objecto;
- Oportunidade de ser contemplado com fenómenos inesperados e significativos;

Algumas limitações:

- A natureza da temática abordada;
- O tipo de objecto a estudar;
- Enviesamentos inevitáveis, associados ao facto da observação ser realizada por um único investigador sensível a actores sociais com comportamentos distintos;
- A não standardização dos procedimentos;
- A flexibilidade dos instrumentos de observação e interpretação pode levantar problemas de fidelidade e validação;

- Dificuldade em lidar com uma grande quantidade de dados diversificados, e em estudar populações de grandes dimensões;
- Processo moroso.

2.2. Análise dos dados qualitativos

O termo *dados* refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise. Os dados incluem materiais que os investigadores registam activamente, tais como transcrições de entrevistas e notas de campo referentes a observações participantes. Os dados também incluem aquilo que outros criaram e que o investigador encontra, tal como diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornais (Bogdan & Biklen, 1994).

A recolha de dados qualitativos processa-se com a utilização de vários instrumentos, entre os quais: realização de entrevistas, pesquisa e leitura de documentos, retirada de notas, fotografias, vídeos, etc. No entanto, o mais importante é definir com pertinência os dados necessários, sem preocupações com a definição de uma amostra estatística, pois o que se procura é compreender o significado e as relações estabelecidas.

Geralmente é muito fácil adquirir e/ou compilar uma grande quantidade de informação qualitativa. O mais difícil, por assim dizer, é analisar adequadamente estas informações e definir o que é mais importante para ser analisado, ou seja fazer uma triagem do material utilizado. Para evitar esse tipo de problema é essencial definir quais são as informações mais relevantes e como analisá-las antes de iniciar a recolha dos dados.

Na recolha de dados qualitativos o que importa é a representatividade dos mesmos. A definição de uma amostra é problema menor, porque o que é importante é o significado de uma informação para a situação avaliada e não a quantidade de sujeitos que repetem essa mesma informação ou o número de vezes em que ela aparece.

Para realizar uma análise adequada deste tipo de dados, é importante que o investigador tenha esboçado previamente as categorias e/ou classificação e/ou grupos temáticos que deverá utilizar na análise dos dados e que são passíveis de ser alteradas no processo de recolha e de análise propriamente dita.

2.3. Estudo de caso

Ao centramo-nos no presente estudo, a nossa escolha recaiu sobre o estudo de caso, conscientes das vantagens e desvantagens que tal opção apresenta.

O estudo de caso é uma investigação de natureza empírica e que pode permitir a compreensão em profundidade do carácter particular da realidade estudada, tendo em conta que um estudo de caso se fundamenta “na ideia de que a análise de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação mais sistemática e mais precisa.” (Gil, 1987).

Um estudo de caso visa conhecer uma entidade bem definida como uma pessoa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma política ou qualquer outra unidade social, como refere Cohen & Manion (1990):

“...el investigador de estudio de casos observa las características de una unidade individual, un niño, una pandilla, una clase, una escuela o una comunidad.”

Ainda de acordo com Cohen & Manion, 1990, o objectivo dessa observação é demonstrar profundamente e analisar intensamente o fenómeno diverso que constitui a dinâmica da unidade, com vista para estabelecer generalizações acerca da população mais ampla onde está inserida essa unidade:

“ El propósito de tal observación es probar profundamente y analizar intensamente el fenómeno diverso que constituye el ciclo vital de la unidad, con visión para establecer generalizaciones acerca de la más amplia población a la que pertenece tal unidad.”

O seu objectivo é compreender em profundidade o “como” e os “porquês” dessa entidade, evidenciando a sua identidade e características próprias, nomeadamente nos aspectos que interessam ao pesquisador. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse. (Ponte, 2006).

Merrien (citado por Bogdan & Biklen, 1994) reforça a ideia expressa por Ponte (2006) quando se refere que “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de acontecimentos específico” (p.89).

O estudo de caso, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), tem como objectivo a descrição de forma completa e aprofundada da realidade em causa. Para tal, utilizam-se várias técnicas e instrumentos de colheita de dados, sendo o investigador considerado o principal instrumento de pesquisa, pois é ele que aplica as várias técnicas e instrumentos e deve privilegiar a informalidade que pressupõe que o investigador faça parte do meio que, que o investigue sem constrangimentos mas sem se confundir com ele.

O estudo de caso, enquanto abordagem tem vantagens, entre as quais destacamos:

- A obtenção de informação considerada como a mais rica, real e holística do que a obtida por outras abordagens científicas (Gil, 1994);
- O Reconhecimento da complexidade do fenómeno.

Além destas vantagens assinaladas, Cohen e Manion (citados por Mendes, 2002 p. 128), acrescentam ainda:

- estes estudos constituem “un paso para la acción”. Os seus resultados podem ser analisados e desencerarem-se mecanismos que promovam o auto-desenvolvimento do indivíduo, a reestruturação das instituições ou o desenvolvimento das políticas educativas;
- Considerados como produtos, são passíveis de constituir arquivo de material descritivo, uma fonte rica de dados que poderão sempre ser consultados e, caso se considere necessário, re-interpretados.

No que respeita às limitações, apontamos como principais:

- A quantidade e diversidade de informação colhida exige tempo e capacidade para ser transformada em dados pertinentes e capazes de sugerirem reflexões que ajudem a responder às questões formuladas no estudo;
- A possibilidade de enviesamento na informação recolhida, provocada pelas interferências que as características individuais do sujeito e a sua reacção à situação possam ocasionar;
- A impossibilidade de generalizar os resultados, uma vez que a(s) unidade(s) não é (são) representativa(s) da população;
- A generalização não faz sentido, uma vez que ela é de natureza estatística. Faz sentido falar em generalização analítica, ou seja, aproveitar os dados qualitativos para aprofundar e aumentar os conhecimentos teóricos sobre o assunto. (Gil, 1994).

O presente trabalho de investigação define como um estudo de natureza exploratória, considerando que se trata de uma abordagem preliminar, e descritivo, onde se narra simplesmente o que é e como é.

As razões da nossa escolha prendem-se essencialmente com os objectivos iniciais da nossa investigação. Os objectivos delineados envolvem, uma grande complexidade de fenómenos que importa compreender e analisar na sua singularidade.

A partir do objectivo geral: Compreender/Analisar as percepções dos alunos acerca das experiências vividas pelos alunos das Escolas do Agrupamento Vertical de Ourique, em matéria de utilização das TIC, está obrigatoriamente implicado no nosso estudo conhecer os meios tecnológicos que os alunos do A.V.O. dispõem, saber que tipo de experiências são adquiridas por estes ao longo do seu percurso escolar, compreender as suas perspectivas sobre a utilização das TIC, identificar possíveis obstáculos à utilização das TIC, bem como conhecer a expectativas dos alunos sobre a utilização das TIC no futuro.

Ao tratarem-se de objectivos de carácter descritivo e exploratório, não implicam a testagem de hipóteses previamente formuladas, e permitem descrever, a partir de dados recolhidos, a realidade que se pretende estudar.

Outra razão pela qual a nossa escolha recaiu sobre o estudo de caso, deve-se à particularidade de o estudo de caso permitir estudar o como e o porquê para determinado fenómeno ocorrer, neste caso é do nosso principal interesse conhecer como os alunos utilizam as TIC e porque razão fazem esse tipo de utilização e não outros.

A possibilidade de aplicarmos esta metodologia a casos em possível desajuste, isto é, que não estão a funcionar de acordo com as exigências do próprio sistema e da sociedade onde estão inseridos, e entender o contexto no qual esses desajustes ocorrem, torna-se outra razão pela qual adoptamos a referida metodologia.

Uma razão, talvez de menor pertinência, prende-se com a qualidade da investigadora, torna-se mais credível e compatível a escolha do estudo de caso no papel de investigadora individual.

Atendendo ao facto de a investigadora já ter sido, professora numa escola do A.V.O., em ano lectivo anterior ao estudo, procurámos que a interacção com os sujeitos da pesquisa fosse, na medida do possível, “natural” e, sobretudo discreta, procurando diminuir os efeitos da sua presença nos sujeitos investigados.

Apesar de os dados apresentarem uma validade apenas para o caso estudado, o seu valor científico reside em fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade limitada e possibilitar deste modo a formulação de hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas sobre a realidade da utilização das TIC noutras escolas, ou Agrupamentos. (Ponte, 2002)

3. Caracterização da população

3.1 Amostra produtora de dados

Amostra é um subconjunto de elementos pertencentes a uma população. A informação recolhida para uma amostra é depois generalizada a toda a população. Nem sempre as amostras reflectem a estrutura da população de onde foram retiradas ou são representativas dessas populações, podendo levar nesses casos a inferências erradas ou ao enviesamento dos resultados. As amostras podem ser aleatórias ou não aleatórias.

No nosso estudo em particular, uma vez que o instrumento de recolha de dados é a entrevista semi-estruturada e tendo em conta o universo desta investigação pensou-se numa amostra aleatória.

Uma vez que o investigador já detinha uma ideia da dimensão da população, contactou-se, por carta, o Agrupamento Vertical de Ourique, para pedir autorização para se desenvolver o estudo no Agrupamento incluindo todas as dinâmicas que este acarretava.

Com base nos documentos gentilmente cedidos pelo Conselho Executivo do A.V.O. tivemos conhecimento do universo dos estudantes em final de ciclo, 172 indivíduos, repartidos da seguinte forma: encontram-se 47 indivíduos no 4.º ano, 41 indivíduos no 6.º ano, 56 indivíduos no 9.º ano e 28 indivíduos no 12.º ano de escolaridade.

Depois de conhecidos os valores foram seleccionados 9 indivíduos do 4.º ano para entrevista, sendo que esses foram divididos em dois grupos de entrevista, o primeiro grupo foi formado por cinco alunos, pertencentes às escolas do 1.º ciclo situadas nas freguesias anexas à sede de Concelho; o segundo grupo foi constituído por 4 alunos da escola do 1.º ciclo da sede de Concelho. Relativamente aos restantes grupos de entrevista, foram constituídos grupos de 4 alunos ao nível do 6.º, 9.º e 12.º ano para posterior entrevista.

A selecção dos sujeitos alvo de entrevista foi executada de forma aleatória, procedendo-se à solicitação dos Directores de Turma na escolha dos alunos.

O número de alunos seleccionados, que posteriormente constituíram a nossa amostra, bem como o carácter de aleatoriedade da experiência deveu-se essencialmente a questões de tempo e encargos financeiros. Se o número da amostra fosse alargado teria implicado um maior dispêndio de tempo quer para execução das entrevistas, quer para o tratamento dos dados recolhidos, assim como o aumento nos gastos efectuados nas várias deslocações ao terreno.

Quadro 1. Amostra dos alunos a entrevistar

Ano de Escolaridade	Total de alunos	Amostra
1.º Ciclo (4.º Ano)	47 Indivíduos	9 Indivíduos
2.º Ciclo (6.º Ano)	41 Indivíduos	4 Indivíduos
3.º Ciclo (9.º Ano)	56 Indivíduos	4 Indivíduos
Secundário (12.º Ano)	28 Indivíduos	4 Indivíduos
Total	172 Indivíduos	21 Indivíduos

(Fonte: Agrupamento Vertical de Ourique, 2006/2007)

Depois de terem sido enviadas e obtidas todas as informações e autorizações pertinentes no estudo, procedeu-se à aplicação da entrevista semi-estruturada aos sujeitos seleccionados e considerados no Quadro 1, num total de 21 alunos. Bem como a aplicação de entrevista semi-estruturada ao Presidente do Conselho Executivo e ao Administrador das TIC do agrupamento, com guião de entrevista respectivamente adaptado.

A razão pela qual resolvemos realizar estas entrevistas prendeu-se com o facto de nos parecem situações produtoras de pontos pertinentes, os quais foram

oportunamente inseridos no estudo, visando ilustrar, reforçar ou complementar conclusões associadas às entrevistas dos alunos.

Devido à discrepância entre o número de alunos do sexo feminino e de alunos do sexo masculino, será de informar que dos alunos entrevistados cerca de 81% eram do sexo feminino e apenas 19% era do sexo masculino.

4. Opções e procedimentos metodológicos

4.1. Instrumentos de recolha dos dados

4.1.1. A entrevista

A entrevista constitui no presente trabalho a estratégia dominante para a recolha de dados, com a linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador chegar de modo intuitivo à maneira como os sujeitos interpretam a realidade.

Sendo uma questão central do estudo as percepções de utilização das TIC por parte dos alunos, seria inevitável ouvir estes actores. De acordo com Ramos & Freitas (1999) os alunos, mesmo quando se trata de crianças pequenas, têm percepções e opiniões bastante claras. É pois urgente conhecer os seus pontos de vista acerca das actividades que realizam nas investigações em que participam (p. 260).

Quanto ao tipo de entrevista, optámos pela entrevista semi-estruturada, que foi realizada mediante a utilização de um guião com questões abertas, que norteou o investigador durante todo o processo de entrevista.

A entrevista semi-estruturada caracteriza-se pela existência de um guião previamente preparado que serve de eixo orientador ao decorrer da entrevista, procura garantir que os diversos participantes tenham a oportunidade de responder às mesmas questões, não exige uma ordem rígida nas questões, e algumas das questões podem nem ser utilizadas. Durante a realização da entrevista podem surgir outras questões que são adaptadas ao entrevistado, e às informações que se desejam obter. Este tipo de entrevista permite ao entrevistador responder bem a diferenças individuais e situacionais e aumenta a imediaticidade das respostas.

Apontam-se como alguns pontos fortes da entrevista: a optimização do tempo disponível; o tratamento sistemático dos dados; técnica eficaz na obtenção de dados

relevantes e significativos; permite seleccionar temáticas de aprofundamento e permitem captar gestos, tons de voz, ênfase, etc. que guardam importante informação sobre o tema e as pessoas entrevistadas. E como alguns pontos fracos: as limitações na expressão oral do entrevistador e/ou entrevistados; a preparação do entrevistador; a selecção das respostas; o número de sujeitos em estudo; grande disponibilidade de tempo e a inibição das respostas por parte dos entrevistados.

Todas as entrevistas tiveram lugar na escola sede do Agrupamento, ainda que em diferentes locais. As entrevistas foram gravadas, com autorização prévia dos entrevistados. Cada entrevista teve a duração de cerca de 30 a 45 minutos e foram iniciadas com uma breve recolha de informação pessoal.

As entrevistas do Presidente do Conselho Executivo e do Administrador das TIC duraram cerca de uma hora. As entrevistas aos alunos foram realizadas em grupo de forma a conseguir uma participação mais activa da sua parte, e por conseguinte fornecer concepções diferentes que a entrevista individual não permite, uma vez que não valoriza os processos sociais e interpessoais.

Os guiões de entrevista foram utilizados sobretudo para recolher dados de vários sujeitos susceptíveis de serem comparados.

Depois de gravadas e transcritas pela investigadora, as entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo, auxiliada por uma grelha de análise de conteúdo. Mantendo a fidelidade à tradição qualitativa de tentar captar o discurso próprio do sujeito, deixando que a análise se torne evidente, as grelhas de entrevista permitem, geralmente, respostas e são suficientemente flexíveis para permitir ao observador anotar e recolher dados sobre dimensões inesperadas do tópico em estudo (Bogdan & Biklen, 1994: 107).

4.2. Procedimento geral para a análise dos dados

De acordo com Bogdan & Biklen (1994) “a análise dos dados é o processo de organização sistemático de transcrição de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com objectivo de aumentar a sua própria

compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.”

Para a análise dos dados procuramos, na medida do possível, estabelecer articulações entre as informações recolhidas pelo investigador, através das entrevistas e o quadro teórico do estudo, respondendo assim à questão da investigação, com base nos objectivos.

Em relação ao tratamento das entrevistas realizadas, recorreremos à análise de conteúdo.

Segundo Bardin (2004:16), a célebre definição de análise de conteúdo surge no final dos anos 40-50, com Berelson, auxiliado por Lazarsfeld afirmando que “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.”

Actualmente para Bardin (2004:37) designa-se sob o termo análise de conteúdo: “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

A análise de conteúdo tem lugar na investigação qualitativa com aplicações diferentes da abordagem quantitativa, na primeira é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo, enquanto que na segunda o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. A análise de conteúdo analisa o texto, não o discurso.

Quanto à análise de conteúdo, recorreremos ao seguimento de um procedimento que se resume nas seguintes etapas: a) Transcrição das entrevistas; b) Leitura na íntegra das entrevistas, para obtermos uma visão geral; c) identificação das unidades de registo, com respectiva criação de um código; d) categorização das unidades de registo; e) organização das categorias em sub-categorias; f) Elaboração de um quadro interpretativo; g) registo de conclusões.

No que respeita à categorização, esta obedeceu a critérios de coerência, homogeneidade, exclusividade, e exaustividade. Posteriormente houve a necessidade de subdividirmos as categorias em subcategorias para uma melhor organização da informação. Findo isto, fizemos o cruzamento de dados e retirámos as nossas conclusões.

CONHECER E INTEGRAR O AGRUPAMENTO

1. No Concelho

Procederemos neste item à caracterização do concelho onde está localizado o Agrupamento que estudámos, uma vez que a dinâmica do Agrupamento surge associada à contextualização espacial. A descrição dos traços físicos e sócio-culturais em que se focaliza o nosso estudo permitem-nos repensar as posições dos diversos actores sociais no processo de construção e aquisição de experiências educativas dentro do Agrupamento.

O Concelho de Ourique é um dos 14 concelhos integrantes do distrito de Beja, com cerca de 660 km² de área geográfica, tendo como localização precisa, a região sudoeste do mesmo distrito. Situa-se numa zona de transição, entre a planície Alentejana e a Serra Algarvia, sendo que uma das seis freguesias (Panóias, Conceição, Santa Luzia, Garvão, Ourique e Santana da Serra), Santana da Serra é uma freguesia tipicamente serrana.

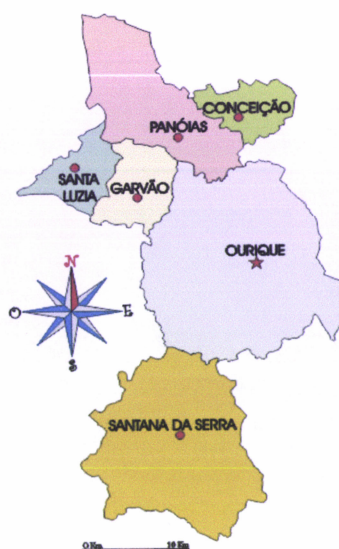


Figura 2. Mapa das freguesias do concelho de Ourique.

Este concelho tem uma população total de 6199 habitantes (Censos 1991-2001), sendo que os dados do anuário estatístico da Região do Alentejo de 2004 apontam para um total de 5842 habitantes, e apresenta uma densidade populacional de 9 habitantes/km². A freguesia de Ourique, considerada como medianamente urbano, de acordo com a tipologia de áreas urbanas, reúne como sede de concelho 49,2% do total da população do concelho, seguindo-se Santana da Serra com 18,5%, Garvão com 13,8% e Panóias com 10,1%. Ficando Santa Luzia com 6,4% da população do Concelho de Ourique e Conceição com os restantes 2%.

O concelho de Ourique é um dos maiores do país em área geográfica, no entanto possui uma baixa densidade populacional. Os dados dos Censos mais recentes (1991-2001) indicam que na altura residiam 6199 pessoas, distribuindo-se pelos vários grupos etários da seguinte forma:

Quadro 2. Distribuição da população por idade

Idade	População residente segundo a idade
0-14 Anos	656 Indivíduos
15-24 Anos	679 Indivíduos
25-64 Anos	2978 Indivíduos
≥ 65 Anos	1886 Indivíduos

(Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação, 2001)

Da análise do quadro 2, podemos inferir que se trata de uma população envelhecida, com um índice de envelhecimento na ordem dos 283,3, perto do dobro do índice de envelhecimento da região. Destacando-se a população com mais de 65 anos, que representa 30 % da população e apenas 10% da população está representada por jovens com menos de 15 anos de idade.

Ainda segundo a mesma fonte, o total da população activa era, nessa altura, de 41,3%, sendo que a distribuição por sexos se fazia do seguinte modo – 58,5% eram homens e cerca 33,9% era mulheres. A taxa de desemprego do concelho registava valores muito baixos, cerca de 10,5%, e afectando maioritariamente as mulheres.

Associado a estes factores encontramos a distribuição da população pelos vários sectores de actividade económica, que demonstram um clara debilidade dos sectores primário e secundário, como podemos observar pelo Quadro 3:

Quadro 3. Distribuição da população por sector de actividade

Sector	População (%)
Primário	19,8
Secundário	21,8
Terciário	58,4

(Fonte: INE, 2002)

De acordo com o quadro 3, depreende-se que se trata de um Concelho com fraca actividade económica e empresarial, e que a actividade agrícola, que outrora acentuou os campos, é pouco produtiva e com prenúncios de declínio.

O Projecto Educativo de escola do Agrupamento Vertical de Ourique (2006/2009) sintetiza da seguinte forma a economia do concelho:

A economia local pode caracterizar-se do seguinte modo:

- Estrutura produtiva agrícola marcadamente extensiva, geradora de pouco emprego;
- Predominância de actividades ligadas à exploração e transformação dos recursos naturais, nomeadamente, a exploração e transformação dos recursos naturais, nomeadamente, a exploração florestal e pecuária, a caça e algum artesanato;
- O sector do comércio e dos serviços embora débil e baseado numa economia familiar representa no seu conjunto a principal actividade económica. (pág. 9)

De acordo com Neves et al. (1992) são apontados três bloqueios-tipo ao desenvolvimento do concelho: as limitações biofísicas que põem em causa o seu sistema produtivo agrícola no contexto do espaço europeu; a escassa diversificação das actividades produtivas que excluído o enclave natural das industrias extractivas, se restringem a actividades de pequena transformação e pequeno comércio tradicional orientado para o mercado local; e o défice de iniciativa empresarial e, complementarmente, de capacidade de retenção de recursos humanos qualificados. (Neves et al., 1992).

Destacam-se também outros indicadores, relevantes para qualquer estudo que assente em dinâmicas pessoais e sociais, como sejam a taxa de analfabetismo.

Quadro 4. População residente, segundo o nível de ensino atingido (em n.º de indivíduos) e taxa de analfabetismo (em percentagem)

Concelho	Nenhum nível de ensino	Ensino Básico			Ensino Secundário	Ensino Médio	Ensino Superior	Taxa de Analfabetismo (%)
		1.ºCiclo	2.ºCiclo	3.ºCiclo				
Ourique	1765	2329	672	583	597	16	237	26,2

(Fonte: INE, Recenseamento geral da população e habitação, 2001)

Da análise do quadro 4 acima representado, relativo à situação da população residente, face à escolarização, destacam-se dois pontos importantes: a elevada taxa de analfabetismo (26,2%) e o reduzido número de indivíduos com curso superior.

Finalizamos a caracterização do concelho, com recurso a um outro indicador, apresentado pelo Instituto Nacional de Estatística, no anuário estatístico da região Alentejo de 2004, do qual seleccionámos: estrangeiros com estatuto de residente por habitante, que apresenta uma taxa elevada no concelho de Ourique (0,14%), comparativamente com os restantes concelhos do Baixo Alentejo, região esta que apresenta uma taxa de 0,06%.

As características inerentes ao concelho e à sua população reflectem-se, inevitavelmente, em toda a comunidade escolar, bem como na estrutura e dinâmica do Agrupamento Escolar. Assim, nos itens que se seguem, faremos uma caracterização do agrupamento, veiculada pelo projecto educativo, onde procuraremos descortinar o papel das TIC, e a importância dada às aprendizagens com TIC dentro do Agrupamento.

2. No Projecto Educativo

O Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, veio instituir um novo modelo de autonomia, gestão e administração dos estabelecimentos de ensino pré-escolar, básico e secundário, modelo esse que pretende contribuir para modernizar e melhorar as condições qualitativas de educação e do processo de ensino de aprendizagem.

Considerando a Escola como uma instituição que se movimenta e age num meio social bastante diversificado e heterogéneo, torna-se obrigatório salvaguardar antecipadamente, as especificidades e diferenças inerentes a cada uma das partes que a constituem, de modo a que possam ser atingidos os objectivos a que se propõe.

O Agrupamento Vertical de Ourique, iniciou a sua actividade como Agrupamento no ano 2000, integrado num ambiente ainda bastante ruralizado, com algumas assimetrias sociais, é considerado pelos seus membros e na região como a principal rede de aprendizagem e de formação, face à inexistência no sistema escolar de Ourique, das denominadas Escolas Profissionais, com cabimento no Decreto-Lei n.º 26/89, bem como nos restantes concelhos vizinhos. Embora exista um Centro de Emprego localizado em Ourique, este funciona como um subsistema de aprendizagem.

Ao longo dos anos as escolas têm sido o reflexo das profundas transformações sofridas no concelho: transformações sociais, culturais e económicas, bem como as inerentes mudanças no sistema educativo, impostas pelas reformas implantadas por órgãos superiores. A escola outrora caracterizada, por um conjunto de alunos onde a homogeneidade se fazia sentir quer em termos culturais, quer em termos educacionais, é hoje caracterizada por uma diminuição da população escolar, resultante da desertificação sentida no concelho, bem como pela presença de alunos estrangeiros que revelam diferentes interesses culturais e motivacionais.

O rosto actual do Agrupamento Vertical de Ourique vem espelhado no seu Projecto Educativo, onde se definem estratégias operacionalizadoras das suas finalidades. Segundo Formosinho (1991) o Projecto Educativo é o instrumento

organizacional de expressão da vontade colectiva da escola – comunidade educativa, é um documento que dá um sentido útil à participação, e à corporização operativa da autonomia da escola comunidade.

No dizer de Barroso (1992, citado em Costa, 2003) existem sete áreas de maior impacto do projecto de escola no funcionamento das organizações escolares:

- Aumentar a visibilidade do estabelecimento de ensino;
- Recuperar uma nova legitimidade para a escola pública;
- Participar na definição de uma política educativa local;
- Globalizar a acção educativa;
- Racionalizar a gestão de recursos;
- Mobilizar e federar esforços;
- Passar do “eu” ao “nós”. (p. 56)

De acordo com o antes afirmado o projecto educativo deve encaminhar a escola a ser capaz de encontrar a sua identificação e de se relacionar com o meio em que está inserida. Mais, deve funcionar como um instrumento norteador do órgão de gestão, quer como documento de informação, quer como documento de afirmação.

A promoção do sucesso educativo e a realização integral dos alunos através: da qualidade do ensino e de aprendizagem; da educação para a cidadania; do desenvolvimento físico equilibrado; da reflexão sobre os valores culturais, estéticos, espirituais, morais, cívicos; da participação de Pais e Encarregados de Educação na vida da escola; e da interacção com a comunidade e o meio envolvente, são as finalidades definidas no Projecto Educativo, do Agrupamento Vertical de Ourique (2006/2009).

O Agrupamento integra, para além da escola-sede, todos os estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico das freguesias de Ourique – Panóias, Conceição, Santa Luzia, Garvão e Santana da Serra, perfazendo um total de 14 estabelecimentos de ensino.

Relativamente ao número de alunos durante o ano lectivo 2006/2007, encontramos uma distribuição heterogénea, e da análise dos dados relativos ao ano lectivo 2005/2006, verifica-se uma perda na população escolar. Como podemos confirmar no seguinte quadro:

Quadro 5. Número de alunos matriculados durante os anos lectivos 2005/2006 e 2006/2007.

ANO LECTIVO	ENSINO						Total
	Pré- Escolar	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário		
					Diurno	Nocturno	
2005/2006	111	188	86	169	99	37	695
2006/2007	93	182	92	154	86	28	635

(Fonte: Conselho Executivo do Agrupamento Vertical de Ourique, 2007)

De referir, ainda, que ao nível da educação pré-escolar bem como do 1.º ciclo, o grosso dos alunos frequentam as escolas situadas na sede de concelho, e o 2.º e 3.º ciclo diurno têm 246 alunos distribuídos por 12 turmas.

Em relação ao ensino secundário, este é composto por cursos via prosseguimento de estudos (Cursos científico-humanísticos) e um curso de educação e formação (CEF). No Agrupamento apenas funcionam dois dos cinco cursos científico-humanísticos (Curso de Ciências e Tecnologias e Curso de Ciências Humanas e Sociais) propostos na reforma curricular do ensino secundário, não existindo nenhum curso tecnológico a funcionar.

Devido à elevada taxa de insucesso escolar verificada no A.V.O., ao nível do 3.º Ciclo do Ensino Básico, que se deve em parte à não confluência entre as situações de aprendizagem propostas pela escola e aos gostos ou prioridades dos alunos, foi aberto no ano lectivo 2006/2007 um Curso de Educação e Formação (CEF), designado Curso de Serviço de Mesa e Bar, com expressão no Despacho Conjunto n.º 279/2002, estes cursos “pretendem proporcionar aos jovens um conjunto de ofertas diferenciadas que permitam o cumprimento da escolaridade obrigatória e a obtenção de qualificações profissionais, devidamente certificadas – inserindo-se como itinerário no Artigo 11 do Decreto-Lei n.º 6/2001.”

Estes cursos destinam-se a jovens com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos sem o 1.º, 2.º ou 3.º ciclo do Ensino Básico, que pretendam, para além da

escolaridade, uma qualificação profissional. No caso do curso que está a funcionar no Agrupamento, confere aos alunos que o frequentam, um certificado de qualificação profissional de nível 2, o que corresponde a uma qualificação completa de uma actividade, com capacidade de utilizar os instrumentos e técnicas com ela relacionadas.

Esta actividade respeita principalmente a um trabalho de execução que pode ser autónomo no limite das técnicas que lhe dizem respeito. Este curso é ainda acrescido de uma componente prática, em contexto de trabalho, que será desenvolvida numa empresa, com duração entre um a três meses, sendo esta encarada como uma experiência na respectiva área de formação técnica, e que possa permitir uma adequada inserção profissional.

Hoje, passados cerca de sete anos após a formação do Agrupamento, este tornou-se pólo formador do concelho de Ourique, não apenas pela sua abrangência física, mas sobretudo pelo facto de funcionar em paralelo com a Câmara Municipal, como um centro dinamizador de várias actividades. O Agrupamento Vertical de Ourique é neste momento o palco da dinâmica social e cultural da sociedade ouriquense.

3. No papel das TIC

O A.V.O através do seu Projecto Educativo ajuda-nos a compreender como se processa a aquisição de experiências em TIC e a importância dada ao papel desempenhado pelas TIC no Agrupamento, por enfatizar conceitos relevantes, que demonstram o grau de integração das TIC nas várias escolas.

Começemos por apresentar e explicitar as linhas orientadoras da actividade educativa da escola, no que respeita às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

O A.V.O, sob a forma de perspectivar o futuro, direcciona a sua aposta “nas tecnologias de informação e comunicação como instrumento fundamental e incontornável na criação e disseminação do saber, no estabelecimento de laços e criação de estruturas em rede para partilha de informação e criação de estratégias comuns na defesa de interesses da nossa região e de muitas outras, não só no país mas um pouco por toda a parte (Projecto Educativo, do Agrupamento Vertical de Ourique, 2006/2009).

Ao nível dos campos de intervenção, o Agrupamento definiu alguns objectivos auxiliados pelas TIC, e promotores das mesmas, como mostra o quadro seguinte:

Quadro 6. Campos de intervenção, objectivos e acções a desenvolver durante o triénio 2007/2009.

Campo de Intervenção	Objectivos	Acções a desenvolver
Pedagógico	- Utilizar meios e a linguagem das TIC para a informação, o debate, a divulgação e a valorização dos recursos endógenos	<ul style="list-style-type: none">• Criar um sítio na Internet que promova a pesquisa, o estudo, o conhecimento sobre as problemáticas da interioridade e as qualidades
Organizacional	- Promover uma verdadeira articulação entre ciclos	<ul style="list-style-type: none">• Utilizar as TIC para a circulação da informação.
	- Rentabilizar os espaços e os equipamentos existentes	<ul style="list-style-type: none">• Gerir racionalmente as salas de aula, a mediateca, as salas de estudo, as salas de TIC, o pavilhão gimnodesportivo e outros espaços.
	- Equipar as Escolas e salas de aula com equipamentos para a aprendizagem das TIC	<ul style="list-style-type: none">• Continuar a equipar as salas de aula e as escolas do agrupamento com computadores e ligação à internet• Ligar as escolas do agrupamento em rede através da internet
	- Promover a informação digital	<ul style="list-style-type: none">• Digitalizar os documentos de suporte da informação• Criar meios que facilitem a circulação da informação com menores custos.
Formativo	- Promover a formação contínua do pessoal docente e não docente	<ul style="list-style-type: none">• Realizar acções de formação nas TIC

(Fonte: Projecto Educativo, Agrupamento Vertical de Ourique, 2006/2009)

Da análise do quadro 6 e no que diz respeito às acções a desenvolver em matéria de TIC, é notória a preocupação do Agrupamento em proporcionar o acesso dos alunos às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como promover o desenvolvimento de métodos de trabalho com recurso às TIC. No projecto educativo do Agrupamento foram ainda consagrados dois campos de intervenção: a articulação comunidade escolar/família e o relacional, para os quais não foram definidos objectivos a serem atingidos no que concerne às TIC.

Relativamente aos recursos físicos, item com especial interesse para o nosso estudo, destacam-se condições de distribuição de equipamento de TIC com algumas assimetrias, ou seja, temos uma escola sede razoavelmente equipada, especialmente a partir do ano lectivo de 2006/2007, e temos escolas do 1.º ciclo com défice de equipamento e alguns problemas de acesso à internet, como mostram os seguintes quadros:

**Quadro 7. Parque informático das escolas do ensino Pré - escolar do
Agrupamento Vertical de Ourique em 2006/2007**

Freguesia	Pré – Escolar						Local
	Pc's	Impres.	Scanner	Vídeo- Projector	Internet	Pc's Portáteis	
Ourique	2	1	1	-	Não	-	Sala de aula
Aldeia de Palheiros (escola inserida na freguesia de Ourique)	1 (Avariado)	-	-	-	Não	-	Pc partilhado pelas duas escolas (pré- escolar e 1.º ciclo)
Garvão	1	1	-	-	Não	-	Sala de aula
Santa Luzia	1	1 (Avariada)	-	-	Não	-	Sala de aula
Panóias	1 (Avariado)	-	-	-	Não	-	Sala de aula
Santana da Serra	1	-	-	-	Não	Não	Sala de aula
Total	7	3	1	-	-	-	-

*(Fonte: Inventário realizado pela Investigadora e Dados fornecidos pela Câmara Municipal de
Ourique, 2007)*

**Quadro 8. Parque Informático das escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do
Agrupamento Vertical de Ourique em 2006/2007**

Freguesia	1.º Ciclo						
	Pc's	Impres.	Scanner	Vídeo- Projector	Internet	Pc's Portáteis	Local
Ourique	8	7	2	-	Sim	-	Biblioteca, Sala de aula (5), Sala de Coordenação
Aldeia de Palheiros (escola inserida na freguesia de Ourique)	1 (Avariado)	-	-	-	Não	-	Pc partilhado pelas duas escolas (pré- escolar e 1.º ciclo)
Garvão	2 (1 está avariado)	2	1	-	Sim (os referem que não têm rede)	-	Salas de aula
Santa Luzia	1	1	1	-	Sim	-	Sala de aula
Panóias	1	1	1	-	Não (As instalações não permitem)	-	Num canto do Hall de entrada da escola
Santana da Serra	1	1	-	-	Sim	-	Sala de aula
Total	14	12	5	-	-	-	-

*(Fonte: Inventário realizado pela Investigadora e Dados fornecidos pela Câmara Municipal de
Ourique, 2007)*

Quadro 9. Parque informático da Escola E.B. 2,3/S do Agrupamento Vertical de Ourique em 2006/2007

E.B. 2,3/S de Ourique								
Pc's	Impress.	Scanner	Vídeo-Projector	Internet	Pc's Portáteis	Outros	Notas	Local
17	2	1	1	Sim	-	1 Webcam 1 placa X-Fi Sound Blaster	Os computadores têm instalado um software de segurança – Netsupport school	Sala TIC
-	-	-	1	Sim	15	-	A rede é sem fios	Sala dos portáteis
3	2	1	-	Sim	-	-	Os computadores não têm sistema de segurança	Biblioteca
12	1	-	-	Sim	-	-	Os computadores não dispõem de software, nem hardware actualizado. Não possuem sistema de segurança	Sala C16
1	1	1	-	Sim	-	-	-	Laboratório de Ciências
1	1	-	-	Sim	-	-	-	Pavilhão Desportivo
3	1	1	-	Sim	-	-	-	Sala de Professores
2	1	-	-	Não	-	-	-	Sala de Directores de Turma
3	1	1	-	Sim	2	-	-	Conselho Executivo
-	-	-	2	Não	7	-	-	Recursos Informáticos de apoio ao Professor
2	1	1	-	Não	-	-	-	Clube de Jornalismo
1	-	-	-	Não	-	-	-	Coord. de Projectos
7	4	-	-	Sim	-	-	-	Serviços Administrativos
51	15	6	4	-	24	-	-	Total

(Fonte: Inventário realizado pela investigadora e Plano TIC, Agrupamento Vertical de Ourique, 2006/2007)

Da análise dos quadros apresentados anteriormente, verifica-se um insuficiente número de equipamento ao nível do Ensino Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, que o Agrupamento tem tentado colmatar, ao promover a utilização do equipamento da escola sede, contudo uma vez que estes dois ciclos de ensino estão sob a tutela da Câmara, as requisições de material, bem como o efectivo apetrechamento compete à Câmara Municipal.

A acrescentar à falta de equipamento, deparamo-nos com uma construção dos edifícios escolares, que devido a motivos arquitectónicos e de antiguidade parecem ser obstáculo à instalação de rede, comprometendo o acesso à internet.

Ao nível da escola sede, onde funcionam os restantes ciclos de ensino, denotam-se duas preocupações, alvo do órgão de gestão: a falta de espaço, e a optimização das instalações escolares, de modo a que se possam oferecer mais experiências em matéria de TIC.

No último ano a escola foi dotada de melhores condições, como se verifica no quadro 8, ainda que a rede sem fios (*wireless*), está presente apenas num dos edifícios do Agrupamento, com a previsão de se equipar os restantes edifícios. Um dos objectivos do Agrupamento é que todas as salas tenham acesso à internet, galvanizando assim o uso educativo das TIC.

Contudo, devido à escassez de cursos em oferta formativa no Agrupamento, muito contribuem para que só agora se estejam a equipar algumas salas, e se verifique a preocupação da comunidade escolar em integrar as TIC.

Ao longo dos anos, através dos vários documentos que resultam de reuniões de trabalho, como projecto educativo; projectos curriculares de turma; projectos de actividades extracurriculares; actas de conselho de turma, conselho pedagógico, e assembleia de escola; e no último ano com o Plano TIC, verifica-se notoriamente, que nos últimos anos existe uma crescente preocupação, se não mesmo o surgimento de preocupações nesta matéria, transcritas em papel sob a forma de linhas orientadoras à implementação e integração das TIC.

A acrescentar a estes factos, soma-se a lacuna de formação dos alunos ao nível das TIC, uma vez que a disciplina TIC surge no percurso escolar dos alunos no 5.º ano, como oferta de escola e depois volta a surgir no 9.º ano por obrigatoriedade do currículo.

À disciplina de TIC a funcionar ao nível do 5.º ano, é atribuída uma carga horária de 1 hora. É uma disciplina de natureza transversal e complementar às

restantes disciplinas, proporcionando o recurso às TIC. Os alunos desenvolvem projectos escolhidos por eles, ou sob proposta dos professores da disciplina.

4. No Plano TIC

No contexto das TIC torna-se fundamental o papel do Coordenador de TIC do Agrupamento. Com cabimento no quadro do Despacho n.º 26691/05, de 30 de Novembro, cabem-lhe as tarefas a nível pedagógico: i. Elaborar no Agrupamento/Escola um plano de acção anual para as TIC (Plano TIC); ii. Colaborar no levantamento de necessidades de formação em TIC dos professores do Agrupamento/Escola; iii. Identificar as suas necessidades de formação disponibilizando-se para frequentar as acções de formação desenvolvidas; iv. Elaborar, no final de cada ano lectivo, e em conjunto com os parceiros envolvidos, o balanço e a avaliação dos resultados obtidos, a apresentar aos órgãos de Administração e Gestão do Agrupamento/Escola e à respectiva Direcção Regional de Educação. E a nível técnico, como: i. Zelar pelo funcionamento dos computadores e das redes no Agrupamento/Escola, em especial das Salas TIC; ii. Usar o serviço do Centro de Apoio TIC às Escolas (Call Centre) de forma sistemática para os problemas de ordem técnica; iii. Ser o interlocutor junto dos serviços centrais e regionais de educação para todas as questões relacionadas com os equipamentos, redes e conectividade, estando disponível para receber a formação necessária proposta por aqueles serviços; iv. Articular com os técnicos das Câmaras Municipais que apoiam o 1.º Ciclo do Ensino Básico, quando se trata de Agrupamento de escolas; v. Articular com as empresas que, eventualmente, prestem serviço de manutenção ao equipamento informático.

Relativamente ao plano TIC, foi elaborado pelo Coordenador de TIC, com a colaboração de outro docente do grupo de TIC um plano TIC a aplicar durante o ano lectivo 2006/2007 no Agrupamento. De um modo geral um plano TIC visa promover a integração da utilização das TIC nas actividades lectivas e não lectivas, rentabilizando os meios informáticos disponíveis e generalizando a sua utilização por todos os elementos da comunidade educativa. Uma vez concebido no âmbito do Projecto Educativo do Agrupamento, o Plano TIC do mesmo Agrupamento definiu os seguintes objectivos:

- Aumentar o acesso e o uso da tecnologia pela comunidade educativa, perspectivando a escola como uma comunidade de aprendizagem;
- Promover uma efectiva utilização das TIC nos diversos domínios: currículo, serviços, informação e administração;
- Promover uma efectiva utilização das TIC nos processos de ensino, aprendizagem, avaliação e nas tarefas administrativas e de gestão escolar;
- Perspectivar o uso das TIC como ferramentas potenciadoras e geradoras de novas situações de aprendizagem e de novas metodologias de trabalho;
- Proporcionar aos professores formação e apoio na utilização das diversas aplicações informáticas, no domínio da planificação das actividades lectivas, na diversificação de estratégias, no desenvolvimento de projectos e na produção de recursos educativos, contemplando mecanismos presenciais e à distância;
- Estimular e consolidar atitudes e metodologias de trabalho colaborativo ao nível docente e discente, desenvolvendo novas competências e partilhando recursos e boas práticas;
- Promover o uso das TIC em contextos inter e transdisciplinares, fomentando o desenvolvimento de projectos educacionais;
- Desenvolver nos alunos hábitos de trabalho e competências de pesquisa, selecção e tratamento da informação, tendo em vista a produção de conhecimentos;
- Promover a selecção e organização de recursos educativos e materiais de apoio já existentes e a produção de outros, tendo em vista apoiar o trabalho de alunos e professores;
- Efectuar um levantamento de necessidades em termos de equipamento e de formação e providenciar pela resposta adequada;
- Gerir de modo eficaz o parque informático, em termos de hardware e software. (Plano TIC, 2006/2007: 2).

Trata-se pois, de um conjunto de iniciativas que aspiram a uma escola promotora de oportunidades em literacia digital.

Embora saibamos que muito há a fazer em matéria de utilização das TIC, no A.V.O., e que até ao ano lectivo transacto não existia uma estratégia delineada para a utilização e desenvolvimento das TIC no Agrupamento, para concretizar os objectivos propostos no plano TIC, foram enunciadas áreas de actuação para o ano 2006/2007, assenta a sua concretização em vários itens:

1. Formação de Professores: destaca-se a intenção de formar os docentes do Agrupamento, designadamente nas áreas do Windows XP; Microsoft Word2003; Excel2003; Powerpoint2003; utilização do pacote Office da Microsoft para elaborar: planificações, fichas, testes, actas, grelhas de correcção de testes, grelhas de avaliação, apresentações e outros documentos; *Netsupport School 8*; Criação de conta de e-mail; criação de Página na internet; *Hot Patatoes*. É um desafio que envolve alguma logística, contudo possibilitará a motivação dos docentes para a integração das TIC nas aulas e criação de novas práticas de trabalho, bem como facilitará o processo de ensino-aprendizagem.

2. Actividades Extracurriculares: realçamos o Desporto Escolar por onde passam as actividades de elaboração do projecto de adesão ao desporto escolar, de relatórios de actividades bem como a inscrição de alunos em provas de desporto escolar e publicação de resultados; a Rádio Escolar, onde farão a utilização de programas áudio: *Steinberg WaveLab* e *Nero Burning Rom 6*; a Publicação na Internet do Jornal da Escola, bem como o seu alojamento no servidor da Direcção Regional do Alentejo; Criação da Página na Internet da Escola – Escola Virtual, que incluirá a utilização do FrontPage2003, do The Panorama Factory V4, de máquina fotográfica digital, tratamento de imagem com software indicado; Concurso Página Pessoal do Aluno na Internet, utilização de *Frontpage2003* e de aplicativos em *Flash: AnimFX, Xara3D6*; Criação de um folheto turístico do Concelho de Ourique, com recurso ao software *Publisher2003*; Elaboração de Manuais Práticos do *Word 2003, Excel 2003, Powerpoint 2003* e a Feira Multimédia, onde terão lugar jogos online, em rede, projecção de vídeos, demos, videoclips, exploração do *Google Earth, Msn Messenger*, entre outras aplicações.

3. Sala de Computadores Portáteis: no sentido de dar continuidade à “Iniciativa Escolas, Professores e Computadores Portáteis”, proposta pelo CRIE

(Equipa de Missão Computadores, Redes e Internet na Escola), foi implementada no início do no lectivo de 2006/2007 a sala de computadores portáteis, que devido a questões logísticas, só começou a funcionar no mês de Fevereiro. Esta sala destina-se à prática de actividades lectivas, e aos alunos do ensino secundário.

Confrontaremos os objectivos traçados no plano TIC com a interpretação dos dados obtidos nas entrevistas, de modo a perspectivar a aplicabilidade do plano, bem como a adequação do mesmo ao nível da integração das TIC no A.V.O.

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

1. Caracterização dos entrevistados

Durante o trabalho de campo efectuado para o estudo foram efectuadas sete entrevistas, das quais cinco foram aplicadas a grupos de alunos em final de ciclo, e as duas restantes foram efectuadas com o Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento e com o Administrador das TIC, respectivamente. Os elementos entrevistados foram agrupados da seguinte forma:

Quadro 10. Distribuição dos elementos entrevistados

Número da Entrevista	Grupo de Entrevista	N.º de Elementos	Observações
1	Alunos do 1.º ciclo das E.B. 1 das Freguesias	5	4.º Ano
2	Alunos do 1.º ciclo da E.B. 1 de Ourique	4	4.º Ano
3	Alunos do 2.º Ciclo	4	6.º Ano
4	Alunos do 3.º Ciclo	4	9.º Ano
5	Alunos de Secundário	4	12.º Ano
6	Presidente C. E. do Agrupamento de Escolas	1	-----
7	Administrador das TIC	1	-----

As entrevistas decorreram no início do mês de Janeiro e no seu decorrer não houve imprevistos a registar. A total disponibilidade para colaborar neste estudo,

bem como a mobilização de esforços no sentido de se efectuarem as entrevistas foi notória, por parte dos sujeitos envolvidos. Pelo facto de este tipo de investigação depender em muito da disponibilidade, e do voluntarismo dos participantes, levounos a pensar em algumas soluções alternativas, contudo a colaboração foi de 100%.

2. Análise das entrevistas

Seguindo as recomendações de autores como Bogdan & Biklen (1994) e Bardin (2004) depois de registadas e lidas as entrevistas, procedeu-se a uma primeira triagem aos elementos constituintes da entrevista, a fim de eliminar pontos que em nada tinham em comum com os objectivos do trabalho. Em posteriores leituras foram seleccionadas frases ou partes de frases que passaram a integrar as unidades de registo. Por sua vez as unidades de registo foram submetidas a um processo de codificação, na qual se adoptou o código (entrevista, página, entrevistado). Ex. (1.2.3.):

1. Corresponde ao número da entrevista.
2. Corresponde ao número da página.
3. Corresponde ao número do entrevistado, neste caso é o 3.º entrevistado da página 2, da entrevista n.º 1.

Uma vez que durante o trabalho de campo foram efectuadas entrevistas a diferentes actores sociais, e devido ao nosso objectivo principal passar por auscultar as percepções dos alunos como discursos na primeira pessoa, procederemos à análise das entrevistas de forma diferenciada e compartimentada, isto é, serão apresentados em primeiro lugar, os resultados obtidos nas entrevistas com os alunos e analisados à luz do procedimento descrito anteriormente. Posteriormente serão alvo de análise as entrevistas efectuadas ao Presidente do Conselho Executivo e ao Administrador das TIC simultaneamente. Será feita uma análise menos rígida, uma vez que estas entrevistas têm apenas um carácter de completar e de fornecer outra visão acerca dos assuntos abordados junto dos alunos.

Na apresentação dos resultados das entrevistas aplicadas aos alunos as unidades de registo definidas foram agrupadas em categorias que por sua vez coincidem com os principais blocos de estudo das entrevistas. Na construção do

guião da entrevista aos alunos foram realçados cinco blocos, dos quais queremos destacar apenas três blocos fundamentais:

No Bloco I – Equipamento existente – pretendeu-se recolher dados para a caracterização dos recursos existentes no Agrupamento Vertical de Ourique.

No Bloco II – Perspectivas sobre a utilização das TIC – dois objectivos foram definidos: Conhecer as TIC que os alunos do Agrupamento Vertical de Ourique têm acesso, a sua utilização e o contexto em que são utilizadas, e Conhecer as expectativas dos alunos quanto às experiências com TIC, e o respectivo impacto das mesmas no seu percurso escolar.

No Bloco III – Perspectivas sobre o futuro da utilização das TIC – importou recolher dados que possibilitem orientar a tomada de decisões quanto à melhoria de resultados.

Com o material resultante da análise de conteúdo das entrevistas construíram-se quadros de síntese que permitiram organizar e sistematizar os dados, para posterior interpretação. Os quadros que se seguem são resultados da análise das entrevistas, os quais serão discutidos separadamente. Começamos pela análise de conteúdo das entrevistas aos alunos.

Análise de conteúdo das entrevistas aos alunos

Na análise das entrevistas realizadas com os alunos definimos três categorias, como referimos anteriormente, e posteriormente dividimos a informação em sub-categorias como mostra o quadro 11.

Quadro 11. Categorias e sub-categorias identificadas nas entrevistas aos alunos

Categorias	Sub-categorias
Equipamento Existente	Equipamento em casa
	Ligação à internet em casa
	Equipamento na escola
	Locais/Distribuição do Equipamento
	Condições de conectividade
Perspectivas sobre a utilização das TIC	Outras tecnologias
	Software existente
	Disciplinas onde trabalha com TIC
	Actividades na escola com TIC
	Necessidade de Acompanhamento nas actividades
	Tipo de utilizadores
	Equidade no acesso
	Motivação para a utilização
	Comunicação
	Divulgação de trabalhos, projectos, etc.
Perspectivas sobre o futuro da utilização das TIC	Mudanças intrínsecas/extrínsecas
	Decisões/Medidas
	Vantagens
	Expectativas/Desejos

Devido ao facto de as entrevistas dos alunos se terem realizado em grupo, a análise e interpretação das mesmas teve em conta esse facto. A codificação das unidades de registo permitiu assim, a confrontação de respostas entre os vários

colegas de grupo/entrevista que manifestaram de uma forma geral os seus pontos de vista. Tais pontos de vista serão oportunamente discutidos. Passemos agora à apresentação e discussão dos resultados.

- **1.ª Categoria – Equipamento Existente**

A primeira fase da entrevista (Anexo II) tinha por objectivo caracterizar o equipamento disponível aos alunos do A.V.O., abordando itens como: o equipamento que têm em casa, na escola, como está distribuído esse equipamento na escola, as condições de acesso aos materiais e à rede da internet, bem como a existência de uma página da *web* do A.V.O.

- ***Equipamento em casa/Ligação à internet***

No que respeita ao equipamento em casa, através da entrevista ficámos a saber que a maior parte dos alunos tem computador em casa, num universo de 21 alunos, 15 tem computador e seis não tem computador. No entanto verifica-se o contrário em relação à ligação à internet em casa, apenas 7 alunos dispõem de acesso à internet, enquanto 14 alunos não dispõem desse acesso (quadro 12).

Os números apontam para uma situação favorável quanto à posse de computadores, no entanto parecem contradizer em parte, os dados apontados por um estudo levado a cabo pelo INE (Instituto Nacional de Estatística) durante o ano de 2006 que revela que a região do Alentejo apresenta a percentagem mais baixa no que respeita à posse de computador e ligação à internet nos agregados domésticos. Contudo o mesmo estudo aponta o Alentejo, como a região com maior expressão de ligações à internet a partir do telemóvel, cerca de 53,3%.

Quadro 12. Equipamento existente em casa

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Equipamento Existente	<i>Equipamento em casa</i>	1.2.1. Não.	6
		2.2.1. Sim.	15
	<i>Ligação à internet em casa</i>	1.2.4. Não	14
		1.2.5. Sim	7

➤ ***Equipamento na escola***

Em relação ao equipamento existente na escola verifica-se na generalidade que os alunos do A.V.O. referem que o material existente é insuficiente. No entanto através da conversa estabelecida em entrevista pode-se confirmar que os do 1.º ciclo referem com mais ênfase a falta de material, enquanto que os alunos pertencentes à escola sede de agrupamento apontam o facto da dificuldade de acesso ao material. Nomeadamente os alunos do 2.º e 3.º ciclo que referem o facto de a escola ter novos computadores, pc portáteis, mas que o acesso a estes não lhes é permitido sempre que desejado. Os alunos do secundário por sua vez, referem o facto do uso que se faz dos computadores, por parte dos alunos, se revelar desadequado e como tal limita o acesso de outros alunos que necessitam efectivamente do computador para trabalhar (quadro 13).

Tendo em conta a explosão que a utilização das TIC sofreu nos últimos anos e os investimentos que têm sido feitos nesse sentido, estes resultados parecem contrariar as políticas definidas.

Quadro 13. Equipamento existente na escola

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Equipamento Existente	<i>Equipamento na escola</i>	1.2.1. (...) Temos lá um só que está desligado.	1
		1.2.2. Houve um, só que roubaram-no (...) mas temos lá um para trabalhar.	1
		1.2.3. A minha escola tem dois computadores, só que um ta na outra sala e o que lá está não é da escola, é de um menino que tem um problema.	1
		1.2.4. Só há um computador, e está na outra sala	1
		1.3.5. Só temos um computador e já é um bocado velhinho.	1
		2.2.2. Precisava de mais.	2
		2.2.4. Estão bons.	1
		3.2.2. Se os computadores estivessem todos a funcionar correctamente, sim...	1
		3.2.3. (...) acho que há poucos computadores, muitos estão avariados.	1
		4.2.1. (...) muitos estão desactualizados. E os portáteis agente não pode.	1
		4.2.3. (...) Os melhores...não é permitido o acesso aos alunos.	1
		5.2.2. Há pessoas que fazem um uso indevido dos computadores.	1
		5.2.2. Podia haver mais computadores, ou mais uma sala de computadores. Não é só ter muitos computadores	2
		5.3.3. Podiam haver mais, apesar de agora a escola estar muito melhor, com os portáteis.	1
5.3.3. Se realmente se quiser ter uso muito... muito acentuado dos computadores, e os computadores serem realmente uma ferramenta diária, de trabalho, os computadores ainda são insuficientes para o número de alunos que existem na escola	1		

➤ ***Locais/Distribuição do equipamento***

Relativamente aos locais onde são feitas as utilizações das TIC, assim como a distribuição do equipamento verifica-se através das respostas obtidas, que a maioria dos alunos do 1.º ciclo não tem computador dentro da sala de aula, ou pelo menos a funcionar, e que estes necessitam de se deslocar da sala para poderem utilizar o computador. Já na escola sede os alunos referem a sala de TIC, a sala de

computadores, sala dos portáteis e a biblioteca como os locais onde podem aceder às TIC, no entanto na opinião dos alunos esse acesso é condicionado, ou porque não têm a disciplina de TIC ou por motivos que são alheios. Quanto à distribuição de alunos por computador, o número de alunos referido por estes é bastante homogéneo, situando-se entre os dois ou três alunos por computador (quadro 14).

O facto de os computadores estarem normalmente instalados em salas separadas e não nas salas de aula, leva a que os alunos acabem por obter mais aprendizagens em casa do que na escola, uma vez que quase todos os alunos entrevistados têm computador. Assim como os locais em que se encontra o material informático são denunciadores do tipo de utilização que deles é feita, questão que será abordada mais à frente.

Quadro 14. Locais/Distribuição do Equipamento

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Equipamento Existente	<i>Locais/ Distribuição do Equipamento</i>	1.3.3. Agente só usa o da outra sala...	1
		2.2.1. Vamos à da Adília.	1
		2.2.4. Na biblioteca e às vezes na sala, mas ele agora está avariado.	2
		3.2.2. Há salas de aula com computadores, mas nós não temos acesso a elas.	1
		3.2.4. Na sala de computadores e na biblioteca.	2
		4.2.1. Na aula de TIC, nas aulas...	3
		5.3.2. Na sala de computadores	3
		1.3.2. (...) ficamos às vezes dois, três...	1
		1.3.3. Um ou dois.	1
		1.3.4. Vamos três para o computador	2
		2.2.1. Vai só um aluno	1
		3.3.2. Dois ou três	4
		4.3.2. Dois por computador	5

➤ ***Condições de conectividade***

As condições de acesso à internet, bem como a existência de uma página da web do A.V.O., questão que será estudada em detalhe mais à frente, foram definidas pelos alunos do 1.º ciclo como de difícil acesso, ou seja, a maioria dos alunos do 1.º ciclo não têm acesso à rede, enquanto que os alunos da escola sede apesar de terem acesso à rede, queixam-se das falhas constantes na rede, que por sua vez lhe dificultam o trabalho planeado (quadro 15).

Esta situação é também tratada em alguma literatura, nomeadamente no estudo efectuado por Saúde (2002), que constatou que a segunda razão pela qual a internet não era tão utilizada na sala de aula como seria de esperar, se devia à falta de condições de acesso à internet na escola.

Através de relatos ouvidos pela investigadora, são mencionados pelos actores educativos que a falta de condições de acesso à rede, ao nível das escolas do 1.º ciclo se deve essencialmente a questões de construção e antiguidade dos edifícios escolares. O que vai ter repercussões ao nível de rentabilização do seu uso educativo.

Quando questionados sobre a existência de uma página da web do A.V.O., os alunos do 1.º ciclo, especialmente os alunos das freguesias anexas, demonstraram desconhecimento ao termo página da web. Depois de posterior explicação do conceito, de forma simplificada, por parte da investigadora, os alunos referiram a não existência da página do agrupamento.

Os alunos da escola sede referiram em uníssono a não existência da referida página, e em especial os alunos mais velhos lembraram o facto de no ano lectivo anterior ter sido construída uma página da associação de estudantes do agrupamento, mas que esta se encontra desactualizada.

Quadro 15. Condições de conectividade

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Equipamento Existente	<i>Acessibilidade</i>	1.3.1. Nós temos lá uma coisinha qualquer, na paredezinha que dá para o telefone e para a internet	1
		1.4.2. Às vezes vamos lá buscar coisas para a gente fazer.	1
		1.4.4. Sim. Mas só às vezes é que vamos lá.	1
		2.3.2. Não. Só o 3.º ano é que tinha, e era para mostrar à Ministra. E só tem um na biblioteca, o resto não tem internet. E há o da Adflia.	1
		1.4.2. Sim.	10
		4.2.3. Não	5
		4.3.1. Às vezes (...) outras vezes não há rede.	3
		1.4.1. Não	16
		3.3.1. Só a associação de estudantes é que tinha, mas era o ano passado.	3
		4.3.3. A página da associação está desatualizada.	3

- **2.ª Categoria – Perspectivas sobre a utilização das TIC**

Na tentativa de entendermos como é que os alunos perspectivam a utilização que fazem das TIC confrontámo-los com as questões propostas na segunda fase da entrevista. A segunda fase da entrevista ocupou-se de conhecer as TIC que os alunos do A.V.O. têm acesso, a sua utilização e em que contexto são utilizadas, assim como procurou conhecer as expectativas dos alunos quanto às experiências com TIC, e o respectivo impacto das mesmas no seu percurso escolar.

➤ ***Outras tecnologias***

As TIC nas escolas são encaradas quase sempre pela presença de computadores nas escolas, no entanto uma vez que a sociedade é bombardeada a um ritmo vertiginoso de novas tecnologias, os alunos foram questionados acerca de outras tecnologias que disponham, e que tipo de utilização fazem delas. Os alunos na sua maioria são detentores de telemóvel, alguns dispõem de mp3 e apenas um aluno tem IPOD. Estes recursos são utilizados essencialmente para enviar mensagens, telefonar e ouvir música. Os alunos mais novos referem que só usam de vez em quando, enquanto os mais velho dizem usar todos os dias (quadro 16).

A pouca variedade ao nível de tecnologias, que os alunos são detentores pode dever-se às condições sócio-económicas dos pais, uma vez que é um concelho que apresenta famílias muito carenciadas, ou pode dever-se à pouca sensibilização dos alunos para os vários tipos de tecnologia. O facto de não explorarem o computador nas suas aulas, pode ser um indicador e pode reflectir-se no uso que fazem de outro tipo de material, isto é a sua utilização fica aquém das potencialidades do equipamento.

Quadro 16. Outras tecnologias

Categorias	Sub- categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Outras tecnologias</i>	1.4.1. (...) tenho telemóvel	16
		1.4.5. (...) leitor de mp3	7
		4.3.1. (...) IPOD	1
		1.4.1. Uso para enviar mensagens e ouvir música	2
		1.4.5. Uso para telefonar e para jogar	1
		1.4.5. (...) uso todos os dias.	9
		1.4.4. (...) só uso às vezes	7

➤ *Software Existente*

Os alunos descrevem o software existente no agrupamento como desactualizado. Quando questionados se consideram o software da sua escola actualizado, 17 alunos respondem claramente “*Não*”. Aliás os alunos referem que não existe software utilitário nas suas escolas, sendo esse um dos desejos manifestados por uma aluna do 1.º ciclo, numa fase posterior da entrevista (quadro 17).

Tendo em conta que o software utilitário ou educativo é um recurso fundamental para a integração e utilização educativa das TIC, podemos concluir que as utilizações que têm sido proporcionadas aos alunos ficam aquém das potencialidades do material informático de que dispõem.

Quadro 17. Software existente

Categorias	Sub- categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Software Existente</i>	1.5.1. Não	17
		2.4.1. Só na biblioteca é que há lá jogos gravados	1
		3.4.1. Há DVDs e cassetes na biblioteca, só para o computador não há nada.	2
		4.4.1. os softwares estão muito desactualizados	1
		5.5.3. (...) na sala de computadores, precisámos de ler um DVD, e nenhum computador tem leitor de DVD, só os portáteis	1

➤ ***Disciplinas onde trabalha com TIC***

No que concerne às disciplinas onde os alunos trabalham mais com as TIC, foram referidas mais vezes as disciplinas de Área de Projecto e História, em relação à disciplina de História é de revelar que o professor desses alunos, é visto como um pioneiro na área das TIC dentro do A.V.O., uma vez que criou um blog da disciplina e solicitou aos alunos que cada um deles criasse o seu próprio blog de forma a comunicarem e publicarem trabalhos. No que respeita à área curricular não disciplinar de Área de Projecto, devido à reorganização curricular de que as escolas foram alvo, essa juntamente com o estudo acompanhado assumiu a integração curricular das TIC, daí que se possa atribuir a sua nomeação apenas ao cumprir das directrizes curriculares (quadro 18).

A baixa frequência das unidades de registo deve-se essencialmente à não participação do alunos de 1.º ciclo nessa questão e também à dificuldade com que os alunos questionados se depararam em responder, uma vez que não são muitas as disciplinas em que os alunos trabalham com as TIC.

Quadro 18. Disciplinas onde trabalha com TIC

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	Disciplinas onde trabalha com TIC	3.4.1. Área de projecto	4
		3.4.2. (...) História. Em História o Professor ajudou-nos a construir um blog, para metermos lá os trabalhos.	4
		4.4.1. TIC	1
		4.4.4. Ciências	3
		1.4.5. Português	1
		1.4.5. Matemática	1

➤ *Actividades na escola com TIC*

Da análise das entrevistas, relativamente à questão: *que tipo de actividades realizas dentro da escola, com o auxílio das TIC?*, nota-se pelo discurso dos alunos, a importância depositada nas actividades de pesquisa e consulta de informação, em especial nas escolas do 1.º e 2.º ciclo.

As actividades de criação de trabalhos, produção de informação, não são mencionadas em algum momento, sendo por isso revelado pelos alunos, sob a forma de desejo de trabalho futuro com as TIC.

Ao nível dos alunos do 3.º ciclo e do secundário, a produção de trabalhos é a principal actividade apontada, sendo estes elaborados a pedido de professores, mas não sob a supervisão de professores (quadro 19).

A propósito deste assunto, um estudo realizado pelo INE em 2006 revela que quem utiliza a internet manifesta fundamentalmente dois propósitos: pesquisar informação sobre bens e serviços (83,8%) ou trocar mensagens através de e-mail (80,9%), jogar e fazer *download* de variadíssimas coisas fica-se pelos 45 %. O que quer dizer que as actividades realizadas nas escolas, são um espelho que se faz na

sociedade. No entanto devemos preocuparmo-nos com papel de escola cidadã e na potencial ferramenta de trabalho que é o computador ao serviço desse e de outros papéis que cabe à escola.

Quadro 19. Actividades na escola com TIC

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Actividades na escola com TIC</i>	1.5.2. Fazemos textos, fazemos desenhos e vamos à Internet.	5
		2.4.4. (...) Pesquisamos.	7
		3.4.2. Para trabalhos, na construção e na pesquisa	3
		4.4.1. Aqui na escola é só mesmo pesquisa. Eu não utilizo muito os computadores aqui na escola.	1

➤ ***Necessidade de acompanhamento nas actividades***

Os alunos quando questionados sobre a atenção que os professores depositam nas suas actividades e sobre o auxílio que facultam sobre as mesmas, respondem de uma forma geral que não necessitam de acompanhamento e que os professores não costumam vigiar o trabalho que desenvolvem. No entanto os alunos do secundário referem que os professores fazem um acompanhamento das suas actividades (quadro 20). Tais respostas na eventualidade de serem totalmente verdadeiras podem dever-se à escassez de actividades planificadas pelos professores, e serem resultado de trabalhos que vão surgindo no decorrer de alguma actividade. Parece-nos mais importante o facto de os alunos afirmarem que não necessitam de ajuda nas actividades, o que tem se vindo a confirmar em alguns estudos, que apontam para um défice de conhecimentos ao nível da informática por parte dos professores, em relação aos alunos.

Quadro 20. Necessidade de acompanhamento nas actividades

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Necessidade de Acompanhamento nas actividades</i>	1.5.1. às vezes	7
		1.5.4. (...) não peço ajuda	3
		2.4.1. Eu não	11
		1.6.1. Sim. A nossa professora via o que é que nós fazíamos, e se nós fizéssemos algum erro e ajudava-nos	1
		1.6.2. Não	11
		2.4.2. Os professores não. Mas as auxiliares da biblioteca sim. Porque os computadores não são muito usados nas salas. É só mesmo para estar lá.	1
		3.5.3. Só em Área de projecto	2
		4.5.1. Sim	4

➤ ***Tipo de utilizadores***

Os alunos quando interrogados sobre o tipo de alunos que utilizam mais as TIC, respondem de forma heterogénea. Os alunos do 1.º ciclo acham que são alunos ricos, curiosos, mas também que podem ser todos. Já os alunos do 2.º ciclo consideram ser variados, e que aqueles que utilizam mais, nem sempre é para fins educativos. Os alunos do 3.º ciclo e do secundário consideram ser os alunos que não têm ou internet ou computador em casa. Quando questionados se o facto de utilizarem mais ou menos as TIC está relacionado com o facto de serem bons ou maus alunos, os alunos respondem na sua maioria que uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas os alunos do 3.º ciclo e secundário realçam o facto de se tornarem alunos mais informados, e que dependendo do uso que se faz das TIC, este pode influenciar o tipo de aluno (quadro 21).

Quadro 21. Tipo de utilizadores

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Tipo de Utilizadores</i>	1.6.1. São ricos	1
		1.6.2. Metem-se muito, quando estamos no computador vai sempre ver o que estamos a fazer.	1
		1.6.4. São todos	1
		2.5.1. É esperto	1
		2.5.4. Um menino informado, curioso, que tem interesse pela matéria e gosta da escola.	1
		3.5.1. São variados	1
		3.5.3. Eu acho que quem utiliza mais o computador é sempre para jogar, não é para coisas a sério.	1
		4.5.2. Eu acho que são aqueles que têm internet em casa.	1
		5.6.2. Um aluno que não tem computador em casa	1
		1.6.1. Sim, é melhor	3
		2.5.3. Não	12
		2.5.4. Não. Pode ser esperto e viver num monte	1
		4.5.1. (...) depende. Se um aluno tem acesso á internet, se calhar tem mais facilidade em pesquisar e mais conhecimento	2
		4.6.3. Mas pode ajudar ao desenvolvimento do aluno.	1
		5.6.3. Tem tudo a ver com a questão como nós os utilizamos	1

➤ *Equidade no acesso*

No que concerne à igualdade de acesso às TIC, os alunos sinalizam os seguintes pontos: a condição sócio-económica dos alunos é factor determinante e o acesso às TIC não é igual para todos (quadro 22).

As razões que explicam as respostas dadas pelos alunos, podem justificar-se através das características inerentes ao concelho de Ourique e ao agrupamento. Contudo não nos devemos esquecer, que sendo objectivo primordial do nosso estudo

confrontar os discursos com as práticas, relembramos o documento saído da V Conferência dos Ministros da Educação europeus, em 2001, onde foram expressos fortes e válidos argumentos que justificavam a urgência da integração das TIC na escola, entre os quais se destaca:

- a justiça na criação e manutenção de igualdade de oportunidades, entre os alunos, no acesso às TIC;

Passados praticamente seis anos, continuamos a verificar que a nível micro, isto é no nosso estudo de caso, continua a ser apontado pelos principais intervenientes a assimetria de oportunidades de acesso às TIC.

Quadro 22. Equidade no acesso

Categories	Sub-categories	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	Equidade no acesso	1.6.1. Alguns pais nem sequer têm dinheiro para comprar, e outros não querem, outros não podem	3
		1.6.2. Não	15
		2.5.2. (...) porque os pais não podem comprar essas tecnologias novas, ou então porque não percebem muito bem do sistema. Ou então porque não têm acesso às coisas.	1
		2.5.1. (...) é igual para todos	2
		4.6.1. Alguns não têm dinheiro para comprar alguns equipamentos. E depois aqui na escola também não há tudo.	1
		3.5.1. Nem por isso. Porque os horários são condicionados, os computadores não são suficientes.	2

➤ *Motivação para a utilização*

A motivação para a utilização das TIC é talvez dos indicadores, da integração das TIC numa organização escolar.

A questão da entrevista procurou saber se os professores incentivam os alunos para a prática das TIC, e se esse incentivo acaba por ter algum papel preponderante no uso efectivo que fazem das TIC. As respostas navegam em mares contraditórios.

Os alunos do 1.º ciclo e do 2.º ciclo referem que os seus professores os incentivam com alguma frequência. Enquanto que os alunos do 3.º ciclo e secundário afirmam que sentem esse incentivo apenas em casos pontuais (quadro 23).

Apesar do escasso apetrechamento de material informático das escolas E.B.1, ao nível da escola sede o ratio de alunos por computador é de 6,5 alunos/computador, o quer dizer que o facto de a integração das TIC não se deve limitar apenas ao investimento na instalação de equipamentos, mas também ao incentivo à sua utilização de forma eficaz, só assim se consegue explicar o sucesso das medidas de integração. Uma vez que no caso estudado a primeira premissa parece estar no bom caminho.

Quadro 23. Motivação para a utilização

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Motivação para a utilização</i>	1.7.1. às vezes	7
		2.5.1.(...) mando-nos logo ir pesquisar	1
		2.6.2. (...) a nossa professora incentiva-nos muito... quando não há no dicionário vamos à internet pesquisar.	1
		2.5.1. Sim	3
		4.6.1. Alguns professores querem os trabalhos em <i>power point</i> ...	4
		5.7.2. No meu caso foi com a Matemática	1
		5.7.2. Em relação às TIC não	1

➤ **Comunicação**

A existência de momentos de comunicação através das TIC são mencionados pelos alunos a partir do 3.º ciclo. Os alunos quando interrogados se costumam trabalhar na internet com outros alunos ou professores respondem taxativamente *não*. Também não dispõem de um endereço de e-mail onde possam trocar informação, e

apenas um professor lhes forneceu o seu e-mail a fim de facilitar o envio de informação (quadro 24).

O facto de o agrupamento não possuir um *website* não incita a utilização dos alunos por essas vias de comunicação, acabando esta por se efectuar de maneira tradicional.

A comunicação assente nas TIC oferece amplas oportunidades e potencialidades de inovação. Apesar desta evidência, o A.V.O. é ainda um pouco organizado, como se as tradicionais formas de planear e organizar a comunicação das pessoas não se tivessem alterado na última metade do século passado.

Quadro 24. Comunicação

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Comunicação</i>	1.7.1. Não	15
		4.6.3. Costumamos falar uns com os outros, através da internet	1
		5.7.3. Só fazemos amigos	1
		3.7.2. O ano passado, os professores de TIC criaram-nos um e-mail	1
		2.6.4. Não	16
		4.7.3. Só o professor de História é que nos deu o e-mail.	1

➤ ***Divulgação de trabalhos, projectos, etc.***

Os alunos referem, na sua grande maioria que os seus trabalhos não são publicados on-line. Aponta-se a possibilidade de alguns projectos serem alvo de publicação e tirando os alunos do 3.º ciclo que têm um professor de História, que os incentivou e propôs novas práticas de trabalho com TIC, não são referidos mais episódios de divulgação de trabalhos através das TIC.

Quando questionados sobre as vantagens que esse tipo de publicação traz, os alunos de 3.º ciclo a que foi proposto o trabalho nas aulas de História, indicam a

disponibilidade constante das matérias, o arquivo de informação e a segurança da informação, como principais vantagens (quadro 25).

Quadro 25. Divulgação de trabalhos, projectos, etc.

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Divulgação de trabalhos, projectos, etc.</i>	1.8.1. Não	17
		2.6.2.(...) temos a professora de educação ambiental, que está a fazer um trabalho connosco,..., e vai fazer um site só nosso.	1
		4.7.2. Em História, O professor propõe trabalhos, e em vez de entregarmos o trabalho em si, publicamos na internet, e o professor pode ir lá ver, como os alunos.	1
		4.7.3. Só em História e cada um tem o seu blog.	1
		4.7.2. Estamos sempre em contacto com as matérias. Metemos lá os nossos conhecimentos. E os outros podem aprender.	1
		4.7.3. Não perdemos a informação. É mais fácil aceder.	1

- **3.ª Categoria – Perspectivas sobre o futuro da utilização das TIC**

- ***Mudanças intrínsecas/extrínsecas***

O futuro das TIC no A.V.O. é a grande preocupação de todos os intervenientes do processo educativo daquele concelho. De forma a perspectivar sobre o futuro da utilização das TIC, no nosso estudo procurámos recolher dados que possibilitem a tomada de decisões quanto à melhoria de resultados, no domínio das TIC.

Uma vez que o parque informático da escola sede de agrupamento sofreu melhorias significativas ao nível do seu apetrechamento, com a chegada dos novos computadores portáteis, questionámos os alunos sobre as mudanças que sentiram enquanto aluno e na escola.

Os alunos do 1.º ciclo, uma vez que não foram contemplados com a chegada dos portáteis, foram questionados sobre o que traria de novo, a chegada de mais equipamento, ao que responderam que seria uma forma de fazerem mais coisas, entre elas jogar, pesquisar e trabalhar mais depressa. Os alunos do 2.º e 3.º ciclo não se mostraram muito entusiastas com as mudanças no equipamento uma vez que o seu acesso lhes é condicionado. No entanto os alunos que contactaram com esse equipamento apontam a rapidez como a principal mudança (quadro 26).

A falta de argumentos para enumerar as mudanças sentidas dever-se-á provavelmente ao facto de a sala dos portáteis ser utilizada apenas quando os professores a solicitam, o que deixa os alunos à mercê da sensibilidade dos professores para as novas tecnologias. Não devemos no entanto esquecer que à escala mundial “a aceleração da mudança, a virtualização, a universalização sem clausura são tendências de fundo, muito provavelmente irreversíveis, que devemos integrar em todos os nossos raciocínios e em todas as nossas decisões (Lévy, 1997:219).”

Quadro 26. Mudanças Intrínsecas/ Extrínsecas

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Mudanças Intrínsecas/ Extrínsecas</i>	1.8.1. Podíamos fazer lá mais algumas coisas, jogar, pesquisar coisas para o natal, para a Páscoa.	1
		1.8.2.(...) vai ajudar mais as pessoas.	1
		1.8.3. Podem fazer mais pesquisas...	1
		1.8.4. (...) trabalhar mais depressa e melhor	2
		1.8.5. Saber mais coisas. Podíamos fazer textos e melhorar.	1
		3.8.1. Só os alunos do 5.º e do 9.º é que podem ir para a sala dos portáteis.	1
		4.8.1. É mais fácil aceder às TIC. Mas é difícil porque só podemos aceder com o Professor.	2
		4.8.4. É mais rápido.	3
		3.8.2. Não notámos muito, porque não podemos usá-las	2
		4.8.1. (...) nós temos o equipamento e não podemos utilizá-lo.	1
		4.8.3. (...) há três anos atrás tínhamos, cerca de 20 computadores na escola toda, agora temos 40, se calhar 60. Estão é privados aos alunos. Para aí 40 estão privados aos alunos.	1

➤ ***Decisões/Medidas***

Quanto à tomada de decisões no futuro, as respostas dos alunos revelam que são necessárias medidas para que estes continuem a aprender com as TIC. Mais computadores é a medida apresentada pela maioria dos alunos do 1.º ciclo. Melhorar as condições de acesso à internet, bem como alargar as aulas de TIC a todos os anos são as sugestões dadas pelos alunos do 2.º ciclo e 3.º ciclo. A existência de um curso livre de TIC, como forma dar formação adicional aos alunos, assim como as articulações interdisciplinares são as medidas adoptadas pelos alunos do secundário (quadro 27). O facto de os alunos do 1.º ciclo referirem que necessitam de mais equipamento poderá dever-se a questões relacionadas com a acção por parte da

Câmara Municipal, organismo que as tutela, pode ainda dever-se ao facto de terem sido feitos investimentos por parte da Câmara, mas estes ainda não terem sido notados no terreno.

Em relação aos alunos da escola sede de agrupamento as medidas apontadas por estes, podem dever-se à escola não possuir as condições técnicas e pedagógicas adequadas para o efeito, podem ainda dever-se à desadequação dos currículos escolares, mas pode ainda estar ligado ao facto de a escola não comportar docentes com formação nesta área, fazendo com que este não se sinta à vontade para utilizá-lo com mais frequência com os alunos.

Quadro 27. Decisões/ Medidas

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Decisões/ Medidas</i>	1.9.1. Mandava computadores	5
		1.9.3. Mandava computadores...Também mandava um livro para quando tivessem dificuldades fossem lá ver.	1
		2.7.1. Não fechava as escolas, metia computadores em todas as salas, com internet e arranjava as escolas	3
		2.7.3. Comprava mais material	1
		3.8.1. (...) arranjar a internet	1
		3.8.2. Aulas de TIC para todos	3
		4.8.1. Disponibilizava o acesso às TIC	2
		4.8.3. Falava com os professores de todas as disciplinas, para introduzirem as TIC nas suas aulas, para os alunos todos começarem a trabalhar mais com elas.	1
		5.8.2. Abrir um curso livre, de técnicas de TIC.	1
		5.8.3. Arranjar mais computadores para tentar haver uma interacção, não só com a disciplina de TIC, mas com outras disciplinas.	1

➤ ***Vantagens***

A utilização das TIC tem sido largamente referenciada pela literatura da especialidade.

Quando questionados sobre as vantagens de aprender com o auxílio das TIC, os alunos de tenra idade do A.V.O. mencionam o facto de poderem “pesquisar coisas” como a principal vantagem, referem ainda a possibilidade de poderem criar algo. Já os alunos de nível etário superior referem as TIC como uma forma de motivação para aprender, e como atributo chave para a inserção na vida activa (quadro 28).

A escassa enumeração de vantagens por parte dos alunos do A.V.O. pode dever-se a dificuldades de expressão e encadeamento de ideias, no caso dos alunos mais novos, ou poderá dever-se ao pouco contacto que os alunos têm mantido com as tecnologias educativas. Como indicam alguns estudos, nas escolas com acesso à internet, em que os professores pouco vantagem efectiva tiram da tecnologia para ensinar os alunos que as frequentam, verifica-se que os alunos acabam por se desmotivar devido à pouca efectividade desta ferramenta no seu dia-a-dia escolar.

Quadro 28. Vantagens

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Vantagens</i>	1.9.1. (...) pesquisar coisas para fazer mais e... mais depressa	2
		1.9.5. Traz mais aprendizagem	2
		2.7.1. (...) ficávamos a aprender melhor e aprendíamos mais rapidamente	1
		2.7.3. Pesquisar mais coisas	2
		2.7.4. (...) podemos criar coisas novas	1
		3.8.1. (...) facilidade em pesquisar	1
		4.8.1. (...) acho que é mais organizado	1
		4.9.2. (...) os alunos ficavam mais motivados, para aprender	2
		5.9.2. A nível das saídas de trabalho, é muito importante saber trabalhar com as TIC.	1
		5.9.3. (...) ter mais acesso à informação, ser nós próprios a captar e a seleccionar o que é importante e o que não é.	1
		5.9.4. Os alunos ficam mais evoluídos	1

➤ *Expectativas/Desejos*

Criar textos no computador, comunicar com outras pessoas e produzir o site do agrupamento são os principais desejos dos alunos do A.V.O. (quadro 29).

Numa época em que se fala de escolas virtuais, aprendizagem interactiva, e-learning, e tantos outros conceitos ligados às novas tecnologias, e onde a pressão sobre a sociedade e conseqüentemente sobre as escolas se faz sentir de maneira significativa parece-nos que os desejos dos alunos do A.V.O., são facilmente exequíveis e a curto prazo.

Um apetrechamento informático tardio, a falta de formação dos recursos humanos, e a falta de espaços nas escolas para se poderem executar projectos, parecem-nos as razões para que as expectativas dos alunos se cinjam a situações que noutras escolas, estão completamente ultrapassadas. Passa pela nomeação por parte dos órgãos competentes, de uma equipa que ajude a equipa TIC na concretização do plano TIC.

Quadro 29. Expectativas/Desejos

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Expectativas/ Desejos</i>	1.10.1. Gostava de fazer um filme	1
		1.10.2. Gostava de fazer um texto, uma estória que tivesse inventado	3
		2.7.1. (...) arranjar um programa no computador, para poder pintar	1
		2.7.2. (...) entrar em comunicação com outras escolas.	2
		2.8.3. Um programa de computador para aprender melhor as matérias todas.	1
		3.9.1. (...) fazer concursos entre turmas e entre escolas	2
		3.9.3. Arranjar uma página na internet para a escola.	5
		5.9.2. Trabalhar com uma plataforma	1

➤ **Avaliação**

A questão colocada - *Numa escala de 0 a 10, que classificação atribuis, ao número de experiências com que terminas o teu ciclo?* - teve a intenção de recolher a avaliação feita pelos alunos, ao número de experiências com TIC, que estes adquirem em final de ciclo. As respostas obtidas remetem-nos para valores díspares.

Verifica-se que à medida que subimos no ciclo de ensino, as notas atribuídas descem claramente. Os alunos do 3.º ciclo e secundário atribuem a classificação de quatro e cinco, lembrando que as experiências que têm adquirido são por conta própria.

Os alunos de 1.º e 2.º ciclo apesar de referirem que dispõem de pouco material e que podiam trabalhar mais com as TIC atribuem ao número de experiências classificações elevadas (entre seis e nove), exceptuando uma aluna do 1.º ciclo que atribui a classificação de três (quadro 30).

Os resultados obtidos talvez sejam fruto de uma consciência imatura, característica dos alunos de 1.º ciclo e 2.º ciclo, ou reflectam apenas, que apesar das poucas experiências que tiveram, estas foram significativas.

Os alunos mais velhos atribuem as classificações mais baixas, porque o seu estágio de desenvolvimento cognitivo permite-lhes fazer uma avaliação rigorosa da situação.

Quadro 30. Avaliação

Categorias	Sub-categorias	Unidades de Registo	Freq. das unidades de registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC	<i>Avaliação</i>	1.10.1. Seis	1
		1.10.3. Nove	2
		1.10.4. Oito	4
		1.10.2. Três	1
		2.8.2. Podíamos trabalhar mais	1
		2.8.4. Sete e meio	1
		3.9.1 Seis	3
		3.9.2 Sete	2
		4.9.1. Quatro	3
		4.9.3. Cinco	4
		5.9.1. Nunca tive TIC, Aprendi por mim própria	1
		5.10.3. Algumas, durante o 10.º ano com a disciplina de TIC, foi a primeira vez que tive essa disciplina.	2

Análise de conteúdo da entrevista ao Presidente do Conselho Executivo do A.V.O. e ao Administrador das TIC

No caso do guião de entrevista aplicado ao Presidente do Conselho Executivo, a sua elaboração culminou na definição de seis blocos de entrevista, entre os quais têm maior relevância:

No Bloco I – Caracterização do funcionamento do Agrupamento – pretendeu-se recolher dados para a caracterização da dinâmica do Agrupamento.

O Bloco II, III e IV correspondem aos blocos I, II e III respectivamente, definidos no guião de entrevista dos alunos.

Será de referir que para a entrevista ao Administrador das TIC foram definidos os mesmos blocos de entrevista que para os alunos, mas com um discurso obviamente adaptado.

Passemos à análise propriamente dita.

Na entrevista efectuada com o Presidente do C. E. do A.V.O., o primeiro objectivo visava constatar as percepções gerais, do Presidente do C. E. sobre o A.V.O., foram colocadas algumas questões, das quais destaco:

Confrontámos o Presidente do agrupamento sobre as diferenças que existem ao nível do material informático existente nas várias escolas, e sobre o papel da Câmara nas escolas do Pré-Escolar e 1.º Ciclo. Ao que o presidente nos respondeu de uma forma clara a situação que o agrupamento vive, bem como as dificuldades com que se depara na gestão de recursos, ao que passamos a transcrever:

“Eles acabam por não terem aquilo que querem e nós também não beneficiamos nada com isso. Nós continuamos com os nossos recursos e eles com os deles, que são muito poucos. Apesar agora haver uma melhoria, só têm um computador em cada sala, que foi apetrechada no âmbito do projecto: “Internet na escola”, em que o 1.º ciclo recebeu um só computador. Claro que já foi há algum tempo, e os computadores já têm o seu desgaste, e só um é muito pouco. Claro que quando há alguma avaria, tem de ser a Autarquia a tentar recuperar, e por vezes não é fácil, depende da sensibilidade da Autarquia.”

Foi ainda realizada uma questão que procurava confrontar o Presidente com algumas observações preteridas pelas as colegas do 1.º ciclo e por alguns alunos, sobre o facto de apesar dos últimos esforços feitos pelas entidades competentes, a internet é ainda uma miragem, devido ao facto de as instalações serem tão antigas. O Presidente confirmou a situação e desvendou que a situação se alarga pelas várias freguesias do concelho.:

“A própria E.B.1 de Ourique, que é a sede, a escola tem muitas salas e a própria construção do edifício, as paredes são muito grossas, e então a internet só deu para ser instalada, numa sala do rés do chão e outra no primeiro andar, que era a que estava por cima, devido à grossura das paredes. Nas outras salas não foi possível. Em relação às Escolas das freguesias ainda há muito a fazer, porque tem de se colocar tudo o que é necessário para que haja ligação à internet. Ainda não está terminado. Está-se a pensar fazer tudo isso, mas ainda não está terminado. Não serão muitos gastos, mas o que é certo é que ainda não está terminado.”

Ora a situação descrita, vem contrariar as notícias trazidas a lume pela comunicação social, pouco tempo antes de a investigadora fazer o seu trabalho de campo. As notícias descrevem uma situação que em parte está longe de se cumprir. Passo a citar a informação publicada, num jornal regional:

“A Ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues deslocou-se à E.B. 1 de Ourique, onde pôde verificar, à semelhança do que aconteceu em todas as outras EB1 do município (aldeia de Palheiros, Panóias, Santana da Serra, Garvão e Santa Luzia) a colocação de mobiliário, já que o antigo mobiliário tinha 19 anos. Além disso, a ministra também presenciou a utilização, por parte dos alunos, dos novos computadores. A autarquia adquiriu 16 computadores, todos com ligação à internet, distribuídos pelas EB1 e jardins-de-infância.

Após visitar as salas de aula e contactar com os alunos, Maria de Lurdes Rodrigues afirmou que Ourique “é um motivo de orgulho”, já que é “uma comunidade aberta ao exterior”. A ministra salientou ainda que a educação e a escola estão a mudar em Portugal, sendo o trabalho local, como em Ourique, essencial” (Diário do Sul, 5 de Janeiro de 2007).

A segunda fase da entrevista ao Presidente do C. E. do A.V.O. coincidiu com a primeira fase de entrevista ao Administrador das TIC do agrupamento. Nesta segunda fase procurámos recolher dados para a caracterização dos recursos existentes no A.V.O.

Quando questionados sobre a quantidade e qualidade de equipamento de TIC que o agrupamento possui, os entrevistados responderam de maneira diferente. O Presidente afirma que o equipamento não é suficiente ao nível do agrupamento, e algum desse equipamento já se encontra desactualizado e com pouca capacidade, destacou ainda as situações mais preocupantes, o ensino pré-escolar e o 1.º ciclo.

Já o Administrador de TIC considera que a escola sede reúne algumas condições, nomeadamente agora com a chegada dos computadores portáteis, situação

em que coloca grande ênfase, e que realça a questão da elevada taxa de requisição da sala. Lembra o facto de o Agrupamento, relativamente aos concelhos circundantes, ser o único que não oferece um curso tecnológico de informática, pelo que isso é um factor a ter em conta na quantidade de equipamento que a escola detém.

No que respeita à ambição de ter mais equipamento no agrupamento, o Presidente ressalta que é necessário investir mais de modo “a que todos os alunos, todos os professores, de todos os grupos possam ter acesso às mesmas coisas, bem como o órgão de gestão. Deixar de trabalhar tanto com o papel e mais com o software.”

No que concerne ao software educativo e utilitário, o administrador de TIC, assume que existe uma escassez desse tipo de material, e que é uma situação que podia ser melhorada.

Numa terceira fase da entrevista procurámos as percepções do Presidente e do Administrador de TIC, sobre os contextos de utilização das TIC no A.V.O.

A questão de partida prendia-se com a questão dos entrevistados disporem de conhecimentos/formação sobre a utilização das TIC, indispensáveis ao cargo que desempenham. O administrador de TIC considerou que para as disciplinas que lecciona, e para as que existem na escola, talvez não exista essa necessidade de formação. No entanto alerta para o facto de o restante grupo de docentes ter essa necessidade, e devido a isso ter agendado com a sua colega de grupo uma pequena formação aos colegas.

Por seu turno, o Presidente afirma ser dos elementos da escola que utiliza menos, mas que há sempre colegas suas que fazem esse trabalho, ocupando-se mais de outras áreas. Já fez formação, mas como não treina, nem utiliza muito, acabou por não desenvolver. Penso que poderá fazer e deve fazer.

Aquando o início da implementação das TIC o Presidente não apontou nenhum obstáculo. Contudo o Administrador confere às pessoas alguns entraves:

“não falo só dos colegas, falo do resto da comunidade, auxiliares, parecem que ainda vêm esta área como estranha para eles. E noto que muitas vezes, em termos de motivação, o que estamos a fazer não é muito significativo.”

Quando questionados sobre a existência de formação ao nível pessoal docente, nesta área, o Presidente referiu que o centro de formação que cobre a área, tem proposto formação ao pessoal docente nessa área e que pouco a pouco tem surgido pessoal com formação. O Administrador refere que o grupo de docentes, em

especial deste ano lectivo, não se sente muito à vontade nesta área, daí que tenham necessidade de formação.

Quanto à nomeação de medidas para a integração das TIC nas actividades o Presidente realça o facto de estar a ser preparada uma formação para colegas que queiram voluntariamente melhorar as suas competências nessa área. O Administrador afirma serem necessárias regras de utilização.

No que respeita ao papel desempenhado pelas TIC ao nível dos currículos o Presidente explicou a seguinte estratégia adoptada na escola:

“Faz parte dos currículos de algumas disciplinas, área de projecto e estudo acompanhado... uma vez que nesta escola, em termos de carga horária, os alunos só tinham 45 min. de TIC no 5.º ano, no 6.º ano não existia, no 7.º e 8.º também não até ao 9.º ano que havia a disciplina e depois desaparecia no secundário, Estavam alguns anos...tinham uma lacuna sem nada e de acordo com isto, em Conselho Pedagógico ficou definido que durante esses anos fossem dados conhecimentos informáticos , em Estudo Acompanhado e Área de Projecto.”

Na opinião do Administrador as disciplinas continuam a dar o peso que deveria ser dado às TIC, e refere que provavelmente isso se deva à falta de à vontade dos professores nessa área. Relembra ainda que:

“(...) quer queiramos ou não, as TIC desempenham um papel cada vez mais fundamental, ou seja, podem permitir uma qualidade de ensino bastante melhor e que faz com que em retorno, o trabalho feito pelos alunos também seja de qualidade superior. Como já disse, nos projectos curriculares, o peso das TIC nem sempre está presente. Com o tempo as coisas terão de mudar, com mais equipamento e mais utilização, as pessoas acabarão por perceber que esta é uma das maiores ferramentas de ensino”

Na utilização feita pelos professores, são expressas as opiniões de que esse uso é feito mais em casa e que os professores o utilizam mais para proveito próprio.

Na utilização feita pelos alunos, referem as actividades de pesquisa solicitadas pelos professores e a utilização lúdica, sendo que o Presidente chama à atenção o facto de os alunos estarem muito condicionados pelos transportes, visto que grande parte da população escolar, pertencente às freguesias anexas ao concelho, o que condiciona a taxa de utilização pelos alunos.

Elaborámos algumas questões dirigidas apenas ao Administrador de TIC. Em primeiro lugar solicitou-se que caracterizasse o grau de conhecimento dos alunos ao nível da utilização das TIC, a que este respondeu:

“Portugal é dos países que utiliza mais o telemóvel, se olharmos por aí, podemos dizer que quase todas as pessoas tem um telefone móvel, para não falar naquelas que têm as três redes. Agora se vamos para a parte dos computadores, infelizmente ainda se nota que os alunos não têm computador em casa, e isso pode pesar no domínio que têm nas máquinas. Agora muitas vezes, depende da utilização que eles dão, há



aqueles que não se interessam. Poderia dizer de uma forma genérica é uma utilização média, também não posso dizer que eles têm desconhecimento total..."

Em segundo lugar pedimos que comentasse o facto de os alunos referirem que apenas na disciplina de TIC é que obtiveram experiências com TIC, ao que o Administrador comentou:

"Eu penso que se o Português e a Matemática são muito importantes, penso que as TIC destas três seria neste momento a mais importante de todas. Porque deveria entrar nos currículos mais cedo do que é. Neste momento ela existe como obrigatória a partir do 9.º ano. Mas muito sinceramente, eu acho que pelo menos no 7.º ano, independentemente do curso que optassem, deveria haver uma disciplina presente no percurso escolar dos alunos. É realmente de lamentar que os alunos que estão nos 11.º e 12.º só tenham aprendido nos últimos anos, e saibam pouco, é realmente este termo. Eu sou daquelas pessoas que defende que esta disciplina com outro nome, ou finalidade... Actualmente a escola até têm como oferta a disciplina, para o 5.º ano, com carga horária de 45min, o que é bastante pouco. Na minha opinião esta disciplina deveria ter dois blocos por semana, especialmente com turmas grandes."

Na última fase de entrevista, de forma a conhecer as expectativas do Presidente e do Administrador sobre o futuro das TIC no agrupamento e recolher dados que possibilitem a orientação na tomada de decisões quanto à melhoria de resultados, foram colocadas algumas questões, das quais realçamos: o que falta fazer para ajudar a melhorar a disponibilidade das TIC no agrupamento; quais os objectivos a atingir nesse sentido.

Na primeira questão, obtivemos como resposta do Presidente:

"Passaria por termos mais computadores, e a escola também se debate com falta de espaços, praticamente temos todas as salas ocupadas com aulas. Mais espaços diversos para os alunos."

Na segunda questão, o presidente respondeu a melhoria da rede das TIC, e tornar a escola numa "escola digital".

Foi dado a conhecer na entrevista factos que denunciam que o apetrechamento informático nas escolas e a preparação dos professores está longe de corresponder aos desafios propostos nas reorganizações curriculares, o que pode fazer com que a integração e a utilização das TIC não passe de uma ilusão. De seguida solicitou-se o comentário aos dois entrevistados. O Presidente concordou com a afirmação. E referiu que apesar de os professores terem alguns conhecimentos, devem adquirir mais. O Administrador por sua vez, aconselha a maximizar a utilização do equipamento e melhorar a forma como se mexe nos computadores, bem como o proveito que se tira deles. Refere ainda a parte da necessidade de os

professores, os que têm mais dificuldade, poder vir a adquirir conhecimento, e vir a utilizar mais o computador. Salaria o facto de ser importante que todos os professores saibam trabalhar com o computadores, para que em qualquer situação, das mais simples e banais, saiba resolver. Evitando assim, situações em que é solicitado, quando a situação no fundo a situação podia ter sido resolvida à partida pela pessoa.

Foi ainda colocada uma última questão ao Presidente do agrupamento que pretendiam sondar a sua opinião, acerca da escola sinónimo de correctora de assimetrias sociais, no que respeita ao igual acesso às TIC. O Presidente respondeu assim:

“O Concelho não é muito rico, há pessoas que não tem muitas condições económicas. Mas mesmo assim a maior parte das pessoas tem computador em casa, poderão não ter internet, mas computador têm. Para colmatar essa lacuna, de alguns que não tenham será a escola que terá de desempenhar esse papel, e é importante termos espaços.”

De um modo geral, as entrevistas efectuadas ao Presidente do Agrupamento e ao Administrador das TIC reflectem um pouco daquilo que foi retratado directa ou indirectamente pelos alunos. Nomeadamente a falta de equipamento, especialmente nas escolas E.B.1, a falta de formação dos professores e as características socio-económicas dos alunos são os factores em que se verifica a convergência dos assuntos mencionados.

3. Conclusões

O estudo desenvolvido teve como linha orientadora a análise da actual realidade da utilização das TIC no A.V.O. pelos alunos. Pretendia-se fundamentalmente, compreender quais são na realidade as experiências vividas pelos alunos do AVO, nos vários finais de ciclo (1.º, 2.º e 3.º ciclo e Secundário), através do confronto quer dos discursos dos vários intervenientes do processo educativo, quer dos discursos escritos nos documentos oficiais da Escola e ainda das práticas efectivas que os alunos executam ao longo do seu percurso escolar.

De modo a responder à questão inicial, nesta última parte do trabalho pretendeu-se sobretudo identificar o tipo de Meios Tecnológicos existentes no A.V.O., assim como conhecer as experiências com recurso às TIC que os alunos adquirem ao longo de cada ciclo de ensino, para que pudéssemos verificar se as experiências com recurso às TIC influenciam os alunos na aquisição de competências necessárias para o seu desempenho no mundo actual.

Tentou-se ainda descrever e analisar as perspectivas que alunos têm sobre a utilização das TIC, assim como identificar através do seu discurso as expectativas, constrangimentos demonstrados pelos professores e alunos aquando necessário o uso das NTIC.

Outro dos objectivos definidos passava por identificar os esforços desenvolvidos pelo Agrupamento na área das TIC no sentido de inovação e melhoramento.

Para que a análise dos resultados apresentados fosse efectuada de um modo sustentado, foi efectuada uma revisão de literatura. Nela se apurou que as tecnologias educativas, têm um lugar cada vez mais afirmado no contexto educativo e que as escolas tem de responder às exigências que lhe são impostas pelas TIC, visando a formação de alunos com as condições para a sua inserção num novo conceito de cidadania. As TIC apresentam hoje uma postura de auxiliar precioso do aluno e do professor de modo a possibilitar ao aluno a autonomia e a participação na aprendizagem. A revisão de literatura foi particularmente oportuna para a questão das

contradições entre o discurso e as práticas, permitindo estabelecer critérios de entrevista mais objectivos.

Verificámos ao longo da revisão da literatura sobre a utilização das TIC que, apesar de Portugal ter 97% dos estabelecimentos de ensino equipados com serviço de acesso à internet e de se pretender atingir o ratio de um computador por cada dez alunos, constata-se no “Relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) divulgado em Janeiro de 2006, que Portugal apresenta uma taxa de utilização entre as mais baixas da Europa – inferior a 40%.

O relatório indicava também que apesar de o acesso a computadores nas escolas ter aumentado nos países da OCDE, nalguns estabelecimentos de ensino as oportunidades de acesso dos alunos a este meio informático ainda eram bastantes limitadas. Era o caso de Portugal, que aparecia em 28.º lugar numa lista de 39 países.” (Diário do Sul, 2007)

Constatámos, através de um artigo publicado no jornal público, baseado no Relatório da Comissão Europeia que apesar de nove em cada dez escolas portuguesas terem acesso à internet, o país continua na cauda da Europa em termos de número de computadores nos estabelecimentos de ensino. De acordo, com o mesmo estudo, os professores portugueses são dos que têm menos condições para usar computadores na sala de aula, um indicador que mede a competência informática, a motivação e o acesso ao equipamento.

Por isso, a comissão europeia salienta que “são necessárias medidas políticas para alcançar uma drástica melhoria do número de computadores nas escolas e da qualidade do equipamento, assim como das competências informáticas dos professores.

Torna-se necessário existir uma mudança nas organizações, e essa mudança deve residir na estratégia, na estrutura e nas acções, potenciando o desenvolvimento das TIC, para que a um nível mais profundo, se transformem os valores, e os objectivos da organização, visando a qualidade. Como refere Ramos (s.d.) esta atracção e fascínio pelas novas tecnologias há muito que atinge todos... e constitui uma enorme força de mudança social e cultural. Tal situação obriga os sistemas educativos europeus a aproximarem-se cada vez mais e a procurar trabalhar em comum, no sentido de alcançar elevados níveis de qualidade e garantir uma maior coesão social e maior mobilidade das pessoas. E nestes objectivos, o papel das TIC é cada vez mais preponderante.

Realizada a investigação, de carácter qualitativo, obtivemos um conjunto de resultados que nos permitem inferir sobre os objectivos delineados.

Através das fontes de informação que nos foram facultadas: entrevistas, Projecto Educativo e Plano TIC, conseguimos fazer algumas constatações que passamos a enumerar.

Tendo em conta a nossa principal fonte de informação, as entrevistas, verificámos que o A.V.O. é um agrupamento que tem feitos esforços para melhorar o seu parque informático, ainda que este continue a ser insuficiente. Constatámos que existe uma grande assimetria quanto à distribuição de recursos informáticos pelo agrupamento, localizando-se a maior parte dos recursos na escola sede de agrupamento.

Também foi possível verificar que a maioria dos alunos não tem ligação à internet em casa, sendo a escola o local onde efectua os seus acessos à rede. Como referimos também o acesso à rede a partir da escola denuncia algumas deficiências, especialmente ao nível das escolas do 1.º ciclo.

Salienta-se ainda o facto de a maioria do material informático estar localizado em salas próprias (sala de informática), o que não promove o seu uso enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem, confirmando algumas das desvantagens deste tipo de organização dos computadores na sala de aula: o uso dos computadores dependente do horário da sala e portanto da sua disponibilidade; a exigência de salas maiores para acomodar mais alunos, mais computadores, mais periféricos; os professores e os alunos sentem-se mais constrangidos pelo tempo dado a existência de horário da sala; solução que exige maior apoio ao professor, e mais salas de computadores na escola. (Ramos, 2001).

Como equipamento mais utilizado pelos alunos, é referido o telemóvel, que apenas utilizam para telefonar e enviar mensagens, não se verificando uma exploração sustentada do recurso, enquanto meio de comunicação de excelência, através do qual se pode captar e enviar informação audiovisual, aceder à internet e a inúmeros outros serviços. Verificou-se a desactualização e em alguns casos a inexistência de software educativo e utilitário, a que os alunos acusaram a sua falta.

Os alunos parecem utilizar a internet durante actividades escolares, fazendo-o sobretudo para pesquisarem informação directamente relacionada com as mesmas. Não sendo mencionado a utilização de enviar/receber correio electrónico, assim como formas de comunicação síncrona e assíncrona. As razões do uso do

computador, assim como da internet parecem estar ligadas a aspectos pessoais, não passando a maior parte das vezes pelo uso educativo. Dessa forma, esses recursos não estarão a cumprir a sua função utilitária na escola.

Relativamente à necessidade de acompanhamento durante as actividades, concluímos que apesar de os alunos referirem que não necessitam de auxílio, parecem-nos que a utilização que é feita dos recursos, é efectuada na sua maioria em prol do prazer do aluno e não com fim a se atingirem determinados objectivos educacionais, pelo que isso se reflecte nas actividades que os alunos mais executam.

A condição socioeconómica parece ser factor chave na desigualdade de acesso às novas tecnologias. Os alunos referem que não existe igualdade de acesso, o que nos leva a concluir, que sob o ponto de vista dos alunos, a escola parece não estar a desempenhar o seu papel de correctora de assimetrias sociais. No seguimento desta ideia surge-nos a questão da motivação, que parece não ser trabalhada junto dos alunos, levando-os a afirmar que nunca foram despertados para as novas tecnologias.

A não existência de um *website* do agrupamento, bem como a não publicação de trabalhos on-line, levou-nos a constatar que são pontos de convergência dos discursos dos vários alunos, no que diz respeito às actividades que gostariam de vir a desenvolver.

Uma vez que o trabalho de campo foi realizado depois de a escola estar apetrechada com novo material informático, procurámos saber quais as mudanças que essa situação representava na vida escolar dos alunos, assim como quais são as medidas a tomar no futuro, as vantagens de aprender com as TIC e as expectativas que guardam em relação ao futuro. Verificámos que em relação ao novo material informático, parecem existir alguns constrangimentos ao uso das TIC, traduzidos num acesso condicionado aos alunos (tais como apenas em actividades lectivas e com acompanhamento do professor).

No que respeita às medidas a serem tomadas constatámos o desejo de se melhorar o acesso à internet, aumentar o parque informático e alargar a disciplina de TIC aos restantes níveis de ensino. Ao nível das vantagens em utilizar as TIC, os alunos parecem ter uma visão redutora, provavelmente a dever-se ao facto de poucos conteúdos fornecidos nesta área. Quanto a expectativas futuras constatámos que estas passam essencialmente por dois pontos: comunicar e criar a página da web do agrupamento.

Analisando a nossa segunda fonte de informação, o Projecto Educativo, a entrar em vigor em 2007 e com término em 2009, verificámos que este define as TIC como instrumento fundamental e incontornável na criação e disseminação do saber, que permite estabelecer laços e criar estruturas em rede para partilha de informação e criação de estratégias comuns na defesa de interesses da nossa região e de muitas outras, não só no país mas um pouco por toda a parte.

São ainda definidos no projecto educativo, objectivos no campo de acção das TIC que passam pela “utilização de meios e a linguagem das TIC para a informação, o debate, a divulgação e a valorização dos recursos endógenos; pelo equipar as Escolas e salas de aula com equipamentos para a aprendizagem das TIC; promoção da informação digital”, assim como acções a desenvolver: criar um sítio na Internet que promova a pesquisa, o estudo, o conhecimento sobre as problemáticas da interioridade e as qualidades; ligar as escolas do agrupamento em rede através da internet; digitalizar os documentos de suporte da informação; criar meios que facilitem a circulação da informação com menores custos e realizar acções de formação nas TIC.

A última fonte de informação remete-nos para um plano de acção concreto, com o qual o A.V.O. visa atingir determinados objectivos. No referido plano TIC é facilmente encontrada uma lista de objectivos, em que assenta o referido plano (referidos no ponto 4 do Capítulo 4), e algumas áreas de actuação para o ano lectivo 2006/2007, que passam pela formação de professores, apoio às actividades extracurriculares e manutenção da sala de computadores portáteis.

Reunida toda a informação e triangulando os vários itens, e essencialmente através das informações obtidas em entrevista com os alunos, com o Presidente do C. E. do A.V.O. e com o Administrador de TIC chegámos a algumas conclusões que tentam responder à questão de partida do nosso estudo:

- De acordo com as indicações fornecidas pelos entrevistados, parecem ser relativamente poucas as experiências dos alunos em matéria de utilização com as TIC em contexto de sala de aula. De uma maneira geral, a falta de formação dos professores e a falta de espaço físico, condiciona o tipo de aulas, a que os alunos estão sujeitos, sendo estas na sua maioria do tipo expositivo e transmissivo. Apesar de estar agendado no Plano TIC a formação dos docentes, por colegas com conhecimentos na área, seria importante que

essa formação surtisse efeito na medida que promoveria a disseminação das TIC como ferramentas de aprendizagem e os docentes poderiam recorrer para aprender novas perspectivas, definir a concretização das actividades, assim como, aprender a contornar possíveis obstáculos;

- as situações apontadas nas entrevistas são reveladoras de um sistema precário ao nível da integração das TIC, na medida que apesar dos recursos se revelarem insuficientes a efectiva utilização que se faz dos recursos parece ficar aquém das suas potencialidades;
- a não existência de software utilitário e educativo funciona como um entrave às oportunidades de aprendizagem com TIC proporcionadas aos alunos;
- apesar dos números apresentados pelo inventário, gentilmente fornecido pela Câmara, parecem existir contradições entre aqueles dados e o discurso directo dos alunos e professores; estes denunciam condições de falta de acessibilidade à rede e falta material informático, bem como escassa assistência ao material danificado;
- parece ser também um facto que a assimetria de recursos informáticos no agrupamento fomenta a ausência de experiências obtidas pelos alunos ao longo do seu percurso escolar nas várias escolas do agrupamento;
- Os alunos adquirem a grande maioria de experiências com TIC, quando são contemplados com a disciplina de TIC no seu currículo; e isto acontece no 5.º e no 9.º ano. No 5.º ano por oferta formativa da Escola.
- Poderão ainda ser apontadas como outras possíveis causas, para o baixo número de experiências em TIC no A.V.O.: uma forma de resistência à mudança; a oferta formativa de escola; a divergência de conhecimentos entre professores e alunos, e a forma como essa limitação é encarada pelos profissionais; o tempo para preparação de aulas com TIC; a escassez de

computadores no espaço físico onde as aulas funcionam; a inexistência de mecanismos de avaliação no domínio das TIC, fora das aulas de TIC.

Este quadro leva-nos inevitavelmente a um conjunto de reflexões e que passamos a expor.

Se o mais importante no percurso escolar dos alunos é a qualidade e quantidade de experiências vividas na Escola, porque não se dá atenção a estas experiências?

Será que a construção do Projecto Educativo e do Plano TIC do A.V.O. não passará por primeiro se definirem estratégias de actuação ao nível das aprendizagens dos alunos, e ao nível das experiências que lhe são proporcionadas ao longo dos vários ciclos de ensino? Que efeito surtirá ao nível do sucesso escolar, a aplicação de um documento baseado na discriminação das competências a adquirir pelos alunos, em matéria de TIC, desde que ingressam no agrupamento, até que terminam o seu ciclo de estudos?

Estas são algumas das questões com que nos deparamos no finalizar do estudo.

Uma vez que o plano TIC proposto para o ano 2006/2007 aspira alcançar a melhoria da qualidade da educação, das aprendizagens e dos resultados escolares, bem como a melhoria da prática pedagógica, a disponibilização on-line de materiais de apoio às actividades de ensino, aprendizagem e avaliação, a maior autonomia para o corpo discente e docente e a realização de projectos com recurso aos meios informáticos, na nossa opinião estes resultados só serão passíveis de se alcançarem com sucesso, quando a definição de estratégias para a aprendizagem das TIC for o eixo principal do plano.

De que serve disponibilizar documentos on-line, facultar autonomia aos alunos, criar a página do agrupamento, promover a comunicação entre toda a comunidade educativa, propor a criação de projectos com as TIC, quando não temos alunos aprendizes com um plano concreto, quando os trabalhos decorrem ao ritmo de cada aluno que depende do seu grau de conhecimento, das suas experiências adquiridas em contexto educativo ou não adquiridas e dos recursos que dispõem.

Atingir um desenvolvimento das TIC no agrupamento, de forma sustentada, promover atitudes de participação e cidadania nos alunos e fornecer aos mesmos noções de seleccionar informação, criar informação, disponibilizar informação, e

envolvê-los em projectos comuns, passará por uma acção conjunta de todo o Agrupamento.

Pensamos que a melhoria da qualidade e quantidade de experiências proporcionadas aos alunos no Agrupamento Vertical de Ourique passa pela aprendizagem da utilização das TIC na óptica do utilizador, pelos alunos nos primeiros anos de ensino até ao 9.º Ano. Diferentes razões apoiam este argumento:

- A desigual preparação com que os alunos ingressam no 2.º e 3.º ciclo, devido não só a enormes diferenças entre eles no que diz respeito à acessibilidade ao computador fora da escola, mas também devido a diferenças significativas na formação proporcionada pelas diferentes escolas do 1.º Ciclo de onde os alunos provêm.

- O facto de a disciplina de TIC como oferta formativa de escola só aparecer ao nível do 5.º ano, pelo que deveria ser estendida aos restantes anos e com um programa articulado e de continuidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Limitações do estudo

No que diz respeito às limitações, durante a realização deste trabalho surgiram limitações sobretudo relacionadas com o tipo de instrumento utilizado na recolha de dados e com a abordagem escolhida. Os factores limitantes a salientar são os seguintes:

- O processo de aprendizagem e aplicação de um conjunto de ferramentas e conteúdos apreendidos pela investigadora constitui por si só uma limitação ao trabalho apresentado. A escolha da metodologia bem como a aplicação dos seus métodos requer uma experiência educacional e uma maturidade conceptual que a investigadora, por razões que lhe são inerentes, não detém.
- A utilização de entrevista semi-estruturada como instrumento de recolha de dados, constitui uma limitação na medida que, devido ao facto de o discurso articulado pelos entrevistados ser limitado e a maioria dos entrevistados terem-se mostrado inibidos e pouco à vontade nas questões que lhe foram colocadas;

Apesar de tudo este estudo pretende contribuir para promover a integração das TIC e promover as experiências educativas com TIC no Agrupamento Vertical de Ourique, promovendo a discussão sobre as potencialidades e vulnerabilidades encontradas.

2. Contributos para estudos futuros

A consciência de que a investigação desenvolvida decorreu num período de transição no A.V.O., em termos de apetrechamento informático, comprometeu de certa forma a tentativa de responder à problemática em estudo, trilhou no entanto, caminho para possíveis estudos. Da combinação dos resultados que se obtiveram com as limitações do estudo, resultaram algumas interrogações que poderão ser suporte de investigação a futuros trabalhos:

- Será que a melhoria ao nível de apetrechamento informático funcionou como um catalisador da melhoria do próprio agrupamento?

- Quais são os resultados que se obtiveram da criação de novos tipos de sala de aulas?

- A formação dos professores conduziu a uma maior e mais diversificada utilização das TIC com os alunos?

- Que mecanismos são necessários à diluição das assimetrias sociais causadas pela inovação e pela implementação das TIC?

- Que tipo de contributos à educação e formação dos alunos do Agrupamento, foram proporcionados pelas TIC?

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, C.** (1993). *Professores e computadores*. Porto: Edições ASA.
- Almeida, F. et al.** (1993). *Sistemas de informação nas organizações*. Publicações Universidade de Évora.
- Almeida L. & Freira T.** (1997). *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação*. Coimbra: APPORT.
- Arends, R. L.** (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill (Cap.4: Ambientes de Aprendizagem e Motivação, pp.109-131).
- Azevedo, M.** (1994). *Teses, relatórios e trabalhos escolares*. Sugestões para a sua elaboração. Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Baía, M.** (1998). *Utilização educativa da Internet: três estudos de caso*. Lisboa: FCL
- Banks, F. (Ed.)**. (1994). *Teaching technology*. London: The Open University.
- Barbosa, L.** (1997). *Pensar a escola e os seus actores*. Associação de Professores de Sintra.
- Barbosa, L.** (1999). *Ciências da educação e fundamentos de gestão*. Escola Superior de Educação João de Deus. Livro de Apoio. Análise da Acção Educativa.
- Bardin, L.** (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70.

- Berbaum, J.** (1992). *Desenvolver a capacidade de aprendizagem*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. (Trabalho original publicado em França, Tradução de Elsa Maria Carvalho)
- Berbaum, J.** (1993). *Aprendizagem e formação*. Colecção Ciências da Educação – 5. Porto: Porto Editora.
- Blanco, E. & Silva, B.** (1993). Tecnologia educativa em Portugal: conceito, origens, evolução, áreas de intervenção e investigação. In *Revista Portuguesa de Educação*, 6 (3), 37-56.
- Blanco, E. & Silva, B.** (2002). *Tecnologia e educação*. Colecção Educação – 17. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S.** (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.
- Braga, F.** (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Campos, B.** (1995). *Investigação educacional em Portugal*. Colecção Ciências da Educação – 7. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- Campos, B.** (1996). *Investigação e inovação para a qualidade das escolas*. Colecção Ciências da Educação - 14. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Canário, R. & D'Espiney, Rui.** (1994). *Uma escola em mudança com a comunidade*. Projecto ECO, 1986-1992. Experiências e Reflexões. Coimbra: Instituto de Inovação Educacional. pp: 87-103.
- Carmo, H.** (1998). *Metodologia da investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carneiro, R.**(2003). *@ Escola – Aprender a qualquer hora, em qualquer lugar*. Lisboa: Centro de Congressos de Lisboa.

- Carrasco, J. & Hernández, J.** (2000). *Aprendo a investigar en educación*. Madrid: Ediciones RIALP, S.A.
- Carvalho, A. D. de (Org.)**. (1995). *Novas metodologias em educação*. Coleção educação – 8. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, A. D. de** (2000). *Novo conhecimento, nova aprendizagem*. Textos da Conferência Internacional Novo Conhecimento, Nova Aprendizagem. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carvalho, A. A. A.** (1999). *Os hipermedia em contexto educativo*. Aplicação e Validação da Teoria da Flexibilidade Cognitiva. Braga: Centro de Estudos de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Carvalho, A. A. A.** (2002). Multimédia: um conceito em evolução. In *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1), 245-268.
- Cedro, J.** (1996). *Multimédia*. Lisboa: Texto Editora.
- Chagas, I.** (1998). Software educativo. O que dizem os professores? In CNE (Org.) *A Sociedade de informação na escola*. (pp. 111-117). Lisboa: CNE.
- Chaves, M.** (2005). *Potencialidades das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e sua utilização por crianças*. (20 de Janeiro de 2007)
<http://www.profala.com/arteducesp80.htm>
- Cohen, L. & Manion, L.** (1990). *Métodos de investigación educativa*. Madrid: Editorial LA MURALLA S.A.
- Conselho Nacional de Educação.** (1998). *A Sociedade da informação na escola*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Coménio, J.A.** (1957). *Didáctica magna. Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original em latim publicado em 1957).
- Costa, J. A.** (2003). *O projecto educativo da escola e as políticas educativas locais. Discursos e Práticas*. 2.ª Edição. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Cunha, P. d' Orey da.** (1997). *Educação em debate*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Decorte, E.** (1991). Aprender na escola com as novas tecnologias de informação. In Teodoro, V. D & Freitas, J. C. (Eds.). *Educação e computadores*. Lisboa: Ministério da Educação - Gabinete de Estudos e Planeamento.
- Delors, J.** (Coord.) (1996). *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 8ª Edição. Porto: Edições ASA.
- Delval, J.** (2001). *Aprender na vida e aprender na escola*. Porto Alegre: ARTMED editora. (Trad. De Jussara Rodrigues).
- Dores, R.** (2006, 2 de Outubro). Escolas portuguesas têm internet mas faltam computadores. *Diário do Sul*. pp: 24.
- Dores, R.** (2007, 5 de Janeiro). Ministra da Educação visitou escola em Ourique. *Diário do Sul*. pp: 8.
- Dores, R.** (2007, 9 de Janeiro). Escolas têm um computador com net para cada três alunos. *Diário do Sul*. pp: 12.
- Eco, U.** (1997). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. 11ª Edição. Lisboa: Editorial Presença. (Trabalho original em italiano publicado em 1977).

- Estrela, A. & Ferreira, J. (Ed.). (2001).** *Technologies en education: études et recherches. X^e Colloque.* Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Estrela et al. (1991).** *Formação de Professores por Competências - Projecto Foco.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Estrela, Maria Teresa & Estrela, Albano. (1977).** *Perspectivas Actuais sobre a Formação de Professores.* Lisboa: Editorial Estampa.
- Feather, J. (1998).** *The information society: a study of continuity and change.* 2.^a edição. London: Library Association.
- Fernandes, J. F. (1993).** *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos.* Porto: Porto Editora.
- Ferreira, F. (Ed.) (2002).** *As tecnologias de informação e comunicação e a qualidade das aprendizagens - Estudos de caso em Portugal.* Lisboa: DAPP. Ministério da Educação.
- Flores, M. (2000).** *A indução no ensino: desafios e constrangimentos.* Temas de investigação – 16. Lisboa: Instituto de inovação educacional.
- Foddy, W. (1996).** *Como perguntar. Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários.* Oeiras: Celta Editora.
- Fontes, C. et al. (1999).** As TIC em Portugal: Que rumos? In Dias, P. & Freitas, C. V. de (Orgs.) *Desafios' 99/ Challenges' 99.* Actas da I Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho - Nónio Século XXI.
- Fontes, C. & Moreira, V. (1999).** As novas tecnologias na aprendizagem: um estudo de caso nas aulas de apoio de Língua Portuguesa. In Dias, P. & Freitas, C. V. de (Orgs.) *Desafios' 99/ Challenges' 99.* Actas da I Conferência

Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho - Nónio Século XXI.

Franco, M. A. et al. (2001). ELearning...Ou simplesmente Learning. In *Formar*. 39: 34-38.

Freitas, C. V. et al. (1997). *Tecnologias de informação e comunicação na aprendizagem*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O inquérito*. Teoria e prática. 4.^a Edição. Oeiras: Celta Editora.

Gil, A. (1996). *Como elaborar projectos de pesquisa*. 3.^a Edição. São Paulo: Editora ATLAS S.A.

Gil, H.T. & Menezes, M.H. (2001). As TIC no sistema educativo: obstáculos, problemas e algumas propostas. In Estrela, A. & Ferreira, J. (Ed.). (2001). *Technologies en education: études et recherches*. X^e Colloque. Lisboa: Universidade de Lisboa. pp :166-172.

<http://www.fct.mct.pt/pt/programasinvestimento/posi/posifiles/posi.html>

http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0120&area=d7&subarea

http://www.univ-ab.pt/~porto/textos/Leonel/Pessoal/tic_cre.htm

Gonçalves, F. R. (1992). O papel da investigação na educação. (A influência do contexto). In *Revista Portuguesa de Educação*, 5 (1), 85-107.

Gooden, A. (1996). *Computers in the classroom*. New York: Apple Press.

Jeudy, Henri-Pierre. (1995). *A Sociedade transbordante*. Lisboa: Século XXI. (Trad. De Pedro A. Schacht Pereira).

Lessard-Hebert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Lévy, P.** (1997). *Cibercultura*. Relatório para o Conselho da Europa no quadro de projecto “Novas tecnologias: cooperação cultural e comunicação”. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, A.** (2001). *Libertar o desejo, resgatar a inovação*. A construção de identidades profissionais docentes. Temas de investigação – 20. Lisboa: Instituto de inovação educacional.
- Marques, R.** (1998). *Os desafios da sociedade de informação*. A Sociedade de Informação na Escola. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Martins, Á.** et al. (s.d.). *Política de emprego e de formação e novas tecnologias da informação e da comunicação*. Situação actual e perspectivas. Colecção Cadernos de Emprego-7. Lisboa: Ministério para a qualificação e o emprego.
- Mayer, R.** (2001). *Multimedia learning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Melo Rosa, L.** (1999). As Tecnologias de Informação e Comunicação na Escola e os Centros de Recursos Educativos. Algumas Reflexões. In *Encontro de Centros de Recursos Educativos*. Almada: Escola Emídio Navarro.
- Merril, P.** et al. (1996). *Computers in education*. 3.^a Edição. London: ALLYN and BACON.
- Ministério da Ciência e da Tecnologia.** (2000). *Programa Operacional Sociedade da Informação: Quadro Comunitário de Apoio 2000-2006*.
<http://www.fct.mct.pt> (09/11/2005)
- Ministério da Educação,** Gabinete de estudos e planeamento & OCDE. (1991). *New information Technologies in school: teacher training, research and the role of higher education*. Vilamoura. Portugal, Autor: DC.

- Ministério da Educação.** (1996). *Pacto educativo para o futuro*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação.** (2001). *As tecnologias de informação e comunicação nas escolas: condições de equipamento e utilização*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento.
- Moreira, A. et al.** (2005). Percepções de professores e gestores de escolas relativas aos obstáculos à integração das TIC no ensino das ciências. In *Enseñanza de las Ciencias*. VII Congresso. Número extra.
- Moreira, V.** (2000). *A escola do futuro - sedução ou inquietação?* As Novas Tecnologias e o Reencantamento da Escola. Colecção educação – 15. Porto: Porto editora.
- Morin, E.** (1999). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Colecção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Nónio XXI.** (1999). *Alguns números sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Nóvoa, A. (Org.)**. (1991). *Profissão professor*. Colecção Ciências da Educação – 3. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (Coord.)**. (1992). *As organizações escolares em análise*. Temas de educação – 2. Publicações Dom Quixote. Lisboa: Instituto de inovação educacional.
- Nóvoa, A. (Coord.)**. (1995). *Os professores e a sua formação*. Temas de educação – 1. Publicações Dom Quixote. Lisboa: Instituto de inovação educacional.
- Nunes, J.** (2000). *O professor e a acção reflexiva*. Porto: ASA Editores. pp. 25-43.

- Oliveira, T.** (1998). “As novas tecnologias de informação e o desenvolvimento das competências cognitivas”. in CNE. *A Sociedade da Informação na escola*. Lisboa: Conselho Nacional da Educação.
- Patton, M.** (1987). *How to use qualitative methods in evaluation*. Sage Publications.
- Paiva, J.** (2002). *As tecnologias de informação e comunicação utilização pelos professores (Dados relativos a 2000/2001)*. Ministério da educação. Departamento de avaliação prospectiva e planeamento. Lisboa.
http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/pdf/utilizacao_tic_profs.pdf
- Pereira, A. & Poupá, C.** (2004). *Como apresentar em público Teses, Relatórios, Comunicações usando o Power Point*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Perrenoud, Ph.** (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas*. Temas de educação – 3. Publicações Dom Quixote. Lisboa: Instituto de inovação educacional.
- Pestana, M. H. & Gageiro J. N.** (2005). *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. 4.ª Edição. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto, C. A.** (1999). *Sociologia da escola*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Pinto, M.** (1988). *Educar para a comunicação*. Lisboa: Ministério da Educação (CRSE).
- Ponte, J.** (2006). *Estudos de caso em Educação Matemática*. in
[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20\(Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20(Estudo%20caso).pdf)
- Ponte, J.** (2002). *O estudo de caso na investigação em Educação Matemática*. in
[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-quadrante\(estudo%20caso\).doc](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-quadrante(estudo%20caso).doc)

- Ponte, J.** (1986). *O computador: um instrumento da educação*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. & Oliveira, H.** (2000). *A Internet como recurso para o ensino da Matemática*. Noesis. pp: 41-50.
http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/artigos_por_temas.htm#concepcoes
- Ponte, J. & Serrazina, L.** (1998). *As Novas tecnologias na formação inicial de professores*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de avaliação prospectiva e planeamento.
- Praia, J. F.** (1998). A didáctica e as novas tecnologias na formação de professores: algumas reflexões. In *A Sociedade de Informação na Escola*. s.l.: Conselho Nacional de Educação.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V.** (2003). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Trajectos. 3.^a Edição. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, A. & Freitas, C. V.** (1999). Gostei, Aprendi, Diverti-me. Perspectivas dos alunos acerca da utilização educativa das tecnologias. In P. Dias e V. Freitas (Eds.), *Desafios'99 – Actas da I Conferência Internacional de tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*. Braga: Centro de Competência Nónio da Universidade do Minho.
- Ramos, J. L. P.** (1998). *Utilização e criação de micromundos de aprendizagem. Uma estratégia de integração do computador no currículo do Ensino Secundário*. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade de Évora, Évora.
- Ramos, J. L. P.** (1999a). A Escola que aprende: Um estudo múltiplo de casos no domínio da integração das TIC na Escola. In P. Dias e V. Freitas (Eds.), *Desafios'99 – Actas da I Conferência Internacional de tecnologias de*

Informação e Comunicação na Educação. Braga: Centro de Competência Nónio da Universidade do Minho.

Ramos, J. L. P. (1999b). *A integração do computador na escola e no currículo: problemas e perspectivas*. Inovação – 12.

Ramos, J. L. P. (1999c). Computadores, internet e aprendizagem: novas sociabilidades e tribos electrónicas. *Economia e Sociologia*. 68: 97-119.

Ramos, J. L. P. et al. (2001). *A escola que aprende: um estudo múltiplo de casos no âmbito da utilização educativa das TIC em escolas europeias. O caso Português*. Instituto de Inovação Educacional – 14.

Ramos, J. L. P. (2005). *Experiências educativas enriquecedoras no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação em Portugal: contributos para uma reflexão*. Lisboa: Edições Sílabo.

Rangel, M. (2006, 2 de Novembro). Muita retórica e pouca concretização. Página da web – Educare.

Rocha Trindade, A. (1990). *Introdução à comunicação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta

Rodrigues, A. & Esteves, M. (1993). *Análise de necessidades na formação de professores*. Coleção Ciências da Educação – 7. Porto: Porto editora.

Rosa, L.M. (1999). *As Tecnologias de Informação e Comunicação na escola e os Centros de Recursos Educativos*. Algumas reflexões. Comunicação apresentada no painel “Centro de Recursos: um espaço de aprendizagens múltiplas”, II Encontro Nacional de Centro de Recursos Educativos, Escola Secundária Emídio Navarro.

- Saragoça, J. M. L.** (2003). *Aprender e ensinar com as novas tecnologias da informação e da comunicação: Estudo de caso numa escola profissional de Évora*. Tese de Mestrado não publicada, Universidade de Évora, Évora.
- Saúde, A. C. G.** (1999). *O uso educativo da internet por professores de ciências em escolas do distrito de Évora*. Tese de Mestrado não publicada, Universidade de Évora, Évora.
- Schenkel, M. H. B.** (2001). A integração da tecnologia no ensino fundamental. In Estrela, A. & Ferreira, J. (Ed.). (2001). *Technologies en education: études et recherches*. X^e Colloque. Lisboa: Universidade de Lisboa. pp : 451-454.
- Sebarroja, J.** (2001). *A aventura de inovar: a mudança na escola*. Coleção currículo, políticas e práticas – 14. Porto: Porto editora.
- Silva, B. D. da.** (2000). Avaliação e tecnologia educativa: uma reflexão em torno das ecologias da comunicação e da educação. In Barca & Peralbo (Org.). (2000). *Actas do V Congresso Galiaco-Português de Psicopedagogia (Conferências e Penências)*. Corunha: Universidade da Corunha. pp : 29-40.
- Silva, B. D. da.** (2001a). A tecnologia é uma estratégia). In Dias, P. & Freitas, C. V. (Org.). (2001). *Actas da II conferência internacional de tecnologias de informação e comunicação na educação*. Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho. pp : 839-859.
- Silva, B. D.** (2001b). As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 14 (2). pp:111-153.
- Silva, B. D. da.** (2001c). O peso da tecnologia educativa na organização escolar e curricular: um estudo da escola liceal/secundária em Portugal (1836-2000). In Estrela, A. & Ferreira, J. (Ed.). (2001). *Technologies en education:*

études et recherches. X^e Colloque. Lisboa: Universidade de Lisboa. pp: 237-256.

- Simões, A. & Carvalho, A. A.** (2005). Implicações dos istes para o ensino da Matemática na prática docente dos seus autores. In P. Dias e V. Freitas (Eds.), *Challenges 2005 – IV Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*. Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho.
- Taylor, R.** (1980). *The Computer in the school: Tutor, tool, tutee*. New York: Teachers College Press.
- Trindade, R.** (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem: novas práticas pedagógicas*. Coleção Guias Práticos. Porto: Edições Asa.
- Tuckman, B. W.** (2002). *Manual de investigação em educação*. Como conceber e realizar o processo de investigação em educação. 2^a Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original em inglês publicado em 1994).
- Underwood, J. & Underwood, G.** (1990). *Computers and learning*. Cambridge: Blackwell.
- Varandas, J. M. et al.** (1999). *A Internet na formação de professores*. Departamento de Educação e Centro de Investigação em Educação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Viseu, S.** (2003). *Os alunos, a internet e a escola*. Contextos organizacionais, estratégias de utilização. Práticas Pedagógicas – 17. Lisboa: Ministério da Educação. DEB.
[www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/99-Varandas-etc\(ProfMat-ICM\).doc](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/99-Varandas-etc(ProfMat-ICM).doc)
www.profala.com/arteducesp80.htm
- Yin, R.** (1989). *Case study research: design and methods*. Sage Publications.

Legislação Consultada

Projecto Educativo do Agrupamento Vertical de Ourique

Decreto-Lei n.º 43/89, de 3 de Fevereiro

Decreto-Lei 115-A/98, de 4 de Maio

Despacho n.º 26691/05 de 30 de Novembro

Referências Bibliográficas Electrónicas Consultadas

www.apsdi.pt/APSDI_-_Conferencia_e-Educação.pdf

www.apm.pt/apm/revista/educ74/tecnologias.pdf

<http://www.prof2000.pt/prof2000/agora7>

http://www.janelanaweb.com/reinv/rui_alves3.html

http://www.presidenciarepublica.pt/pt/biblioteca/outros/interioridade/1_3.html

<http://www.microsoft.com/portugal/educacao/parceirosnaeducacao/noticias.msp>

<http://europa.eu.int/comm/education/policies/III/life/memopt.pdf>

http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/pdf/utilizacao_tic_profs.pdf

<http://www.edutic.giase.min-edu.pt/estudos.htm>

<http://europa.eu.int/scadplus/leg/pt/lvb/l24262.htm>

<http://www.geopor.pt/GPreft/Ect/challenges.html>

<http://www.nonio.uminho.pt/actchal01/093-Eunice%20Cruz%201005-1009.pdf>

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/ticc/artybites.pdf>

<http://www.giase.min-edu.pt/upload/docs/estrategias.pdf>

ANEXOS



ANEXO I

Cartas

Exmo. Senhor
Presidente do Conselho Executivo
do Agrupamento Vertical de Ourique

Caro Colega

Sou professora do 11.º Grupo B e encontro-me neste momento a desenvolver um trabalho de dissertação de mestrado sobre o tema “Oportunidades para o uso das TIC no Agrupamento Vertical de Ourique”, no âmbito do curso de Mestrado em Educação: Administração Escolar, na Universidade de Évora, sob a orientação do Prof. Doutor *José Luís Pires Ramos* (Pró-Reitor da Universidade de Évora, responsável pela superintendência da gestão da informação interna e a tutela do Gabinete UE-Net e dos Cursos de Especialização Tecnológica).

Com vista à obtenção de dados indispensáveis para a consecução dos objectivos do meu estudo e conclusão da dissertação, torna-se necessária a minha presença, por algumas vezes, nas escolas do agrupamento, bem como a aplicação de questionários, levantamento de dados e realização de entrevistas.

Tenho todo o interesse que o meu trabalho em campo comece no mês de Janeiro, por motivos de prazo de conclusão da dissertação.

Antecipadamente grata por toda a atenção dispensada, bem como o interesse que, estou certa, dedicará ao meu propósito.

Com os meus melhores cumprimentos,

Évora, 20 de Dezembro de 2006.

Cláudia Silva Carvalho

Caro(a) Colega

Sou professora do 11.º Grupo B e encontro-me neste momento a desenvolver um trabalho de dissertação de mestrado sobre o tema “Percepções dos alunos em final de ciclo, acerca das experiências vividas no Agrupamento Vertical de Ourique, em matéria de utilização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação)”, no âmbito do curso de Mestrado em Educação: Administração Escolar, na Universidade de Évora.

Com vista à obtenção de dados indispensáveis para a consecução dos objectivos do meu estudo e conclusão da dissertação, torna-se necessária a realização de entrevistas a alguns alunos que se encontram em final de ciclo (4.º, 6.º, 9.º e 12.º ano) no presente ano lectivo. Uma vez que o (a) colega é o (a) Director(a) de Turma, solicito a sua colaboração na selecção de alunos que poderão vir a constituir um grupo de entrevista. Tenho todo o interesse em que a realização dessas entrevistas decorra no dia **5** do mês de **Fevereiro de 2007**, pelas **9h45m**.

Nesse sentido, agradeço que fizesse chegar a autorização/informação junto dos encarregados de educação, a fim de os alunos poderem vir a constituir um grupo de entrevista.

Antecipadamente grata por toda a atenção dispensada, bem como o interesse e cuidado que, estou certa, dedicará ao meu propósito.

Com os meus melhores cumprimentos.

Cláudia Silva Carvalho



DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALENTEJO
CENTRO DA ÁREA EDUCATIVA DO BAIXO ALENTEJO E ALENTEJO LITORAL
AGRUPAMENTO VERTICAL DE OURIQUE-135392
7670 – 253 OURIQUE

Ourique, 30 de Janeiro de 2007

Assunto: *Autorização/informação de participação do seu educando, numa entrevista integrada num projecto de investigação em educação.*

Caro(a) Encarregado(a) de Educação

Sou professora do 11.º Grupo B e encontro-me neste momento a desenvolver um trabalho de dissertação de mestrado sobre o tema “Percepções dos alunos em final de ciclo, acerca das experiências vividas no Agrupamento Vertical de Ourique, em matéria de utilização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação)”, no âmbito do curso de Mestrado em Educação: Administração Escolar, na Universidade de Évora.

Com vista à obtenção de dados indispensáveis para a consecução dos objectivos do meu estudo e conclusão da dissertação, torna-se indispensável a participação do seu educando.

A fase actual dessa investigação prevê a realização de entrevistas, com o objectivo de conhecer aspectos relacionados com a utilização das TIC pelos alunos em final de ciclo, do Agrupamento Vertical de Ourique. A colaboração do seu educando torna-se assim, de extrema importância para o bom desenvolvimento do estudo. As

entrevistas, decorrerão no dia **5 de Fevereiro de 2007**, pelas **9h45m**, e serão feitas em grupo de alunos e no espaço escolar.

Estas entrevistas não têm qualquer carácter avaliativo e a contribuição do seu educando será mantida em anonimato. Contudo, poderão vir a constituir parte de uma experiência enriquecedora e potenciadora de desenvolvimento da acção educativa, por parte de pais, educadores, e restantes membros da comunidade educativa.

Solicito que devolva o destacável o mais rapidamente possível e o faça chegar ao Director de Turma do seu educando.

Antecipadamente grata pela sua colaboração.

Cláudia Silva Carvalho – Prof. Bio/Geo
(Investigadora)

Fernando Raposo dos Santos
(Presidente do Conselho Executivo
do Agrupamento Vertical de Ourique)

(assinar e recortar pelo tracejado)

Eu, _____, encarregado(a) de educação do(a) aluno(a) _____, n.º ____, da turma _____, autorizo o meu educando a participar numa entrevista de recolha de dados, inserida num trabalho de dissertação de mestrado, sobre o tema “Percepções dos alunos em final de ciclo, acerca das experiências vividas no Agrupamento Vertical de Ourique, em matéria de utilização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação)”, no âmbito do curso de Mestrado em Educação: Administração Escolar, da Universidade de Évora.

Ourique, ____ de _____ de 2007

O(A) Encarregado(a) de Educação



ANEXO II

Guião de Entrevista aos alunos

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR



Guião da Entrevista aos Alunos

***Oportunidades para o uso das TIC no Agrupamento
Vertical de Ourique***

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS PERCEÇÕES DOS ALUNOS EM
FINAL DE CICLO, ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO SEU
PERCURSO ESCOLAR, EM MATÉRIA DE UTILIZAÇÃO DAS TIC**

ÉVORA 2007

ENTREVISTA AOS ALUNOS

I-TEMA:

PERCEPÇÕES DOS ALUNOS EM FINAL DE CICLO, ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO AGRUPAMENTO VERTICAL DE OURIQUE, EM MATÉRIA DE UTILIZAÇÃO DAS TIC.

II-QUESTÕES DE PARTIDA:

- Que recursos em TIC existem no Agrupamento Vertical de Ourique?
- Que tipo de utilizações com TIC fazem os alunos do Agrupamento Vertical de Ourique e em que contexto são feitas?
- Que papel têm as TIC ao longo do percurso escolar dos alunos do Agrupamento Vertical de Ourique?

III- OBJECTIVO GERAL DO ESTUDO:

- Analisar as percepções dos alunos do Agrupamento Vertical de Ourique, acerca das suas experiências, em matéria de utilização das TIC.

IV- OBJECTIVOS ESPECÍFICOS DA ENTREVISTA:

- 1.º Recolher dados para a caracterização dos recursos existentes no Agrupamento Vertical de Ourique.
- 2.º Conhecer as TIC que os alunos do Agrupamento Vertical de Ourique têm acesso, a sua utilização e em que contexto são utilizadas.
- 3.º Conhecer as expectativas dos alunos quanto às experiências com TIC, e o respectivo impacto das mesmas no seu percurso escolar.
- 4.º Recolher dados que possibilitem orientar a tomada de decisões quanto à melhoria de resultados.

V- CARACTERIZAÇÃO DE FOCUS-GRUPO (GRUPO FOCAL)

O Grupo focal é um método de pesquisa que oferece informações qualitativas, dada a ausência de medidas numéricas e análises estatísticas.

Consiste num pequeno grupo de pessoas, reunidos para revelar experiências, sentimentos, percepções, preferências, valores, dificuldades, atitudes, etc. sobre determinado assunto.

Pesquisas deste tipo ocorrem num local previamente selecionado e são orientadas por um moderador, em que o seu papel consiste na neutralidade em relação aos pontos de vista apresentados, e na administração na situação, para que se faça cumprir as regras de entrevista.

VI- REGRAS DE ENTREVISTA A FOCUS-GRUPO (GRUPO FOCAL)

- 1.º Falar uma pessoa de cada vez;
- 2.º Evitar discussões paralelas para que todos participem;
- 3.º Ninguém pode dominar a discussão;
- 4.º Todos têm o direito de dizer o que pensam.

VII-GUIÃO DA ENTREVISTA

1ª Parte

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>a) Legitimação e incentivo para a entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Incentivar os entrevistados a prestarem a sua colaboração. • Conduzir os entrevistados a dizerem efectivamente o que pensam. • Informar os entrevistados sobre o anonimato dos seus discursos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Informar os entrevistados acerca do tema do trabalho de investigação que se pretende desenvolver. 2. Esclarecer os entrevistados sobre a finalidade da entrevista que se pretende efectuar. 3. Pedir autorização para gravar a entrevista. 4. Referir a importância da colaboração dos entrevistados, sensibilizando-os para o facto de a informação recolhida ser bastante pertinente para o estudo em causa. 5. Esclarecer acerca da confidencialidade das informações prestadas. 6. Informar os participantes que a entrevista é informal que se espera a participação de todos com toda a espontaneidade. 7. Informar os entrevistados que, se o desejarem, serão disponibilizados todos os resultados da investigação. 8. Agradecer toda a atenção e colaboração prestada.

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>b) Caracterização pessoal dos entrevistados</p> <p>c) Caracterização do equipamento existente</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o nome, a idade, o género, o nível de escolaridade e o número de reprovações dos entrevistados. • Recolher dados para a caracterização dos recursos existentes no Agrupamento Vertical de Ourique 	<p>1. Nesta fase da entrevista, pretendemos recolher alguns dados para fazermos a caracterização geral do entrevistado.</p> <p>2. Tens computador em casa?</p> <p>3. Se sim, e ele está ligado à internet?</p> <p>4. Em termos de quantidade, como classificas a tua escola, quanto ao número de computadores?</p> <p>5. Onde costumam trabalhar com os computadores na tua escola?</p> <p>6. Quantos alunos costumam estar distribuídos por computador?</p> <p>7. Na tua escola, qual(ais) o(s) local(ais) onde podemos encontrar mais computadores?</p> <p>8. Consegues aceder facilmente à internet na tua escola?</p> <p>9. A tua escola dispõe de um website?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>d) Perspectivas sobre a Utilização das TIC</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as TIC que os alunos do Agrupamento Vertical de Ourique têm acesso, a sua utilização e em que contexto são utilizadas. 	<p>10. Em relação a outras tecnologias de informação e comunicação. Tens telemóvel, leitor de mp3, IPOD, etc.?</p> <p>11. Com que regularidade as utilizas?</p> <p>12. A tua escola dispõe de equipamento e software actualizados?</p> <p>13. Quais são as disciplinas em que tu fazes mais uso das TIC?</p> <p>14. Que tipo de actividades realizas dentro da escola, com o auxílio das TIC?</p> <p>15. E sentes necessidade de acompanhamento para as poderes utilizar correctamente?</p> <p>16. Os teus professores costumam estar atentos ao uso que os alunos fazem das TIC?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as expectativas dos alunos quanto às experiências com TIC, e o respectivo impacto das mesmas no seu percurso escolar. 	<p>17. Na tua opinião, que tipo de alunos que utilizam mais as TIC?</p> <p>18. Ser bom ou mau aluno está também dependente do domínio que tens sobre as TIC?</p> <p>19. No teu ponto de vista, consideras que o acesso às TIC é igual para todos os alunos?</p> <p>20. O incentivo dos teus professores, para a utilização das TIC, é fundamental para o teu desenvolvimento nessa área?</p> <p>21. Costumas trabalhar com outros alunos/ professores através da internet?</p> <p>22. Tens algum endereço de correio electrónico que utilizas na escola?</p> <p>23. Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, na escola, são geralmente publicados na internet?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>e) Perspectivas sobre o futuro da utilização das TIC</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher dados que possibilitem orientar a tomada de decisões quanto à melhoria de resultados. 	<p><i>A tua escola recentemente fez esforços para melhorar ao acesso às TIC.</i></p> <p>24. Que mudanças sentiste enquanto aluno?</p> <p>25. E na escola?</p> <p>26. Sugere outras medidas que são necessárias para tu poderes continuar a aprender com a ajuda das TIC.</p> <p>27. Quais são as vantagens de aprender com a ajuda das TIC?</p> <p>28. Refere alguns trabalhos, que gostarias de desenvolver na escola, e nos quais consideres as TIC indispensáveis.</p>

ANEXO III

Guião de Entrevista ao Presidente do Concelho Executivo

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR



Guião da Entrevista ao Presidente do Conselho Executivo

***Oportunidades para o uso das TIC no Agrupamento
Vertical de Ourique***

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS EM
FINAL DE CICLO, ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO SEU
PERCURSO ESCOLAR, EM MATÉRIA DE UTILIZAÇÃO DAS TIC**

ÉVORA 2007

ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO

I-TEMA:

PERCEPÇÕES DOS ALUNOS EM FINAL DE CICLO, ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO AGRUPAMENTO VERTICAL DE OURIQUE, EM MATÉRIA DE UTILIZAÇÃO DAS TIC.

II-QUESTÕES DE PARTIDA:

- Que recursos em TIC existem no Agrupamento Vertical de Ourique?
- Que tipo de utilizações com TIC fazem os alunos do Agrupamento Vertical de Ourique e em que contexto são feitas?
- Que papel têm as TIC ao longo do percurso escolar dos alunos do Agrupamento Vertical de Ourique?

III-OBJECTIVO GERAL DO ESTUDO:

- Analisar as percepções dos alunos do Agrupamento Vertical de Ourique, acerca das suas experiências, em matéria de utilização das TIC.

IV-OBJECTIVOS ESPECÍFICOS DA ENTREVISTA:

- 1.º Recolher dados para a caracterização geral, do modo de funcionamento do Agrupamento Vertical de Ourique.
- 2.º Recolher dados para a caracterização dos recursos existentes no Agrupamento Vertical de Ourique.
- 3.º Conhecer as percepções do Presidente do Conselho Executivo sobre as utilizações em TIC no Agrupamento.
- 4.º Conhecer as expectativas do Presidente do Conselho Executivo sobre o futuro das TIC no Agrupamento.
- 5.º Recolher dados que possibilitem orientar a tomada de decisões quanto à melhoria de resultados.

IV-GUIÃO DA ENTREVISTA

1ª Parte

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
a) Legitimação e incentivação para a entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Incentivar o entrevistado a prestar a sua colaboração. • Conduzir o entrevistado a dizer efectivamente o que pensa. • Informar o entrevistado sobre o anonimato do seu discurso. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Informar o entrevistado acerca do tema do trabalho de investigação que se pretende desenvolver. 2. Esclarecer o entrevistado sobre a finalidade da entrevista que se pretende efectuar. 3. Pedir autorização para gravar a entrevista. 4. Referir a importância da colaboração do entrevistado, sensibilizando-o para o facto de a informação recolhida ser bastante pertinente para o estudo em causa. 5. Esclarecer acerca da confidencialidade das informações prestadas. 6. Informar o entrevistado que, se o desejar, será disponibilizado todos os resultados da investigação. 7. Agradecer toda a atenção e colaboração prestada.

2ª Parte

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>b) Caracterização pessoal do entrevistado</p> <p>c) Caracterização do funcionamento do Agrupamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o nome, a idade, o género, a formação, anos de serviço em educação, anos de experiência no local, e anos de experiência como Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento. • Constatar as percepções gerais, do Presidente do Conselho Executivo, sobre o Agrupamento vertical de Ourique 	<p>1. Nesta fase da entrevista, pretendemos recolher alguns dados para fazermos a caracterização geral do entrevistado.</p> <p>2. Há quanto tempo se deu a fusão das escolas em Agrupamento vertical?</p> <p>3. Que vantagens/desvantagens trouxe a passagem a Agrupamento Vertical?</p> <p>4. Que diferenças notou ao nível da gestão?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>d) Caracterização do equipamento existente</p> <p>e) Perspectivas sobre a Utilização das TIC</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher dados para a caracterização dos recursos existentes no Agrupamento Vertical de Ourique • Conhecer as percepções do Presidente do Conselho Executivo, sobre os contextos de utilização das TIC, que os alunos fazem dentro e fora das escolas. 	<p><i>No que diz respeito às TIC:</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 5. Como classifica, quanto à quantidade o equipamento de TIC disponível no Agrupamento 6. E à qualidade? 7. O Agrupamento dispõe de equipamento e software actualizados? 8. Que tipo de equipamentos de TIC a escola dispõe? 9. E quais os que ambiciona ter? 10. Que evolução notou, em termos de apetrechamento informático, nos últimos cinco anos? 11. Dispõe de conhecimentos/formações sobre a utilização das TIC, que considere indispensáveis ao cargo que desempenha? 12. Quem iniciou a implementação das TIC nas escolas? 13. Como se iniciou esse processo?

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
		<p>14. Que tipo de problemas surgiram, e como foram superados?</p> <p>15. Como caracteriza aqueles que as acolheram em primeiro/último lugar?</p> <p>16. Que tipo de formação houve ao nível do pessoal docente?</p> <p>17. Que tipo de recursos são ou foram necessários para a integração das TIC?</p> <p>18. Qual o papel desempenhado pelas TIC curriculos?</p> <p>19. As TIC tiveram algum impacto nos resultados académicos?</p> <p>20. Em que medida é mais frequente a utilização das TIC pelos professores?</p> <p>21. Quais são as áreas de docência, em que a utilização é mais frequente?</p> <p>22. Quais são as utilizações mais comuns? (Professores e alunos)</p> <p>23. Têm sido adoptadas medidas de incentivo à utilização das TIC?</p> <p>24. Estão accionados mecanismos de segurança para a utilização das TIC, por parte dos alunos?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>f) Perspectivas sobre o futuro das TIC no Agrupamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as expectativas do Presidente do Conselho Executivo sobre o futuro das TIC no Agrupamento. • Recolher dados que possibilitem orientar a tomada de decisões quanto à melhoria de resultados. 	<p>25. Que tipo de infrações têm ocorrido?</p> <p>26. Como caracteriza os alunos que utilizam mais as TIC?</p> <p>27. E menos?</p> <p>28. Enumere alguns aspectos positivos/negativos resultantes do impacto das TIC nas escolas?</p> <p><i>As escolas do Agrupamento recentemente receberam reforços ao nível das TIC. De acordo com isto:</i></p> <p>29. Que diferenças espera vir a notar, ao nível da utilização das TIC e dos resultados escolares?</p> <p>30. E ao nível da utilização por parte dos professores, em actividades lectivas?</p> <p>31. Que tipo de apoios são ainda necessários, ou estão previstos, para catalisar a integração das TIC nas escolas?</p> <p>32. Ao nível dos recursos humanos, quantas pessoas são necessárias para a manutenção dos novos recursos?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
		<p>33. Que falta fazer para ajudar a melhorar a disponibilidade das TIC no Agrupamento?</p> <p>34. Quais são os seus objectivos, nesse sentido? <i>De uma forma geral, os factos denunciam que o apetrechamento informático nas escolas e a preparação dos professores está longe de corresponder aos desafios propostos nas reorganizações curriculares, o que pode fazer com que a integração e a utilização das TIC não passe de uma ilusão.</i></p> <p>35. Concorda com esta afirmação? Porquê? <i>Uma das directrizes apontadas pelo Ministério da Educação assenta no papel da Escola, como correctora de assimetrias sociais permitindo uma igualdade de acesso às Tecnologias.</i></p> <p>36. Na sua opinião, a escola é correctora dessas assimetrias ou por sua vez, fomenta-as directamente?</p> <p>37. De uma forma genérica, que grau de importância atribui à utilização das TIC no processo ensino-aprendizagem e na melhoria dos resultados académicos?</p>



ANEXO IV

**Guião de Entrevista ao
Administrador das TIC**

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR



Guião da Entrevista aos Alunos

***Oportunidades para o uso das TIC no Agrupamento
Vertical de Ourique***

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS EM
FINAL DE CICLO, ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO SEU
PERCURSO ESCOLAR, EM MATÉRIA DE UTILIZAÇÃO DAS TIC**

ÉVORA 2007

ENTREVISTA AO ADMINISTRADOR

I-TEMA:

*PERCEPÇÕES DOS ALUNOS EM FINAL DE CICLO, ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO AGRUPAMENTO VERTICAL DE C
EM MATÉRIA DE UTILIZAÇÃO DAS TIC.*

II-QUESTÕES DE PARTIDA:

- Que recursos em TIC existem no Agrupamento Vertical de Ourique?
- Que tipo de utilizações com TIC fazem os alunos do Agrupamento Vertical de Ourique e em que contexto são feitas?
- Que papel têm as TIC ao longo do percurso escolar dos alunos do Agrupamento Vertical de Ourique?

III- OBJECTIVO GERAL:

- Analisar as percepções dos alunos do Agrupamento Vertical de Ourique, acerca das suas experiências, em matéria de utilização das TIC.

IV- OBJECTIVOS ESPECÍFICOS:

- 1.º Recolher dados para a caracterização geral, do modo de funcionamento do Agrupamento Vertical de Ourique.
- 2.º Recolher dados para a caracterização dos recursos existentes no Agrupamento Vertical de Ourique.
- 3.º Conhecer as percepções do Presidente do Conselho Executivo sobre as utilizações em TIC no Agrupamento.
- 4.º Conhecer as expectativas do Presidente do Conselho Executivo sobre o futuro das TIC no Agrupamento.
- 5.º Recolher dados que possibilitem orientar a tomada de decisões quanto à melhoria de resultados.

IV-GUIÃO DA ENTREVISTA

1ª Parte

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
a) Legitimação e incentivação para a entrevista	<ul style="list-style-type: none">● Legitimar a entrevista.● Incentivar o entrevistado a prestar a sua colaboração.● Conduzir o entrevistado a dizer efectivamente o que pensa.● Informar o entrevistado sobre o anonimato do seu discurso.	<ol style="list-style-type: none">1. Informar o entrevistado acerca do tema do trabalho de investigação que se pretende desenvolver.2. Esclarecer o entrevistado sobre a finalidade da entrevista que se pretende efectuar.3. Pedir autorização para gravar a entrevista.4. Referir a importância da colaboração do entrevistado, sensibilizando-o para o facto de a informação recolhida ser bastante pertinente para o estudo em causa.5. Esclarecer acerca da confidencialidade das informações prestadas.6. Informar o entrevistado que, se o desejar, será disponibilizado todos os resultados da investigação.7. Agradecer toda a atenção e colaboração prestada.

2ª Parte

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>b) Caracterização pessoal do entrevistado</p> <p>c) Caracterização do equipamento existente</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o nome, a idade, o género, a formação, anos de serviço em educação, anos de experiência no local, e anos de experiência como administrador • Recolher dados para a caracterização dos recursos existentes no Agrupamento Vertical de Ourique 	<p>1. Nesta fase da entrevista, pretendemos recolher alguns dados para fazermos a caracterização geral do entrevistado.</p> <p>2. Como classifica, quanto à quantidade o equipamento de TIC disponível no Agrupamento</p> <p>3. E à qualidade?</p> <p>4. E quais os que ambiciona ter?</p> <p>5. O Agrupamento dispõe de equipamento e software actualizados?</p> <p>6. Que evolução notou, em termos de apetrechamento informático, nos últimos cinco anos?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>d) Perspectivas sobre a Utilização das TIC</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as percepções do administrador, sobre os contextos de utilização das TIC, que se fazem no Agrupamento de escolas. 	<ol style="list-style-type: none"> 7. Dispõe de conhecimentos/formações sobre a utilização das TIC, que considere indispensáveis ao cargo que desempenha? 8. Quem iniciou a implementação das TIC nas escolas? 9. Como se iniciou esse processo? 10. Que tipo de problemas surgiram, e como foram superados? 11. Como caracteriza aqueles que as acolheram em primeiro/último lugar? 12. Que tipo de formação houve ao nível do pessoal docente? 13. (Caso tenha existido) Esteve envolvido na orientação dessa formação? 14. Que tipo de recursos são ou foram necessários para a integração das TIC? 15. Qual o papel desempenhado pelas TIC nos currículos? 16. Em que medida é mais frequente a utilização das TIC pelos professores? 17. Quais são as utilizações mais comuns? (Professores e alunos)

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
<p>e) Perspectivas sobre o futuro das TIC no Agrupamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as expectativas do administrador sobre o futuro das TIC no Agrupamento. • Recolher dados que possibilitem orientar a tomada de decisões quanto à melhoria de resultados. 	<p>18. Têm sido adoptadas medidas de incentivo à utilização das TIC?</p> <p>19. Estão accionados mecanismos de segurança para a utilização das TIC, por parte dos alunos?</p> <p>20. Que tipo de infracções têm ocorrido?</p> <p>21. Enquanto professor da disciplina de TIC. Caracterize de uma forma geral o grau de conhecimento dos alunos ao nível de utilização das TIC.</p> <p>22. Enumere alguns aspectos positivos/negativos resultantes do impacto das TIC nas escolas?</p> <p><i>As escolas do Agrupamento recentemente receberam reforços ao nível das TIC. De acordo com isto:</i></p> <p>23. Que diferenças espera vir a notar, ao nível da utilização das TIC e dos resultados escolares?</p> <p>24. E ao nível da utilização por parte dos professores, em actividades lectivas?</p> <p>25. Que tipo de apoios são ainda necessários, ou estão previstos, para catalisar a integração das TIC nas escolas?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
		<p>26. Ao nível dos recursos humanos, quantas pessoas são necessárias para a manutenção dos novos recursos?</p> <p>27. Que falta fazer para ajudar a melhorar a disponibilidade das TIC no Agrupamento?</p> <p>28. Quais são os seus objectivos, nesse sentido?</p> <p>29. Sei que no seu horário, tem uma carga lectiva que lhe foi atribuída para apoio e manutenção às TIC. Considera essa carga horária é suficiente?</p> <p>30. Com que tipo de problemas se depara?</p>

Designação dos Blocos	Objectivos	Orientações para Tópicos/Questões
		<p><i>De uma forma geral, os factos denunciam que o apetrechamento informático nas escolas e a preparação dos professores está longe de corresponder aos desafios propostos nas reorganizações curriculares, o que pode fazer com que a integração e a utilização das TIC não passe de uma ilusão.</i></p> <p>31. Concorda com esta afirmação? Porquê?</p>



ANEXO V

**Transcrição das entrevistas
aos alunos**

Entrevista 1

1.º Ciclo - Aldeias

(1ª fase)*

E- Tens computador em casa?

e1- Não

e2- não

e3- não

e4- tenho

e5- sim

E- Se sim, ele está ligado à Internet?

e1- ...

e2- ...

e3- ...

e4- não

e5- sim

E- Em termos de quantidade, como classificas a tua escola, quanto ao número de computadores?

e1- Temos um lá ... só que está desligado, acho que não anda. Tínhamos outro, mas, acho que o trouxeram para aqui para levar outro. Só que ainda não levaram mais nenhum lá para a escola. E a professora Andreia tem lá outro.

e2- Houve um, só que roubaram-no. E agora há outro, que eles eram... é que eu não sei de onde é que os trouxeram. Porque a escola fechou e depois trouxeram-nos para a escola. Mas temos lá um para trabalhar

e3- a minha escola tem dois computadores, só que um ta na outra sala e o que está na minha sala não é da escola, é de um menino que tem problema. E a mãe trouxe o computador dele, para ele trabalhar.

e4- só há um computador, e está noutra sala.

e5- na minha escola há dois computadores, mas um está avariado. Então só temos um computador e já é bocado velhinho.

E- Onde costumam trabalhar com os computadores na tua escola?

e1- antes era lá na nossa sala, depois agora era lá em cima. Primeiro cá em baixo tínhamos para o terceiro e quarto ano. E agora lá em cima e é só para o quarto ano. Mas o computador agora está desligado.

e2- ...

e3- Agente só usa o da outra sala, porque aquele é só dele.

e4- silêncio

e5- silêncio

E- Quantos alunos costumam estar distribuídos por computador, e quanto tempo costumam ficar a trabalhar?

e1- Nós... a primeira vez, fomos três, e depois foram mais dois. E agora da última vez só fomos dois. Da primeira vez não me lembro e agora da segunda vez foi até ao almoço.

e2- Ficamos às vezes um pedacinho, ficamos às vezes dois, três...

e3- um ou dois. O tempo que for preciso para fazermos o trabalho.

e4- Vamos três para o computador. Ficamos pouco tempo

e5- Ficamos mais ou menos dois, três, e o tempo suficiente.

E- Na tua escola, qual(ais) o(s) local(ais) onde podemos encontrar mais computadores?

e1- não sei

e2- silêncio

e3- ...

e4-...

E- Consegues aceder facilmente à internet na tua escola?

e1- Nós temos lá uma coisinha qualquer, na paredezinha que dá para o telefone e para a internet.

E- Nas vossas aulas costumam ir à internet na escola?

e1- Não.

e2- Às vezes vamos lá buscar coisas para a gente fazer.

Então quer dizer que têm internet?

e2- sim.

e3- sim

e4- sim. Mas só às vezes é que vamos lá.

e5- sim.

E- A tua escola dispõe de um website?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Não

e5- Não.

(2ª fase)*

E- Em relação a outras tecnologias de informação e comunicação. Tens telemóvel, leitor de mp3, IPOD, etc.?

e1- eu cá tenho telemóvel.

e2- silêncio.

e3- não tenho.

e4- Eu tb tenho telemóvel.

e5- Eu tenho telemóvel e leitor de mp3.

E- Com que regularidade as utilizas?

e1- Uso para enviar mensagens. Mas não posso usar todos os dias.

e2- silêncio

e3- silêncio

e4- Uso para mandar mensagens e ouvir música. Mas só uso às vezes

e5- Uso para telefonar, para jogar e uso todos os dias.

E- A tua escola dispõe de equipamento e software actualizados?

e1- Não

e2- Não

e3- Não. Só o Leandro que tem uns Cds próprios.

e4- Não.

e5- Não.

E- Que tipo de actividades realizas dentro da escola, com o auxílio das TIC?

e1- faço desenhos, escrevo alguns poemas, jogamos e mais nada.

e2- fazemos textos, fazemos desenhos e vamos à Internet.

e3- muitas coisas. Eu faço desenhos, vou à Internet, escrevo textos, mando mensagens de e-mail.

e4- Vou à Internet, faço desenhos, faço textos.

e5- Mando mensagens por e-mail, escrevo textos, vou pesquisar as coisas que preciso para saber mais, que a professora pede, ...

E- E sentes necessidade de acompanhamento para as poderes utilizar correctamente?

e1- às vezes.

e2- às vezes.

e3- Não.

e4- também não peço ajuda.

e5- também não

E- Os teus professores ensinam matérias sobre as tecnologias?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Não

e5- Não.

E- Os teus professores costumam estar atentos ao uso que os alunos fazem das TIC?

e1- sim. A nossa professora via o que é que nós fazíamos, e se nós fizéssemos algum erro e ajudava-nos.

e2- Não.

e3- Não.

e4- Não.

e5- Não.

E- Na tua opinião, que tipo de alunos que utilizam mais as TIC?

e1- São ricos... (gargalhada geral). São os mais fraquinhos, só querem jogar.

e2- Metem-se muito, quando estamos no computador vai sempre ver o que estamos a fazer.

e3- É mais ou menos bom aluno.

e4- São bons alunos dentro dos possíveis. Mas também são um bocado traquinas!

e5- São todos.

E- Ser bom ou mau aluno está também dependente do domínio que tens sobre as TIC?

e1- Sim, é melhor.

e2- Sim.

e3- Pois pode se interessar, para ir à internet pesquisar mais.

e4- sim

e5- não sei.

E- No teu ponto de vista, consideras que o acesso às TIC é igual para todos os alunos?

e1- Não. Alguns pais nem se quer têm dinheiro para comprar, e outros não querem porque se portam mal, e isso...

e2- Não

e3- Não. Alguns pais, não querem que eles comprem, outros não podem, outros não querem.

e4- Não.

e5- Não.

E- O incentivo dos teus professores, para a utilização das TIC, é fundamental para o teu desenvolvimento nessa área?

e1- às vezes

e2- silêncio

e3- às vezes

e4- às vezes. Alguns têm computador e a professora diz, que pode fazer isto, ou aquilo.

e5- às vezes.

E- Costumas trabalhar com outros alunos/ professores através da internet?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Não

e5- Não

E- Depois de esclarecer, alguns conceitos ligados à internet, tais como blogs, plataforma, chat, etc. Foi perguntado aos alunos qual a importância que atribuem à existência destas ferramentas na internet?

e1- Acho importante porque faz-se as coisas, depois quem quiser vai lá ver o que é que esse menino ou menina fizeram, e pode dizer se está bem ou mal.

e2- Mais ou menos. Acho bem saber a opinião de outras pessoas.

e3- Sim, porque às vezes podemos não saber o que fazer e ter lá opiniões que nos podem ajudar.

e4- silêncio

e5- silêncio

E- Tens algum endereço de correio electrónico que utilizas na escola?

e1- Não

e2- Não

e3- Não. Mas já enviei mensagens

e4- Sim. Enviei para amigos, e isso.

e5- Não

E- Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, na escola, são geralmente publicados na internet?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Não

e5- Não

(3ª fase)*

A tua escola recentemente fez esforços para melhorar ao acesso às TIC.

E- O material que foi prometido à vossa escola, já se encontra lá?

e1- Não.

e2- Não. É para chegar um computador para a nossa escola.

e3- Não

e4- Não

e5- Não

E - Que mudanças esperas sentir enquanto aluno?

e1- Não sei. ... Podíamos fazer lá mais algumas coisas, jogar, pesquisar coisas para o natal, para a Páscoa.

e2- É porque vai ajudar mais as pessoas

e3- Podem fazer mais pesquisas, porque o que está lá, já é um bocado velho. Podem trabalhar mais depressa, porque aquele é muito fraquinho.

e4- Podíamos trabalhar mais depressa e melhor. E jogar jogos.

e5- Pesquisar mais coisas na internet. Saber mais coisas. Podíamos fazer textos e melhorar.

E- Acham que no computador só é possível fazer essas actividades que enumeraram?

e1- Não. Escrever e-mails, escrever textos.

e2- silêncio. Não sei.

e3- Não.

e4- Não. Não sei

e5- Não. Não sei

E- Sugere outras medidas que são necessárias para tu poderes continuar a aprender com a ajuda das TIC.

e1- Mandava computadores, mandava-lhe cds para jogar e para pesquisar

e2- Mandava computadores.

e3- Mandarem para lá uns quantos computadores, para os meninos aprenderem melhor. Uns dois ou três. Também mandava um livro para quando tivessem dificuldades fossem lá ver.

e4- Mandava para lá computadores. Livros para entender.

e5- Mandava computadores.

E- É bom aprender com as TIC?

e1- Sim

e2- Sim

e3- Sim

e4- Sim

e5- Sim

F- Porquê? Quais são as vantagens de aprender com a ajuda das TIC?

e1- Dá para ir à internet, pesquisar coisas para fazer mais e... fazer mais depressa.

e2- silêncio. (Não conseguiu exprimir ideia)

e3- É bom, para quando nós não sabemos o telefone ou a morada da pessoa, podemos ir ao e-mail mandar. Para uma pessoa que está longe.

e4- silêncio

e5- Traz mais aprendizagem, ao ir à internet e essas coisas.

E- Numa escala de 0 a 10, classifica a importância das TIC, para ti?

e1- 9

e2- 10

e3- 8

e4- 9

e5- 9

E- Refere alguns trabalhos, que gostarias de desenvolver na escola, e nos quais consideres as TIC indispensáveis?

e1- Agora não me estou bem a lembrar. Já sei. Eu gostava de fazer um filme.

e2- Não sei.

e3- Eu gostava de fazer um texto, uma estória que tivesse inventado lá

e4- Eu gostava de fazer um texto e enviar para a minha família

e5- Gostava de fazer um texto, e depois ver se tinha muitos erros. Para depois fazer outro e fazer páginas de um livro.

F- Numa escala de 0 a 10, que classificação atribuis, ao número de experiências com que terminas o ciclo onde estás inserido?

e1- 6

e2- poucas. Talvez 3

e3- 9

e4- 8

e5- 8

* As fases da entrevista (1ª fase, 2ª fase e 3ª fase) correspondem respectivamente, ao que designámos de blocos c), d) e e) no guião da entrevista.

Entrevista 2

1.º Ciclo - Ourique

(1ª fase) *

E- Tens computador em casa?

e1- Sim

e2- Não

e3- Sim

e4- Sim

E- Se sim, ele está ligado à Internet?

e1- Não está

e2- ...

e3- Está

e4- Não está.

E- Em termos de quantidade, como classificas a tua escola, quanto ao número de computadores?

e1- Não.

e2- precisava de mais.

e3- precisa de mais.

e4- Estão bons.

E- Onde costumavas trabalhar com os computadores na tua escola?

e1- Mas o da sala agora está avariado. Vamos à da Adília.

e2- Na biblioteca e às vezes na sala, mas ele agora está avariado.

e3- ...

e4- Na biblioteca e às vezes na sala.

E- Quantos alunos costumam estar distribuídos por computador?

e1- Vai só um aluno. A professora manda ir só um aluno. E nem sempre acontece.

e2- Agente é só um computador em cada sala. Não temos computadores para todas as mesas.

e3- silêncio.

e4- E às vezes vamos pesquisar coisas à internet. Que a professora precisa de coisas que não estão. Mas o nosso computador da sala não tem.

E- Na tua escola, qual(ais) o(s) local(ais) onde podemos encontrar mais computadores?

e1- Na biblioteca

e2- Na biblioteca

e3- na biblioteca

e4- sim

E- Consegues aceder facilmente à internet na tua escola?

e1- Não

e2- Não. Só o 3.º ano é que tinha, e era para mostrar à Ministra. E só tem um na biblioteca, o resto não tem internet. E há o da Adília.

e3- Não

e4- Não.

E- A tua escola dispõe de um website?

e1- Não. ... e2- Mas não criámos nenhum site.

e2- Não. O ano passado tínhamos aulas de informática, e criámos um e-mail.

e3- Não.

e4- Não.

(2ª fase) *

E- Em relação a outras tecnologias de informação e comunicação. Tens telemóvel, leitor de mp3, IPOD, etc.?

e1- tenho telemóvel. Mp3 tenho. E tenho uma playstation portátil.

e2- Tenho telemóvel. Não tenho

e3- Não. Tenho mp3

e4- Não. Não tenho.

E- Com que regularidade as utilizas?

e1- às vezes. Eu só vejo se tenho mensagens. E mando mensagens ao meu pai. Não ligo muito.

e2- Uso todos os dias. Sou muito ligada ao telemóvel

e3- Uso às vezes

e4- Às vezes. Poucas

E- A tua escola dispõe de equipamento e software actualizados?

e1- Não. Só na biblioteca é que há lá jogos gravados.

e2- Não.

e3- Não.

e4- Não.

E- Que tipo de actividades realizas dentro da escola, com o auxílio das TIC?

e1- Pesquisamos. E sem ser jogar mais nada

e2- Pesquisar.

e3- silêncio

e4- Pesquisar

E- E sentes necessidade de acompanhamento para as poderes utilizar correctamente?

e1- Eu não.

e2- às vezes

e3- às vezes

e4- Não

E- Os teus professores costumam estar atentos ao uso que os alunos fazem das TIC?

e1- Não

e2- Os professores não. Mas as auxiliares da biblioteca sim. Porque os computadores não são muito usados nas salas. É só mesmo para estar lá.

e3- Não

e4- Não

E- Na tua opinião, que tipo de alunos que utilizam mais as TIC?

e1- É esperto.

e2- silêncio

e3- silêncio

e4- Não sei bem. Um menino informado, curioso, que tem interesse pela matéria e gosta da escola.

E- Ser bom ou mau aluno está também dependente do domínio que tens sobre as TIC?

e1- Não.

e2- Não

e3- Não

e4- Não. Pode ser esperto e viver num monte.

E- No teu ponto de vista, consideras que o acesso às TIC é igual para todos os alunos?

e1- Não. Porque... não tem dinheiro suficiente, ou porque têm e os pais não querem.

e2- Não. Ou porque os pais não podem comprar essas tecnologias novas, ou então porque não percebem muito bem do sistema. Ou então porquê não têm acesso às coisas.

e3- Não

e4- Não. Os pais podem ter dinheiro e não compram, e têm falta de vontade. Depois os moços podem ter muito dinheiro mas não o querem gastar. São forretas.

E- O incentivo dos teus professores, para a utilização das TIC, é fundamental para o teu desenvolvimento nessa área?

e1- Porque, ela sempre que vê uma pergunta lá no livro de estudo do meio. Por exemplo estava lá uma pergunta: Porque motivo em cada quatro anos há um ano bissexto? E manda-nos logo ir pesquisar.

e2- Mais ou menos. Principalmente a nossa professora. Incentiva-nos muito, porque qualquer coisa que ela ache importante ou vamos ao dicionário, ou quando não há no dicionário vamos à internet pesquisar.

e3- silêncio.

e4- Sim. A nossa professora e a professora de educação ambiental incentivam-nos muito.

E- Costumas trabalhar com outros alunos/ professores através da internet?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Sim. Quando estávamos a ter informática, falei com a minha tia que é professora.

E- Tens algum endereço de correio electrónico que utilizas na escola?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Não.

E- Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, na escola, são geralmente publicados na internet?

e1- Não. Não é só nosso é para por na internet.

e2- Não. Temos, temos a professora de educação ambiental está a fazer um trabalho connosco, com coisas recicladas, para tirar fotografias, e vai fazer um site só nosso.

e3- Não

e4- Não

(3ª fase) *

A tua escola recentemente fez esforços para melhorar ao acesso às TIC.

E- Que mudanças sentiste enquanto aluno?

e1- Eu não acho nada de diferente. Gosto mais de fazer as coisas à mão.

e2- Eu acho uma coisa diferente, só uma pequenina coisa. Quando a gente não tínhamos computador tínhamos de sair da sala para fazer as coisas, e assim temos um computador na sala para fazer as coisas. Quer dizer agora está avariado, mas antes podíamos fazer as coisas.

e3- silêncio

e4- Também acho.

E- Sugere outras medidas que são necessárias para tu poderes continuar a aprender com a ajuda das TIC.

e1- Não fechava as escolas, metia computadores em todas as salas, com internet e arranjava as escolas.

e2- Metíamos computadores em todas as escolas, e metíamos internet em todos os computadores de todas as escolas. E pediria ajuda aos presidentes para poder melhorar as “funcionações”.

e3- Comprava mais material.

e4- Dava um computador a todos os meninos pobres, que não conseguem aprender e têm dificuldades.

E- Quais são as vantagens de aprender com a ajuda das TIC?

e1- Porque ficávamos a aprender melhor e aprendíamos mais rapidamente.

e2- Porque podemos aprender coisas que nunca nos passaram pela cabeça.

e3- Pesquisar mais coisas.

e4- Porque podemos criar coisas novas.

E- Refere alguns trabalhos, que gostarias de desenvolver na escola, e nos quais consideres as TIC indispensáveis?

e1- Poder arranjar um programa no computador, para poder pintar.

e2- Construir novos objectos e entrar em comunicação com outras escolas. Gostaria de fazer uma cadeira de rodas, com um mini-computador para que todos os deficientes tivessem acesso aos computadores.

e3- Um programa que fizesse jogos de aprendizagem. Um programa de computador para aprender melhor as matérias todas.

e4- Entrar em comunicação com outras escolas.

F- Numa escala de 0 a 10, que classificação atribuis, ao número de experiências com que terminas o ciclo onde estás inserido?

e1- Mais ou menos. Eu dava oito.

e2- Podíamos trabalhar mais. Acho que era nove.

e3- Nove.

e4- Sete e meio.

Questão proposta por uma aluna.

E2- A professora perguntou se nós tínhamos dificuldade em mexer no computador?

E2- É que eu tenho muita dificuldade.

Entrevista 3

2.º Ciclo – 6.º Ano

(1ª fase) *

E- Tens computador em casa?

e1- Sim

e2- Sim

e3- Sim

e4- Não

E- Se sim, ele está ligado à Internet?

e1- Não

e2- Sim

e3- Sim

e4-...

E- Em termos de quantidade, como classificas a tua escola, quanto ao número de computadores?

e1- A mesma opinião de e2.

e2- Se os computadores estivessem todos a funcionar correctamente, sim, eram suficientes. Como não estão todos a funcionar correctamente, não!

e3- Por exemplo na sala de computadores, acho que há poucos computadores, muitos estão avariados.

e4- Sim

E- Onde costumavas trabalhar com os computadores na tua escola?

e1- ...

e2- Há salas de aula com computadores, mas nós não temos acesso a elas.

e3- Na sala de computadores e biblioteca

e4- Na sala de computadores e na biblioteca.

E- Quantos alunos costumam estar distribuídos por computador?

e1- três.

e2- dois ou três.

e3- dois.

e4- dois, três alunos.

E- Na tua escola, qual(ais) o(s) local(ais) onde podemos encontrar mais computadores?

e1- Na sala de computadores.

e2- É que têm mais computadores e a outra sala do outro pavilhão, mas nós não podemos usar. São os melhores.

e3- E também há agora a sala nova, que tem computadores portáteis, mas nós não podemos usar.

e4- Na sala de computadores.

F- Consegues aceder facilmente à internet na tua escola?

e1- Mais ou menos.

e2- ...

e3- Depende. No outro pavilhão há sempre internet. Neste aqui nem sempre.

e4- ...

E- A tua escola dispõe de um website?

e1- Não. Só a associação de estudantes é que tinha, mas era o ano passado.

e2- Não

e3- Não

e4- Não

(2ª fase) *

E- Em relação a outras tecnologias de informação e comunicação. Tens telemóvel, leitor de mp3, IPOD, etc.?

e1- Não tenho telemóvel, mas tenho mp3

e2- Tenho telemóvel e, não sei se o meu é mp3, se é mp4.

e3- Eu tenho telemóvel. Não tenho mp3

e4- Tenho telemóvel, mas não tenho mp3

E- Com que regularidade as utilizas?

e1- O mp3 agora já não uso tanto.

e2- O telemóvel uso todos os dias. O mp3 nem tanto, é uma vez por acaso.

e3- Uso todos os dias, ou às vezes é quando calha.

e4- O telemóvel uso todos os dias.

E- A tua escola dispõe de equipamento e software actualizados?

e1- Mais ou menos. Há DVDs e cassetes na biblioteca.

e2- Não.

e3- Não.

e4- Há DVDs, cassetes, só para o computador é que não há nada.

E- Quais são as disciplinas em que tu fazes mais uso das TIC?

e1- Área de Projecto.

e2- Área de Projecto e História

e3- Área de projecto

e4- Área de Projecto, História, é mais para trabalhos.

E- Que tipo de actividades realizas dentro da escola, com o auxílio das TIC?

e1- Para trabalhos.

e2- Para trabalhos, na construção e na pesquisa.

e3- na aula de estudo acompanhado, às vezes vimos um DVD.

e4- silêncio.

E- E sentes necessidade de acompanhamento para as poderes utilizar correctamente?

e1- Não.

e2- Não

e3- às vezes

e4- às vezes.

E- Os teus professores costumam estar atentos ao uso que os alunos fazem das TIC?

e1- Em Área de projecto.

e2- Normalmente ao trabalhos que fazemos com a ajuda da internet são fora da sala de aula.

e3- Só em Área de projecto.

e4- silêncio

E- Na tua opinião, que tipo de alunos que utilizam mais as TIC?

e1- Acho que não há... São variados.

e2- Eu acho que quem utiliza mais o computador é sempre para jogar, não é para coisas a sério.

e3- Os alunos mais velhos. Talvez porque conheçam outros sites que não conhecemos.

e4- Acho que alguns alunos mais fracos usam o computador e os outros também.

E- Ser bom ou mau aluno está também dependente do domínio que tens sobre as TIC?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Não

E- No teu ponto de vista, consideras que o acesso às TIC é igual para todos os alunos?

e1- Não sei, depende...

e2- Acho que o acesso é igual para todos.

e3- Eu acho que o acesso não é bem igual para todos. Normalmente os que vêm de fora não têm tanto tempo para ir para os computadores. E às vezes os de Ourique põem de parte os que vêm de fora. E também às vezes à alunos que são ricos e têm a mania que podem ter aquilo que quer...

e4- concordo com a e3.

E- Ao nível do 1.º ciclo, tiveram muitas experiências com as TIC?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Não

E- Aonde adquirem mais experiências com as TIC?

e1- em casa

e2- em casa

e3- em casa

e4- em casa

E- Que mudanças sentiste, em termos de utilização das TIC, da tua escola do 1.º ciclo para esta escola?

e1- todas as experiências que adquiri foram aqui.

e2- nesta escola é que aprendi

e3- aprendi mais aqui.

e4- nesta escola

E- Que mudanças sentiste, em termos de utilização das TIC, da tua escola do 1.º ciclo para esta escola?

e1- 4.º ano. Não havia computadores na minha escola, vínhamos para aqui

e2- 4.º ano.

e3- No 4.º. Na minha escola havia dois computadores.

e4- No 4.º ano. E depois começaram a aparecer na biblioteca.

E- O incentivo dos teus professores, para a utilização das TIC, é fundamental para o teu desenvolvimento nessa área?

e1- Sim.

e2- Mais ou menos.

e3- Mais ou menos.

e4- Mais ou menos.

E- Se os vossos professores vos incentivassem mais, trabalhariam mais com as TIC?

e1- Não

e2- Acho que não.

e3- Não. Mas talvez alguns alunos sim, que não tenham muita ligação aos computadores.

e4- Não.

E- Costumas trabalhar com outros alunos/ professores através da internet?

e1- Não

e2- Não

e3- Não

e4- Não

E- Tens algum endereço de correio electrónico que utilizas na escola?

e1- Não

e2- O ano passado, os professores de TIC, criaram-nos um e-mail

e3- Não

e4- Não

E- Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, na escola, são geralmente publicados na internet?

e1- Não

e2- Não

e3- Não. São expostos geralmente na semana cultural.

e4- Não

(3ª fase) *

A tua escola recentemente fez esforços para melhorar ao acesso às TIC.

E- Que mudanças sentiste enquanto aluno?

e1- Só os alunos do 5.º e do 9.º é que podem ir para a sala dos portáteis.

e2- ...

e3- E nós quando temos substituição, se houver disponibilidade também podemos ir.

e4- ...

E- É importante que existam mais salas deste tipo na escola?

e1- Concordo com e3.

e2- ...

e3- Era importante se nós pudéssemos usá-las.

e4- ...

E- E na escola?

e1- Normalmente

e2- Não notámos muito, porque não pudemos usá-las.

e3- silêncio

e4- silêncio

E- Sugere outras medidas que são necessárias para tu poderes continuar a aprender com a ajuda das TIC.

e1- Deviam de tratar, de arranjar a internet. Porque muitas vezes não há internet e não podemos fazer os trabalhos.

e2- Aulas de TIC para todos.

e3- Aulas de TIC para todos.

e4- silêncio

E- Quais são as vantagens de aprender com a ajuda das TIC?

e1- Termos mais facilidade em pesquisar.

e2- Sabermos mais informações.

e3- Aprendemos coisas novas, pequenos pormenores, que se calhar sozinhos não conseguíamos descobrir.

e4- podemos fazer os trabalhos mais facilmente. Com as aulas aprendemos mais.

E- Refere alguns trabalhos, que gostarias de desenvolver na escola, e nos quais consideres as TIC indispensáveis?

e1- Podíamos fazer concursos entre turmas e entre escolas.

e2- Concordo com e3.

e3- Podíamos arranjar uma página na internet para a escola.

e4- Não sei.

E- Numa escala de 0 a 10, que classificação atribuis, ao número de experiências com que terminas o ciclo onde estás inserido?

e1- seis

e2- seis, sete

e3- talvez sete

e4- seis ou sete.

Entrevista 4

3.º Ciclo – 9.º Ano

(1ª fase) *

E- Tens computador em casa?

e1- Sim

e2- sim

e3- sim

e4-sim

E- Se sim, ele está ligado à Internet?

e1- sim. Todos os dias lá estou

e2- Não

e3- Não

e4- Não

E- Em termos de quantidade, como classificas a tua escola, quanto ao número de computadores?

e1- Impressoras à poucas. E eu acho que há alguns computadores, mas muitos estão desactualizados. E os portáteis a gente não podem.

e2- Tem computadores, mas são lentos.

e3- Os melhores, não é permitido o acesso aos alunos, os portáteis. E no bloco onde temos TIC, os alunos não podem entrar e sair, e utilizar quando querem.

e4- silêncio. Às vezes queremos fazer uma impressão, e temos de estar uma eternidade à espera.

E- Onde costumavas trabalhar com os computadores na tua escola?

e1- Na aula de TIC, nas aulas...

e2- Na aula de TIC

e3- E quando há substituição também vamos para a sala de computadores

e4- Nas aulas

E- Quantos alunos costumam estar distribuídos por computador?

- e1-** dois no computador.
- e2-** um por computador
- e3-** dois por computador
- e4-** Na minha turma é só um

E- Na tua escola, qual(ais) o(s) local(ais) onde podemos encontrar mais computadores?

- e1-** Nas salas.
- e2-** Na salas
- e3-** Salas de TIC
- e4-** Silêncio.

E- Consegues aceder facilmente à internet na tua escola?

- e1-** às vezes. E outras vezes não há rede.
- e2-** silêncio.
- e3-** Tem dias.
- e4-** silêncio

E- A tua escola dispõe de um website?

- e1-** Não sei. Mas acho que não. Não tenho a certeza.
- e2-** A página da associação não funciona.
- e3-** A página da associação está desactualizada. O ano passado iam actualizando. Mas este ano não há nada de novo.
- e4-** Acho que não.

(2ª fase) *

E- Em relação a outras tecnologias de informação e comunicação. Tens telemóvel, leitor de mp3, IPOD, etc.?

- e1-** Tenho telemóvel, mp3 e IPOD.
- e2-** Tenho telemóvel e mp3.

e3- Telemóvel.

e4- Tenho telemóvel

E- Com que regularidade as utilizas?

e1- todos os dias

e2- todos os dias

e3- Eu por acaso não ligo muito, a mp3 nem nada disso.

e4- todos os dias

E- A tua escola dispõe de equipamento e software actualizados?

e1- Os softwares estão muito desactualizados. Como é que eu hei-de de dizer. Já são tão antigos, que mesmo que instalem um mais recente, aquilo é tão lento, que não vai mudar nada.

e2- Eu acho que a escola não tem nada de CDs.

e3- é isso.

e4- silêncio

E- Quais são as disciplinas em que tu fazes mais uso das TIC?

e1- TIC, Ciências. Quando temos alguns trabalhos às disciplinas, costumamos usar.

e2- Sim agora a história.

e3- História. Em História o Prof. Ajudou-nos a construir um blog, para metermos lá os trabalhos.

e4- Ciências.

E- Que tipo de actividades realizas dentro da escola, com o auxílio das TIC?

e1- aqui na escola é só mesmo pesquisa. Eu não utilizo muito os computadores aqui na escola.

e2- silêncio.

e3- Imprimo coisas.

e4- Pesquisa.

E- E sentes necessidade de acompanhamento para as poderes utilizar correctamente?

e1- Não

e2- silêncio.

e3- Não

e4- Não

E- Os teus professores têm mais conhecimentos ao nível das TIC do que alunos?

e1- Alguns. Mas só em algumas áreas.

e2- Alguns.

e3- Alguns, mas há outros...

e4- Sim alguns.

E- Os teus professores costumam estar atentos ao uso que os alunos fazem das TIC?

e1- Sim

e2- Sim

e3- Sim

e4- Sim

E- Na tua opinião, que tipo de alunos que utilizam mais as TIC?

e1- Alguns é porque gostam de música.

e2- Eu acho que são aqueles que não têm internet em casa, que usam mais os computadores aqui.

e3- silêncio.

e4- Não sei

E- Ser bom ou mau aluno está também dependente do domínio que tens sobre as TIC?

e1- Isso depende. SE um aluno tem acesso à internet, se calhar tem mais facilidade em pesquisar e mais conhecimento. Na internet podem comunicar, podem fazer trabalhos, podem ver várias coisas. Eu acho que isso é bom.

e2- Não. Acho que está mais informado.

e3- Não. Mas pode ajudar ao desenvolvimento do aluno. Eu acho que quem tem um computador tem sempre curiosidade, em mexer noutras coisas lá no computador,

pesquisar, e ir conhecendo o que é que é aquele mundo. Acho que é sempre assim. Agora quem não tem computador, não sabe o que é, não tem curiosidade.

e4- Não.

E- No teu ponto de vista, consideras que o acesso às TIC é igual para todos os alunos?

e1- Não. Então há alunos que têm mais acesso, e outros que não. Alguns não têm dinheiro para comprar alguns equipamentos. E depois aqui na escola também não há tudo. E eles também não têm outra opção se não, não “utilizá-las”. E acho que há muita diferença.

e2- Não

e3- Concorda com e1.

e4- Não

E- O incentivo dos teus professores, para a utilização das TIC, é fundamental para o teu desenvolvimento nessa área?

e1- Alguns professores querem os trabalhos em power point, outros não querem, não aceitam. Mas os trabalhos em power point têm outra dinâmica, que não têm no papel.

e2- E em power point acabamos por aprender, quando fazemos o trabalho.

e3- Alguns. Os métodos com informação multimédia ajudam a aprender e a fixar muito melhor a matéria.

e4- Alguns.

E- Costumas trabalhar com outros alunos/ professores através da internet?

e1- Não.

e2- Não.

e3- Não. Costumamos falar uns com os outros, através da internet.

e4- Não.

E- Tens algum endereço de correio electrónico que utilizas na escola?

e1- Não.

e2- Não.

e3- Não. Só o professor de História é que nos deu o e-mail.

e4- Não.

E- Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, na escola, são geralmente publicados na internet?

e1- Não. Não sei.

e2- Em História, o Professor propõe trabalhos, e em vez de entregarmos o trabalho em si, publicamos na internet, e o Professor pode ir lá ver, como alunos.

e3- Não. Só em História. E cada um tem o seu blog.

e4- Não.

E- Quais as vantagens de terem trabalhos publicados na internet?

e1- Era importante para algumas disciplinas. Ciências.

e2- Estamos sempre em contacto com as matérias. Metemos lá os nossos conhecimentos. E os outros alunos podem aprender, com aquilo que nós aprendemos.

e3- Não perdemos a informação. Com os papéis podemos perder. Podemos dar a conhecer aos alunos de outras escolas, os trabalhos de outras turmas. É mais fácil aceder.

e4- Silêncio.

(3ª fase) *

A tua escola recentemente fez esforços para melhorar ao acesso às TIC.

E- Que mudanças sentiste enquanto aluno?

e1- É mais fácil aceder às TIC. Mas é difícil porque só podemos aceder com Professor. Quanto ao equipamento, é mais rápido, actual, tem outro tipo... sei lá mais rápidos.

e2- Voltando um pouco atrás. Nós não temos tanta disponibilidade para ir aos computadores, porque é assim, se os alunos tivessem outra posição em relação aos computadores, “é que os alunos é só estragarem”. Se os alunos não estragassem

tanta coisa, talvez o Conselho Directivo e os Professores nos deixassem aceder mais vezes aos computadores.

e3- Silêncio.

e4- É mais rápido.

E- E na escola?

e1- As minhas colegas, ficaram um bocado chateadas por não poderem utilizar sem a presença de um professor. Eu acho que em parte é bom e noutra parte é mau, n'so temos o equipamento e não podemos utilizá-lo.

e2- silêncio.

e3- Pois, porque o equipamento até é... Relativamente... até temos muitos computadores cá escola. Aí há três anos atrás tínhamos, cerca 20 computadores na escola toda, agora temos 40, se calhar 60. Estão é privados aos alunos. Para aí 40 computadores estão privados aos alunos.

e4- Pois...

E- Sugere outras medidas que são necessárias para tu poderes continuar a aprender com a ajuda das TIC.

e1- Disponibilizava o acesso às TIC, a todos os alunos.

e2- Criar mais aulas com as TIC e abrir as salas de computadores.

e3- Falava com os professores de todas as disciplinas, para introduzirem as TIC nas suas aulas, para os alunos todos começarem a trabalhar mais com elas.

e4- Não sei.

E- Quais são as vantagens de aprender com a ajuda das TIC?

e1- Já disse à pouco... E acho que é mais organizado.

e2- Eu acho que os alunos ficavam mais motivados, para aprender

e3- Os alunos iam para as aulas, e iam mais entusiasmados

e4- Não sei.

E- Refere alguns trabalhos, que gostarias de desenvolver na escola, e nos quais consideres as TIC indispensáveis?

e1- Fazer intercâmbios.

e2- Por exemplo a escola não tem um site, podíamos criar um site para a escola e as turmas irem actualizando.

e3- Fazer a página da escola.

e4- Sim, a página da escola.

E- Numa escala de 0 a 10, que classificação atribuis, ao número de experiências com que terminas o ciclo onde estás inserido?

e1- 4 (Mais ou menos)

e2- 4

e3- 5

e4- 4

Entrevista 5

Secundário – 12.º Ano

(1ª fase) *

E- Tens computador em casa?

e1- Não

e2- Sim

e3- Sim

e4- (não se encontrava presente)

E- Se sim, ele está ligado à Internet?

e1- ...

e2- Sim

e3- Sim

e4- (não se encontrava presente)

E- Em termos de quantidade, como classificas a tua escola, quanto ao número de computadores?

e1- Eu acho que há muitos computadores, as pessoas que lá estão é que não estão a fazer nada de jeito.

e2- Há pessoas que fazem um uso indevido dos computadores, gastarem o tempo que nós temos com divertimento, em vez de deixarem o tempo que nós temos livre para trabalharmos. Podiam haver mais computadores, a escola tem cerca de 300 e tal alunos, e existem para aí cerca de 50 computadores disponíveis, se tanto. Podia haver mais computadores, ou mais uma sala de computadores. Não é só ter muitos computadores. Nós temos alguns computadores, que não são muitos... mas a maior parte deles só serve para aulas, se um aluno quiser fazer um trabalho por si só, individualmente, sem acompanhamento... quando temos apenas esta sala de computadores, e dois computadores na biblioteca, não temos mais nenhum computador disponível.

e3- Podiam haver mais, apesar de agora a escola estar muito melhor, com os portáteis. Mas em relação aos alunos, continuam a ser muito poucos. Se realmente

se quiser ter uso muito... muito acentuado dos computadores, e os computadores serem realmente uma ferramenta diária, de trabalho, os computadores ainda são insuficientes para o número de alunos que existem na escola. ... E mesmo assim estamos condicionados no tempo, ou seja, fazer um trabalho baseados nos computadores da escola, é muito complicado, por isso os computadores em casa é que são o grande apoio.

e4- F

E- Onde costumam trabalhar com os computadores na tua escola?

e1- Na sala de computadores.

e2- Na sala de computadores

e3- sala de computadores, biblioteca.

e4- F

E- Quantos alunos costumam estar distribuídos por computador?

e1- dois.

e2- Numa sala de aula, dois alunos.

e3- dois.

e4- F

E- Na tua escola, qual(ais) o(s) local(ais) onde podemos encontrar mais computadores?

e1- Sala de computadores.

e2- Sala de computadores

e3- Sim... a sala de computadores

e4- F

E- Consegues aceder facilmente à internet na tua escola?

e1- Não, às vezes é muito complicado, nem sequer se consegue. ... Tem dias.

e2- Há dias que nem sequer temos internet de todo. Nem sei o que se passa, ou não ligam um botão, ou vai-se abaixo, é muito complicado.

e3- Silêncio.

e4- F

E- A tua escola dispõe de um website?

e1- Existe...

e2- Que eu tenha essa informação... Eu não sei se existe. Existe um blog da Associação de Estudantes.

e3- Eu sei que já existiu, mas e ainda está activa... Sinceramente acho que não.

e4- Eu acho que não.

E – Neste momento o que faria mais falta na tua escola?

e1- silêncio

e2- Um site da escola, de maneira que as nossas ideias, opiniões, fossem comentadas, acho que era muito importante para a escola.

e3- silêncio

e4- material já temos imenso.

(2ª fase) *

E- Em relação a outras tecnologias de informação e comunicação. Tens telemóvel, leitor de mp3, IPOD, etc.?

e1- telemóvel

e2- telemóvel e mp3

e3- telemóvel

e4- Telemóvel e mp3.

E- Com que regularidade as utilizas?

e1- diariamente.

e2- Utilização diária

e3- diariamente

e4- diariamente.

E- A tua escola dispõe de equipamento e software actualizados?

e1- Eu acho que não.

e2- Acho que não. Os computadores são pouco desenvolvidos, tirando os portáteis.

e3- O equipamento... alguns, por exemplo os portáteis agora são novos. Mas os outros já têm uns anitos... Por exemplo na sala de informática, precisámos de ler um DVD, e nenhum computador tem leitor de DVD, só os portáteis.

e4- Não

E- Quais são as disciplinas em que tu fazes mais uso das TIC?

e1- Silêncio.

e2- Biologia, Geologia, para a realização de trabalhos.

e3- Português para pesquisas, e Matemática também. Já tenho usado para procurar exercícios, procuro fóruns de alunos, que tenham exercícios.

e4- Silêncio.

E- Que tipo de actividades realizas dentro da escola, com o auxílio das TIC?

e1- Pesquisas.

e2- Basicamente pesquisas, e realização dos trabalhos. ... utilização de *power point*, para as apresentações.

e3- Trabalhos.

e4- Silêncio

E- E sentes necessidade de acompanhamento para as poderes utilizar correctamente?

e1- Não.

e2- Não.

e3- Não.

e4- Normalmente não.

E- Os teus professores costumam estar atentos ao uso que os alunos fazem das TIC?

e1- Não

e2- Não.

e3- Não. No 10.º ano sim. A sala de computadores não, porque é muito lúdica.

e4- Não

E- Na tua opinião, que tipo de alunos que utilizam mais as TIC?

e1- Silêncio.

e2- Um aluno que não tem computador em casa. Um aluno que é de fora, passa menos tempo em casa, e por exemplo quando tem um trabalho em grupo, o tempo que tem para fazer o trabalho é quando está na escola. Se for um trabalho individual eu, falo por mim, vou para casa e faço em casa.

e3- E não é só isso, os alunos que são de fora, utilizam-no para passar o tempo.

e4- Silêncio

E- Ser bom ou mau aluno está também dependente do domínio que tens sobre as TIC?

e1- Não.

e2- Depende da utilização, que o aluno lhe queira dar.

e3- Tem tudo a ver com a questão como nós os utilizamos. Não há uma relação entre ser bom ou mau aluno e perceber e não perceber.

e4- Não. Acho que não tem nada a ver.

E- No teu ponto de vista, consideras que o acesso às TIC é igual para todos os alunos?

e1- Já tem acontecido chegar para fazer um trabalho, os alunos estão a jogar e fingem que estão a trabalhar e não dão o lugar. E quem é que os vai tirar dali. E a maioria dos alunos de Ourique não tem internet em casa. Por exemplo em Garvão, a internet não é suportada pelos cabos.

e2- Sim. Em termos de utilização qualquer um pode aceder aos computadores, ter tempo ou não já é outra coisa.

e3- Nem por isso. Porque os horários são condicionados, os computadores não são suficientes. Por exemplo um aluno que tem o horário cheio, que calha não ter computador em casa. Dificilmente se arranja para fazer o trabalho.

e4- E há alunos que têm o horário muito cheio, quando tem algum tempo livre, se calha a sala de computadores ter uma aula a funcionar ou num dia em que não há net. ... é muito complicado.

E- O incentivo dos teus professores, para a utilização das TIC, é fundamental para o teu desenvolvimento nessa área?

e1- Silêncio.

e2- Sim , é claro que se tivermos alguma coisa para fazer e nos derem indicações do meio de pesquisa, isso vai ajudar a desenvolver capacidades nesse meio de pesquisa. Mas se tivermos outros meios, vai espalhar muito mais as nossas aptidões... Quando nós sentimos que o professor nos transmite conhecimento e nos transmite algo que nos faz crescer a nós. É que nós temos algum interesse. No meu caso foi com a Matemática. Em relação às TIC não. Primeiro porque nunca tivemos TIC, sem ser no 12.º ano, e fora das Técnicas TIC muito menos, raramente os professores falam em computadores e tecnologias.

e3- Nunca dizem que é obrigatório usar computador, usar internet. Nunca há nada disso. Mas é claro que utilizamos sempre.

e4- ...

E- Costumas trabalhar com outros alunos/ professores através da internet?

e1- Não.

e2- Eu faço.

e3- Não. Só fazemos amigos.

e4- Não

E- Tens algum endereço de correio electrónico que utilizas na escola?

e1- Não.

e2- Não.

e3- Não.

e4- Não.

E- Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, na escola, são geralmente publicados na internet?

e1- Não.

e2- Que eu saiba não.

e3- Não.

e4- Não.

(3ª fase) *

A tua escola recentemente fez esforços para melhorar ao acesso às TIC.

E- Que mudanças sentiste enquanto aluno?

e1- Só podemos aceder à sala com Professores.

e2- São mais rápidos

e3- Silêncio.

e4- os computadores são melhores

E- E na escola?

e1- ...

e2- silêncio

e3- silêncio

e4- nada.

E- Sugere outras medidas que são necessárias para tu poderes continuar a aprender com a ajuda das TIC.

e1- Silêncio.

e2- Abrir um curso livre, de técnicas de TIC. Se o aluno quisesse inscrever, inscrevia-se e tinha formação a esse nível.

e3- Arranjar mais computadores para tentar haver uma interacção, não só com a disciplina de TIC, mas com as outras disciplinas. Por exemplo, estou-me a lembrar dos Morangos com açúcar, que eu não costumo ver, mas eles usam muito o computador nas aulas, mesmo os professores usam muito, e têm um quadro que utilizam muito. Eu acho que isso é importante permite ter acesso a muitos mais conteúdos e explicar de uma maneira completamente diferente. E acho que isso acabava por estimular os alunos, no contacto com as TIC.

e4- Silêncio

E- Quais são as vantagens de aprender com a ajuda das TIC?

e1- Silêncio.

e2- A nível das saídas de trabalho, é muito importante saber trabalhar com as TIC.

e3- E têm-se acesso a muito mais informação. É Completamente diferente. Acho que o ter mais acesso à informação, permite-nos também apurar a nossa capacidade de seleccionar informação, ser nós próprios a captar e a seleccionar o que é importante e o que não é. Acho que isso é muito importante para fazermos um trabalho, qualquer que seja a disciplina.

e4- É mais rápido, é educativo. Acho que aprendemos muito mais com as TIC, do que os livros. Os alunos ficam mais evoluídos.

F- Refere alguns trabalhos, que gostarias de desenvolver na escola, e nos quais consideres as TIC indispensáveis?

e1- Não sei.

e2- Criação do site da escola. Trabalhar com uma plataforma.

e3- Não me ocorre nada

e4- Não sei.

E- Numa escala de 0 a 10, que classificação atribuis, ao número de experiências com que terminas o ciclo onde estás inserido?

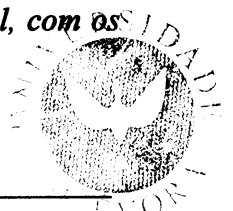
e1- Nunca tive TIC. Aprendi por mim própria, nunca tive disciplina nenhuma. Não sei o que é o Excel. ... Eu nem sei lidar com isso. E com os outros também não faço ideia de como é que é. A classificação é cinco.

e2- Eu só tive no 12.ºa no, foi a única vez que tive TIC. E ajudou-me essencialmente a trabalhar com o Excel e o Power Point, com o Word já estava mais ambientado. Nos outros estava mais fraquinho, e os Professores ajudaram-me, portanto... dou uns seis.

e3- Algumas , durante o 10.º ano com a disciplina de TIC, foi a primeira vez que tive essa disciplina. Foi só mesmo no 10.º ano. A classificação é mais para o cinco.

e4- Eu tive TIC no 10.º ano. Ajudou-me muito. Excel e Power Point principalmente. As experiências que tenho tido são em casa. Na escola só o indispensável. Dou 5.

E- Consideras-te preparado, ou apto para enfrentares a vida profissional, com os conhecimentos que deténs, ao nível das TIC?



e1- Eu também não. Terei de me desenrascar.

e2- Eu acho que não. Quando formos para a universidade, ou procurar amigos, ou alguém que saiba, ou então por nós próprios,

e3- Acho que não. Mas acho que tendo algumas bases, posso aprender facilmente. Uma pessoa quando quer e começando a mexer nos programas, consegue...

e4- Acho que não.

ANEXO VI

Transcrição da Entrevista ao Presidente do Conselho Executivo

Entrevista ao Presidente do Conselho Executivo

Agrupamento Vertical de Ourique

(1ª fase) *

E- Há quanto tempo se deu a fusão das escolas em Agrupamento Vertical?

e1- Salvo erro à sete anos.

E- Que vantagens/desvantagens trouxe a passagem a Agrupamento Vertical?

e1- Em relação ao órgão de gestão e de material nas salas, não houve a vantagem que se esperava. Em relação ao órgão de gestão, foi mais trabalho. Assim como os Serviços Administrativos, estes envolvem toda a parte de pessoal docente e alunos. E em relação aos dinheiros, não é à partida o que se esperava. Porque por ex. o Pré-escolar tem uma verba que vem do Pré-escolar, sempre dá para ajudar à gestão. Em relação ao 1.º ciclo não vem nada, ou seja o nosso orçamento é precisamente igual, antes de ser Agrupamento. O que quer dizer que as necessidades deles têm de ser colmatadas com ajuda dos pais, com a criatividade dos pais, optimização dos recursos, e depois pode haver mais ou menos ajuda da Câmara, mas isso depende da Câmara. Embora a escola ainda dê alguma ajuda, do seu orçamento e tenha gastos, que não tinha antes.

E- No que diz respeito ao material informático, uma vez que há a tutela da Câmara nas escolas do Pré-Escolar e 1.º Ciclo, que diferenças existem ao nível dos recursos disponíveis?

e1- Eles acabam por não terem aquilo que querem e nós também não beneficiamos nada com isso. Nós continuamos com os nossos recursos e eles com os deles, que são muito poucos. Apesar agora haver uma melhoria, só têm um computador em cada sala, que foi apetrechada no âmbito do projecto: “Internet na escola”, em que o 1.º ciclo recebeu um só computador. Claro que já foi há algum tempo, e os computadores já têm o seu desgaste, e só um é muito pouco. Claro que quando há alguma avaria, tem de ser a Autarquia a tentar recuperar, e por vezes não é fácil, depende da sensibilidade da Autarquia.

E- Em conversa com as colegas do 1.º ciclo e com os alunos, foi-me dito que apesar dos últimos esforços, como as instalações são tão antigas, a internet é ainda uma miragem. Gostaria que me desse a sua opinião.

e1- Sim provavelmente, ainda há muito a fazer. Eu sei que todas as escolas,... por parte da Câmara há uma fatia do orçamento para isso, vai tentar em que todas as sala exista mais um computador e uma impressora integrada. No entanto as ligações ainda não estão completamente terminadas. A própria E.B.1 de Ourique, que é a sede, a escola tem muitas salas e a própria construção do edifício, as paredes são muito grossas, e então a internet só deu para ser instalada, numa sala do rés do chão e outra no primeiro andar, que era a que estava por cima, devido à grossura das paredes. Nas outras salas não foi possível. Em relação às Escolas das freguesias ainda há muito a fazer, porque tem de se colocar tudo o que é necessário para que haja ligação à internet. Ainda não está terminado. Está-se a pensar fazer tudo isso, mas ainda não está terminado. Não serão muitos gastos, mas o que é certo é que ainda não está terminado

(2ª fase) *

No que diz respeito às TIC:

E- Como classifica, quanto à quantidade, o equipamento de TIC, disponível no Agrupamento?

e1- Não é suficiente. O 1.º ciclo e a Pré estão muito longe disso. E mesmo a própria escola sede, apesar de ter mais recursos, ainda não são suficientes, não considero que sejam suficientes.

E- E à qualidade?

e1- Portanto recebemos, conseguimos apetrechar uma sala com quinze computadores portáteis. Mas em relação ao que tínhamos temos uma sala que se pode dizer que está bem apetrechada, que funciona para o 9.º ano e secundário. Mas depois para outros alunos, e trabalhos, etc. temos uma terceira sala, com computadores, que foram dos primeiros que vieram, estão desactualizados, com pouca capacidade, velhotes e estão a precisar de uns arranjos.

E- O Agrupamento dispõe de equipamento e software actualizados?

e1- Ainda podemos melhorar, temos alguma coisa, mas ainda não é suficiente. Aliás este ano temos investido e estamos a tentar melhorar, agora com a sala dos portáteis, internet sem fios. Ainda é necessário investir mais, de modo a que todos os alunos, todos os professores, de todos os grupos possam ter acesso às mesmas coisas, bem como o órgão de gestão. Deixar de trabalhar tanto com o papel e mais com o software.

E- E quais os que ambiciona ter?

e1- Foi como acabei de referir...

E- Que evolução notou, em termos de apetrechamento informático, nos últimos cinco anos?

e1- A grande diferença foi realmente nos últimos cinco anos. Quando os alunos começaram a ter TIC no 9.º ano, e agora neste ano, quando vieram os computadores portáteis, que foi a nível do país, onde vieram 15 portáteis para os alunos e 10 para os professores. Porque até aí tínhamos muito pouco.

(3ª fase) *

E- Dispõe de conhecimentos/formações sobre a utilização das TIC, que considere indispensáveis ao cargo que desempenha?

e1- Eu acho muito importante, pois tudo está a caminhar nesse sentido. Embora eu, até seja dos elementos que utilize menos, mas há sempre colegas minhas que fazem isso, e eu ocupo-me mais de outras áreas. Já fiz formação, mas como não treino muito, não utilizo muito, acabei por não desenvolver. Penso que poderei fazer e devo fazer.

E- Quem iniciou a implementação das TIC nas escolas?

e1- Não foi um Professor ou outro, mas foi porque o próprio Ministério implementou e nós tivemos necessidade de aderir. Até porque existia a disciplina Não quer dizer que não tivéssemos um professor ou outro mais curioso, que já gostasse de trabalhar com as novas tecnologias.

E- Que tipo de (problemas/ obstáculos/ constrangimentos) surgiram, e como foram superados?

e1- Eu penso que não surgiram grandes problemas. Veio a sala montada, foi o próprio ministério montou a sala, sem gastarmos verba. Um caso ou outro que deu problemas, mas tínhamos contactos e foram resolvidos.

Na altura colocámos os computadores num 1.º andar perto da biblioteca, por questões de segurança. Na altura pareceu-nos ideal, mas disposição dos computadores era em U, e sala não era muito grande e depois chegámos à conclusão que roubava muito espaço. Para conseguir que levasse 28 alunos, dois por computador, os alunos ficavam apertados e não era funcional. Mais tarde com os nossos dinheiros mudámos a disposição da sala, e agora voltámos a montar a sala noutra bloco, em que a sala é maior, tem mais condições, mas tivemos que gastar da nossa verba.

E- Como caracteriza aqueles que as acolheram em primeiro/último lugar?

e1- Os alunos aderiram bem, gostam das Novas tecnologias. Os professores também, a maior parte...uns primeiros, outros mais tarde...apesar de alguns não terem conhecimentos suficientes. Mas pouco a pouco, de ano a ano, o próprio CENFOCAL, o centro de formação, foi dando formação nesse sentido, surgiram mais acções de formação sobre informática. E vimos que a maior parte das pessoas já tem conhecimentos de informática. Funcionários, é que estão...digamos num ponto mais atrás. Temos uns mais novos que já têm alguns conhecimentos, mas como temos um grande número pessoas mais idosas, perto da aposentação, aí há mais dificuldade, não se interessam muito em adquirirem esses conhecimentos.

E- Que tipo de recursos/medidas, são ou foram necessários para a integração das TIC?

e1- Eu penso que estamos a melhorar e que temos condições para fazer melhor. Há um ano atrás não tínhamos professor, no quadro de escola, e agora já temos um professor efectivo. O que significa uma melhoria na escola e permite que haja a possibilidade desse professor, dar uma ajuda a todos os órgãos da escola, incluindo professores e funcionários. Este ano já está a se feita formação para colegas que voluntariamente queiram melhorar as suas competências nessa área, apesar de já saberem alguma coisa, poder melhorar alguns aspectos. Funcionários, aí sim penso que ainda há muito para fazer. Mas o facto de termos alguns recursos na escola, podemos melhorar.

E- Qual o papel desempenhado pelas TIC ao nível dos currículos?

e1- Em relação aos professores, já temos praticamente tudo informatizado. Em relação aos alunos, quase todos os alunos já têm conhecimentos de informática, ou porque têm a disciplina, ou porque têm outra disciplina curricular ou não curricular e têm acesso às salas com os professores. E aí já têm, conhecimentos de informática.

Até ao momento, havia professores e entidades que queriam fazer mais, determinados trabalhos ao nível de turma mas não conseguiam porque os recursos eram insuficientes. Mas no mês de Dezembro, como chegaram os portáteis, os alunos têm mais oportunidades de utilizarem as TIC, até aqui só tínhamos uma sala. E como tal não se conseguia mais horas para trabalhar. E já se nota que estão a surgir mais turmas envolvidas em trabalhos com recursos aos computadores.

Faz parte dos currículos de algumas disciplinas, área de projecto e estudo acompanhado... uma vez que nesta escola, em termos de carga horária, os alunos só tinham 45 min. de TIC no 5.º ano, no 6.º ano não existia, no 7.º e 8.º também não até ao 9.º ano que havia a disciplina e depois desaparecia no secundário, Estavam alguns anos...tinham uma lacuna sem nada e de acordo com isto, em Conselho Pedagógico ficou definido que durante esses anos fossem dados conhecimentos informáticos , em Estudo Acompanhado e Área de Projecto. E daqui para frente ser alargado a todos e a mais turmas. Porque cada vez há mais exigência, cada vez

temos de gerir melhor, os maiores gastos da escola são sempre na informática, há mais desgaste...

E- As TIC tiveram e têm tido, algum impacte nos resultados académicos?

e1- Penso que sim, quer dizer... apesar do insucesso ser grande e dos resultados não serem muito altos. Se fizer uma retrospectiva ao ensino que tive enquanto aluno, os alunos de agora beneficiam com a aprendizagem da TIC, conseguem fazer melhores trabalhos e terem mais conhecimentos.

E- Em que medida é mais frequente a utilização das TIC pelos professores?

e1- Penso que quem tem computador em casa, trabalha mais em casa. No entanto já recorrem muito ao material da escola.

E- Quais são as áreas de docência, em que a utilização é mais frequente?

e1- Tirando as expressões não verbais... penso que quase todas já utilizam, tirava mesmo a Educação Física, Música, Educação Visual e Educação Tecnológica.

E- Quais são as utilizações mais comuns? (Professores e alunos)

e1- Pesquisa para trabalhos solicitados pelos professores, claro que depois também têm o seu tempo para a parte lúdica. Mas como o horário a nível de escola, obriga os alunos ao tempo que estão na escola tem praticamente sempre aulas, devido aos transportes, acaba por não haver tempo para actividades lúdicas. Praticamente é escola e casa.

E- Têm sido adoptadas medidas de incentivo à utilização das TIC?

e1- A disciplina de Matemática e Informática, têm projectos já desde o ano passado.

E- Estão accionados mecanismos de segurança para a utilização das TIC, por parte dos alunos?

e1- Em relação à segurança, na sala dos portáteis nós só deixamos os alunos acompanhados por um professor, não está aberta a tempo inteiro. Tem de estar sempre um professor ou um funcionário que tenha conhecimentos de informática, e

que esteja atento às situações, alunos mal-comportados, que danifiquem o material... Depois temos a outra sala com computadores mais antigos.

E- Como caracteriza os alunos que utilizam mais as TIC?

e1- Eu penso, que de um modo geral são todos.

E- Enumere alguns aspectos positivos/negativos resultantes do impacto das TIC nas escolas?

e1- Negativos não sei... Mas acho que é muito importante para os alunos.

(4ª fase) *

As escolas do Agrupamento recentemente receberam reforços ao nível das TIC. De acordo com isto:

E- Ao nível dos recursos humanos, quantas pessoas são necessárias para a manutenção dos novos recursos?

e1- Poderia integrar a equipa mais uma pessoa, temos um coordenador que é o professor de informática do quadro, um professor, ou um aluno mais velho. Essa equipa poderá ainda ser mais alargada.

E- Que falta fazer para ajudar a melhorar a disponibilidade das TIC no Agrupamento?

e1- Passaria por termos mais computadores, e a escola também se debate com falta de espaços, praticamente temos todas as salas ocupadas com aulas. Mais espaços diversos para os alunos.

E- Quais são os seus objectivos, nesse sentido?

e1- Melhorar as TIC, e a rede das TIC em todos os sectores da escola. Ficar tudo em rede e com a utilização de cartões. Mas para isso precisamos de umas somas avultadas e como tal não conseguimos fazer tudo de uma só vez.

Todos os gastos de uma escola acabam por sempre muitos. Temos de gastar equilibradamente e todos os dias, há gastos essenciais.

De uma forma geral, os factos denunciam que o apetrechamento informático nas escolas e a preparação dos professores está longe de corresponder aos desafios propostos nas reorganizações curriculares, o que pode fazer com que a integração e a utilização das TIC não passe de uma ilusão.

E- Concorda com esta afirmação? Porquê?

e1- Concordo. Apesar dos professores terem alguns conhecimentos, devem adquirir mais. Tenho um exemplo em casa, o meu filho que pela primeira vez está a ter TIC no 9.º ano, não chegou aprendeu mais sozinho em casa, sabe mais do que eu. Para já tem mais capacidade de lidar com as Novas Tecnologias. Daí nós, os professores termos de fazer alguma coisa.

Uma das directrizes apontadas pelo Ministério da Educação assenta no papel da Escola, como correctora de assimetrias sociais, permitindo uma igualdade de acesso às Tecnologias.

E- Na sua opinião, a escola é correctora dessas assimetrias ou por sua vez, fomenta-as directamente?

e1- O Concelho não é muito rico, há pessoas que não tem muitas condições económicas. Mas mesmo assim a maior parte das pessoas tem computador em casa, poderão não ter internet, mas computador têm. Para colmatar essa lacuna, de alguns que não tenham será a escola que terá de desempenhar esse papel, e é importante termos espaços.

E- De uma forma genérica, que grau de importância atribui à utilização das TIC no processo ensino-aprendizagem e na melhoria dos resultados académicos?

e1- Eu acho que pelo o que nós...temos vindo a observar que o futuro é a informático. Tem de se apostar mais, no processo ensino-aprendizagem.

E- Os alunos de 12.º ano mencionaram o facto de gostarem de vir a trabalhar com blogs, terem uma página da escola, para estarem mais abertos ao mundo?

e1- Essa parte temos muito pouco feito, temos um professor que está a trabalhar nessa área, e os alunos devem aproveitar essa área, aí sim acho que aprendem. Temos um projecto com outros países, República Checa e Itália, e essa poderá ser uma forma de comunicação. Quer a nível nacional, quer a internacional, a nível pessoal, cultura geral disciplinas têm muito a aprender.

* As fases da entrevista (1ª fase, 2ª fase, 3ª fase e 4.ª fase) correspondem respectivamente, ao que designámos de blocos c), d), e) e f) no guião da entrevista.

ANEXO VII

Transcrição da entrevista ao Administrador das TIC

Entrevista ao Administrador das TIC

Agrupamento Vertical de Ourique

(1ª fase) *

E- Como classifica, quanto à quantidade, o equipamento de TIC, disponível no Agrupamento?

e1- É assim, primeiro temos de começar por outra parte. A escola de Ourique, ou o Agrupamento, relativamente às escolas circundantes é a única que não tem um curso tecnológico de informática. E isso parecendo que não também pode, e faz pesar um pouco, na quantidade de equipamento que tem. Ou seja uma escola com um curso desses, à partida é sempre mais apetrechada com equipamento informático, do que esta escola. No entanto com agora, a vinda dos recentes portáteis, para além dos portáteis veio mais um projector de vídeo e um acesso sem fios, ou seja permite os computadores estarem ligados sem fios. Pode-se dizer actualmente, para aquilo que a escola oferece, em termos de cursos, neste caso em termos de informática, nem sequer existe nenhum curso, ou seja neste momento a escola acaba por estar bem perfeitamente bem apetrechada de equipamento. Poderá faltar um ou outro equipamento de hardware, mas de um modo geral penso que a escola de um modo geral reúne já algumas condições.

Essa tal sala dos portáteis, que foi criada, também teve de ser adaptada, sobretudo por causa da rede eléctrica, por em termos de fios, por ser uma rede sem fios não houve esse problema. Mas ou termos feito isso, o próprio bloco ficou a ganhar, com essa rede sem fios, ou seja, em termos práticos qualquer professor, pode pegar num portátil, ir para outra sala e aceder à internet, sem fios. O que é uma boa ferramenta, complementar, de trabalho para qualquer disciplina.

Na sala dos portáteis, falta ainda fixar o projector ao tecto, já lá tem uma impressora, mas em termos de trabalho, como consultar a internet, certos trabalhos, podem já ser feitos, aliás como é comprovado pela adesão dos professores..., que se verifica através da requisição da sala.

Para além da sala de portáteis e da sala TIC, existe ainda uma terceira sala, normalmente é mais utilizada pelos alunos quando têm furos, quando por qualquer

motivo têm tempo livre, podem utilizá-la, nessa sala estão computadores mais antigos, mas acaba por servir bem, para esse tipo de situações.

E- E à qualidade, que tipo de equipamentos de TIC a escola dispõe?

e1- Cá está, temos de voltar à questão..., se a escola tivesse outro tipo de oferta de cursos, se calhar teríamos de pensar, em termos mais equipamento, e até mesmo outro tipo de software. Para o que é oferecido neste momento pela escola, a informática de uma forma geral, para todos os cursos, a tal TIC. Penso que acaba por, não ser necessário, grandes actualizações. A única coisa que talvez, mas isto passa-se com esta escola e com as outras, é o acesso à internet, a velocidade. Porque é assim, com o aparecimento das redes sem fios, as redes internas das escolas tem tendência a ficar cada vez maiores, cada vez mais, com mais computadores. E daí quantos mais computadores estiverem a utilizar a internet, logicamente o acesso será mais lento. Mas estive presente no início do ano lectivo, numa reunião na DREA, com o Presidente do Conselho Executivo, onde nos foi dito que estão a tratar de melhorar a velocidade de acesso à internet nas escolas, ainda durante este ano lectivo. Que neste momento é de 1 Mb, e passará a ser de 2 Mb. Seria uma grande melhoria. Porque quando temos estes computadores... esta rede informática chega já actualmente, aos cinquenta computadores, o que já é muito computador.

E- E quais os que ambiciona ter?

e1- Sinceramente penso que não existe nada no horizonte. É assim, a vinda destes portáteis, só acontece porque realmente foi uma iniciativa do Ministério da Educação, e que no fundo contemplou todas as escolas. Porque se não fosse dessa forma, dificilmente teríamos tanto equipamento como temos actualmente. Várias razões... Se calhar uma delas, volto a dizer, é a escola não ter a oferta de um curso de informática. Outro dos problemas, se calhar é comum a quase todas as escolas, o aspecto financeiro. Por isso muito sinceramente, a curto prazo, penso que não esteja previsto a aquisição de algum equipamento mais significativo.

Só para complementar, o tal acesso sem fio, que veio com estes portáteis, entretanto adquirimos mais outro acesso. A escola já o tem, só falta mesmo montar, que iremos montar no outro bloco. Para fazer com que todas as salas tenham acesso à net sem fios.

E- O Agrupamento dispõe de equipamento e software actualizados?

e1- Por acaso, nessa parte, existe realmente uma escassez... realmente a escola não tem grande quantidade de software para por à disposição dos alunos. Pronto, talvez o facto de os alunos utilizarem muitas vezes a internet, e poderem ir buscar a informação que necessitam... mas confesso que é uma situação que poderia ser melhorada. Mas muitas vezes, o dinheiro é escasso, faz falta para outras situações, e a escola não tem investido neste aspecto.

E- Que evolução notou, em termos de apetrechamento informático, nos últimos cinco anos?

e1- Quando cheguei à escola no ano passado, a sala TIC, estava localizada noutra edifício, noutra sala, muito mais pequena que a actual, sem grandes condições, quanto a mim, estava noutra formato, que é o denominado U, que eu sinceramente não sou apologista desse formato, e pronto Havai bastante falta de espaço. Nem sequer tínhamos uma pequena bancada, para fazer reparação de computadores. E foi logo uma das minhas imposições, quando cá cheguei, mudarmos de sala. Ainda não tinha decorrido o primeiro mês de aulas, já a sala tinha sido alterada, para outra. Eu juntamente com uma firma que continua a dar assistência à escola “montámos”, então esta nova sala de TIC. Nesta sala foi então... instalado um projector de vídeo no tecto, bem como a tela. Como extra instalei um sistema de som, 5.1., dando maiores capacidades de multimédia à sala.

(2ª fase) */ (3ª fase) *

E- Dispõe de conhecimentos/formações sobre a utilização das TIC, que considere indispensáveis ao cargo que desempenha?

e1- Nunca se pode dizer que sabemos de tudo. É evidente que numa ou outra área, gostaria de ter formação. Para as disciplinas que lecciono, e para as que existem na escola, talvez não exista essa necessidade de formação. Agora... Não me refiro a mim, mas sim, ao restante grupo de docentes que existe na escola, se calhar.... aliás, para a próxima quinta-feira, amanhã, está previsto, eu juntamente com a minha

colega de grupo, começamos a dar uma pequena formação. Aos professores, sobretudo para eles poderem utilizar melhor a sala dos portáteis, porque o objectivo daquela sala é para eles. Ou seja, cada professor, nas suas disciplinas, em determinados conteúdos que leccionem, que seja necessário a utilização da internet, fazer uma apresentação de *power point*, por exemplo. Daí ter detectado, que ainda há muitos colegas, que realmente não reúnem os conhecimentos mínimos, para poderem utilizar, quer um computador, quer até mesmo o projector de vídeo. Talvez aí nesse sentido, talvez deva haver mais formação para os colegas, e é nesse sentido que vai haver a formação amanhã.

E- Quem iniciou a implementação das TIC nas escolas?

e1- É assim. Quando cá cheguei já existia a sala TIC. Que se não estou em erro, teria surgido no ano anterior... mas não tenha a certeza. É assim, não me posso julgar como o iniciador, que não fui de certeza mas... desde que cá estou penso muita coisa mudou. Muita coisa mudou... Também temos que ver outros pormenores, por exemplo quem está nos órgãos de gestão. Há aquelas pessoas que estão mais à vontade com as novas tecnologias, e também há os que não estão. No caso desta escola, há a situação é que dos cinco elementos que lá estão, o Presidente e mais uma ou outra, não estarem tão familiarizados com este tipo de comunicações, de tecnologia, e se calhar isso também pode pesar um pouco na evolução que as coisas estão. Mas neste momento, a escola neste momento acaba por não necessitar de grandes evoluções. O que a escola detém é suficiente, tendo em conta, mais uma vez, a oferta que existe na escola.

E- E em relação às EB1(s), quem é que faz o acompanhamento dessas escolas?

e1- Eu até penso... Por acaso é uma das questões que eu ainda não tive tempo de falar com mais atenção o Presidente do Executivo. Que é o facto de eu ser coordenador, eu penso que também tenho de ter aí uma palavra. Por acaso ainda não aconteceu, mas realmente eu queria se calhar durante este período, ter tempo para fazer um levantamento, eu ir mesmo às escolas, do que existe, das necessidades que existem, que tenho a certeza que deverão ser muitas. Mas cá está, até ao momento não foi possível, porque parecendo que não todos aos dias aqui na escola, há sempre algo para fazer, e sobretudo o facto de só agora a sala dos

portáteis estar a funcionar, o que nas últimas semanas me tem dado mais trabalho. Mas queria ver se até às férias da Páscoa, ia com o nosso Presidente ver então como está a situação das restantes escolas do Agrupamento.

E- Que tipo de (problemas/ obstáculos/ constrangimentos) surgiram, e como foram superados?

e1- Problemas... O principal às vezes é eu não ter tempo de fazer logo essas tarefas. Ça está, também noto por vezes as pessoas colocarem algum entrave, até porque não estão...e não falo só dos colegas, falo do resto da comunidade, auxiliares, parecem que ainda vêm esta área como estranha para eles. E noto que muitas vezes, em termos de motivação, o que estamos a fazer não é muito significativo. Também em contrapartida, há outras pessoas que notam que...

E- Que tipo de formação houve, ao nível do pessoal docente?

e1- De uma forma geral, noto que o grupo de docentes deste ano lectivo, não se sente muito à vontade, mas daí a necessidade, devido á nova sala, sala dos portáteis, de formação, para que possam utilizar a sala da melhor forma possível.

E- Que tipo de recurso/medidas, são ou foram necessários para a integração das TIC?

e1- É sobretudo imprescindível haver regras de utilização. Que é isso que será feito na sala dos portáteis. Os próprios tapetes de rato dos portáteis, os portáteis só por si só, não seria a melhor forma de os utilizar, optámos pela instalação de um rato em cada portátil, mas isto para chegar ao tapete de rato... que em vez de ser um tapete de rato, optámos por colar nos tampos das mesas uma folha A4, um pouco mais espessa, para no fundo servir de tapete e nessa folha estarem a regras de utilização, que os alunos deveriam e deverão cumprir. Desde o simples ligar do portátil, até o desligar.

E- Na sua opinião qual é a importância dada às TIC nos currículos?

e1- Por vezes, muitas disciplinas, o peso que deveriam de dar às TIC, continua a não ser muito. Mais uma vez entramos na questão, de o professor não se sentir à vontade, e daí essa situação ser mais evidente por isso. Mas quer queiramos ou não,

as TIC desempenham um papel cada vez mais fundamental, ou seja, podem permitir uma qualidade de ensino bastante melhor e que nos faz com que no retorno, o trabalho feito pelos alunos também seja de qualidade superior. Como já disse, nos projectos curriculares, o peso das TIC nem sempre está presente. Com o tempo as coisas terão de mudar, com mais equipamento e mais utilização, as pessoas acabarão por perceber que esta é uma das maiores ferramentas de ensino.

E- Em que medida é mais frequente a utilização das TIC pelos professores?

e1- A resposta não posso dar a 100%. Pelo que eu vejo os professores utilizam mais para proveito próprio, um ou outro que realmente utiliza para preparar aulas, fazer apresentações. Mas penso que é uma cota ainda pequena. Espero que com a nova sala, possa contribuir para que esse cenário mude.

E- Quais são as utilizações mais comuns? (Professores e alunos)

e1- Eu acho que não é só nesta escola, mas em todas provavelmente, a utilização mais frequente é o Messenger, consulta de *blogs* e *hi5*, em que eles acabam por ter um perfil, conhecer pessoas. É talvez a forma que eles mais utilizam as novas tecnologias, se bem que deveriam utilizar para actividades escolares. Mas neste momento eles utilizam-na mais sobretudo para isso, haverá aqueles que darão outro uso, claro.

E- Estão accionados mecanismos de segurança para a utilização das TIC, por parte dos alunos?

e1- O software (*Support school-net*), que já é utilizado desde o ano passado aqui na sala TIC, vai ser utilizado na sala dos portáteis. Este software é um pouco limitado, pois apenas consigo controlar vinte e cinco. Ah... mas pronto, é um software que permite, apagar um computador, bloquear operações, determinados endereços da internet, vigiar, com acesso aos monitores. Também permite operações do tipo mostrar a nossa área de trabalho aos outros computadores, permite que no caso de um aluno ter uma dúvida, todos os alunos conseguem ter acesso ao seu ambiente de trabalho. É um software que existe em português, com qual eu consigo gerir e controlar a aula, e do qual só tenho a dizer muito bem. Realmente só existe aqui na sala TIC e vai ser instalado na sala dos portáteis. Nos restantes computadores acaba

por não haver um grande controlo. Também não tem havido casos extremos, se tivessem existido, já teríamos tomado medidas, e se calhar instalado mais algum software para impedir isso, como também não tem acontecido, não tem havido necessidade, nos outros computadores.

E- Enquanto professor da disciplina de TIC. Caracterize de uma forma geral, o grau de conhecimento dos alunos ao nível da utilização das TIC.

e1- Portugal é dos países que utiliza mais o telemóvel, se olharmos por aí, podemos dizer que quase todas as pessoas tem um telefone móvel, para não falar naquelas que têm as três redes. Agora se vamos para a parte dos computadores, infelizmente ainda se nota que os alunos não têm computador em casa, e isso pode pesar no domínio que têm nas máquinas. Agora muitas vezes, depende da utilização que eles dão, há aqueles que não se interessam. Poderia dizer de uma forma genérica é uma utilização média, também não posso dizer que eles têm desconhecimento total... é média a utilização das TIC.

IPod, MP3, PEN USB, também se vai vendo, cada vez mais vão trazendo as *pens*, e algumas que permitem música. Não posso dizer que é uma grande massa que as possui, mas já se vai vendo.

E- Enumere alguns aspectos positivos/negativos resultantes do impacto das TIC nas escolas?

e1- Positivo, é uma ferramenta que lhes permite, ou pelo menos deveria, organizar seu trabalho escolar; podem melhorar a qualidade do trabalho que vão fazendo ao longo dos anos na escola.

Mas isto é como tudo, também pode haver desvantagens, se eles utilizarem só para se divertirem e não aproveitarem para escola. Muitas vezes como já disse, os hi5 e Messenger, e noto que há alunos que utilizam só para fazer isso. Ora se o fizerem apenas dessa forma, nunca irão aproveitar muito bem as Novas Tecnologias. Mas também, temos de ver que permite, e muitos alunos têm melhorado, com este maior acesso às tecnologias, e não falo só dos portáteis, que vêm fazer com que muitos melhorem.

E- Os alunos referem que apenas na disciplina de TIC é que aprenderam e conseguem identificar experiências. Gostaria que comentasse.

e1- Eu penso que se o Português e a Matemática são muito importantes, penso que as TIC destas três seria neste momento a mais importante de todas. Porque deveria entrar nos currículos mais cedo do que é. Neste momento ela existe como obrigatória a partir do 9.º ano. Mas muito sinceramente, eu acho que pelo menos no 7.º ano, independentemente do curso que optassem, deveria haver uma disciplina presente no percurso escolar dos alunos. É realmente de lamentar que os alunos que estão nos 11.º e 12.º só tenham aprendido nos últimos anos, e saibam pouco, é realmente este termo. Eu sou daquelas pessoas que defende que esta disciplina com outro nome, ou finalidade... Actualmente a escola até têm como oferta a disciplina, para o 5.º ano, com carga horária de 45min, o que é bastante pouco. Na minha opinião esta disciplina deveria ter dois blocos por semana, especialmente com turmas grandes.

E- Sei que no seu horário, tem uma carga lectiva que lhe foi atribuída para apoio e manutenção às TIC. Considera essa carga horária suficiente?

e1- Não, isso realmente não é. Tenho nove horas de redução. Mas muitas vezes dou por mim a dar aulas e estar a ser interrompido e ter fazer mais coisas ao mesmo tempo. Eu muito sinceramente acho que deveria haver no quadro de escola uma pessoa dedicada quase exclusivamente para a parte das assistências. As pessoas não têm noção do tempo que as coisas levam. Quem está dentro desta área vive num stress. Como coordenador de TIC, acabo por fazer muitas coisas que fogem ao coordenador de TIC, executo mais do que o que coordeno.

De uma forma geral, os factos denunciam que o apetrechamento informático nas escolas e a preparação dos professores está longe de corresponder aos desafios propostos nas reorganizações curriculares, o que pode fazer com que a integração e a utilização das TIC não passe de uma ilusão.

E- Concorda com esta afirmação? Porquê?

e1- Com o que temos, que já é bastante bom, falta agora maximizar a utilização este equipamento. Melhorar a forma como mexemos nos computadores e o proveito que

tiramos deles. Daí parte a necessidade de os professores, os que têm mais dificuldade, poder vir a adquirir conhecimento, e vir a utilizar mais o computador. Porque não é só o professor de TIC e mais um ou dois, que saibam minimamente mexer que é importante, qualquer professor de outra disciplina, deve ter os conhecimentos mínimos, para que em qualquer situação, das mais simples e banais, saber resolver. E mesmo tirar-me muito stress de cima. Evitaria situações que tenho de ser eu ou a minha colega de grupo, quando a situação no fundo a situação poderia ser resolvida à partida pela pessoa. É talvez uma das tarefas e desafios que temos neste momento, consciencializar e fornecer conhecimento às pessoas para saberem utilizar e transmitir conhecimento aos alunos.



ANEXO VIII

**Grelha de Análise de
Conteúdo das Entrevistas**

GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Frequência das unidades de registo
Equipamento Existente			

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
Perspectivas sobre a utilização das TIC		

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Perspectivas sobre o futuro da Utilização das TIC		



ANEXO IX

**Grelha de Inventário do
Material**

INVENTÁRIO

Grelha de Contagem de Material

Nome do Local	
Data	
Observações	

Nome do material	Quantidade	Caracterização do equipamento	Segurança, Armazenamento	Disponibilidade, Ligação à net	Observações

Nome do material	Quantidade	Caracterização do equipamento	Segurança, Armazenamento	Disponibilidade, Ligação à net	Observações